

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

LAÍS LAGRECA DE CARVALHO

**A VOLIÇÃO PRESENTE NO VERBO *QUAERO*: UM ESTUDO
A PARTIR DE PEÇAS DE PLAUTO E DE SÊNECA**

JUIZ DE FORA

2019

LAÍS LAGRECA DE CARVALHO

**A VOLIÇÃO PRESENTE NO VERBO *QUAERO*: UM ESTUDO
A PARTIR DE PEÇAS DE PLAUTO E DE SÊNECA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

JUIZ DE FORA

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Carvalho, Laís Lagreca de.

A volição presente no verbo quaero: um estudo a partir de peças de Plauto e de Sêneca / Laís Lagreca de Carvalho. -- 2019.

132 f. : il.

Orientador: Fábio da Silva Fortes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2019.

1. Latim. 2. Plauto. 3. Sêneca. 4. Verbo. 5. Volição. I. Fortes, Fábio da Silva, orient. II. Título.

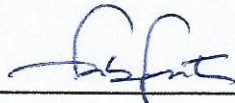
LAÍS LAGRECA DE CARVALHO

**A VOLIÇÃO PRESENTE NO VERBO QUAERO: UM ESTUDO A PARTIR DE
PEÇAS DE PLAUTO E DE SÊNECA**

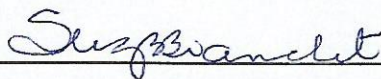
Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em: 13 / 08 / 2019

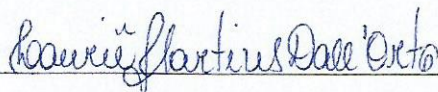
Banca examinadora:



Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profa. Dra. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet – Membro externo
Universidade Federal de Minas Gerais



Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

LAÍS LAGRECA DE CARVALHO

**A VOLIÇÃO PRESENTE NO VERBO *QUAERO*: UM ESTUDO A PARTIR
DE PEÇAS DE PLAUTO E DE SÊNECA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Submetida, em de 13 de agosto de 2019, à seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet – Membro externo
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite – Suplente externo
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Suplente interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Agradecimentos

Eu tenho tanto a agradecer...

Agradeço a Deus pela oportunidade de continuar os estudos e de realizar este trabalho. Ele, sem dúvidas, não me permitiu desistir diante dos obstáculos encontrados.

Agradeço a proteção da “minha” santinha Teresinha, que nunca me abandona.

Agradeço a meu esposo, Marco Aurélio, que sempre me incentivou a estudar, sempre me escutou, sempre esteve ao meu lado me apoiando e me fortalecendo durante a trajetória do Mestrado.

Agradeço aos meus pais, Luís Carlos e Ana Célia, que, mesmo que para eles fosse uma novidade dizer que a filha estava fazendo “Mestrado”, sempre me apoiaram. Nunca vou esquecer do meu pai me acalmando, mesmo distante, no dia da prova de seleção. Isso não tem preço... só o amor explica.

Agradeço a meus irmãos, Paula e Igor, por todo apoio.

Agradeço à minha madrinha, Fátima, por sempre segurar a minha mão.

Agradeço aos meus avós, Mercelino, Maria, Victor e Mathildes (*in memoriam*), por me inspirarem com seus exemplos de vida.

Agradeço à minha sogra e amiga, Adriana, por estar sempre ao meu lado.

Agradeço à minha mais nova e especial companhia: Lulu, meu amor de quatro patas. Com certeza, ela me ajudou a concluir este trabalho, com todo amor que nasceu em mim.

Além da família, os amigos são fundamentais. Assim, agradeço a Lauriê Dall’Orto, que me apoiou nos momentos difíceis com palavras de incentivo. Agradeço ao amigo Fernando Freitas, excelente pesquisador, que sempre me escutou pelos corredores da faculdade e sempre foi tão solícito em contribuir para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço às amigas Simone Almeida, Clarice Oliveira, Hendielmara Barbosa, Adriana Oliveira e Viviane Matos, que muito me ajudaram com suas conversas e palavras amigas durante essa caminhada.

Agradeço a Getúlio Coelho de Medeiros, psicólogo da UFJF, por ter me ajudado a acalmar minha mente nos momentos difíceis passados durante o curso de Mestrado.

Agradeço a todos que, no âmbito acadêmico, contribuíram para a realização deste trabalho: os professores de Linguística da UFJF, os quais acompanho desde a

graduação. Como aprendi com eles! Eles contribuíram não só para a elaboração deste trabalho como também para a formação da profissional que sou hoje.

Agradeço à Professora Doutora Fernanda Cunha Sousa por ter me acompanhado desde a Iniciação Científica e ter incentivado a pesquisa relacionada ao verbo *quaero*.

Agradeço, em especial, ao Professor Doutor Fábio da Silva Fortes, que, desde o início da minha graduação, me incentivou à atividade de pesquisa, e agora, no Mestrado, esteve de braços abertos para me receber e, assim, podermos continuar e concluir este trabalho. Sou uma admiradora do seu trabalho, como professor e pesquisador, e sou muito grata por ter tido a oportunidade de aprender ainda mais com ele.

Agradeço à coordenação do PPG-Linguística da UFJF. Agradeço à Professora Doutora Ana Cláudia Peters Salgado, coordenadora do programa, e à secretária Izabel T. Jesus, por todo apoio durante o curso.

Agradeço também à CAPES pela bolsa concedida durante o período em que cursei o Mestrado.

Agradeço ainda aos membros titulares e suplentes da banca examinadora desta dissertação, pela disponibilidade de leitura deste trabalho: as professoras Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet, Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto, Leni Ribeiro Leite e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda.

“Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito.”

Chico Xavier

RESUMO

O presente trabalho se enquadra na linha de pesquisa “Linguagem e Humanidades” do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e tem como objetivo geral investigar a presença da volição no verbo latino *quaero*, antecessor do verbo “querer”, que no português e no espanhol representa o volitivo prototípico. Para realizar nossa pesquisa, lançamos mão de uma perspectiva linguística de cunho funcionalista, uma vez que os dados analisados estão inseridos em seus contextos de uso e que a língua representa um conhecimento interdependente da situação em que ocorre. Nesse sentido, almejamos entender a semântica volitiva presente no verbo latino *quaero*, que, no entanto, não é comumente reconhecido como um verbo volitivo em gramáticas da língua latina. Partindo do fato de que no português e no espanhol o verbo “querer” ocupa a posição de verbo prototípico para expressar volição, objetivamos verificar se *quaero* apresentava o sentido de volição em textos latinos de autores de períodos distintos, quais sejam: Plauto, a partir do estudo das ocorrências nas peças *Estico* e *Anfitrião*; Sêneca, com *As Troianas* e *Medeia*. Buscamos analisar qualitativamente o contexto discursivo das ocorrências do verbo *quaero* nessas obras, bem como seu comportamento morfossintático, a fim de verificar a presença do sentido de volição associado a esse verbo em tais contextos e descrever que fatores concorrem para tal. Os resultados apontam que o verbo *quaero*, nas obras selecionadas, apresenta semântica volitiva que permeia o contexto discursivo da cena. Embora reconheçamos as limitações dos dados encontrados, essa semântica volitiva ampla presente nas cenas contribui para o uso volitivo do verbo *quaero*.

Palavras-chave: Latim. Plauto. Sêneca. Verbo. Volição.

ABSTRACT

The present work is part of the line of research “Language and Humanities” of the Graduate Program in Linguistics at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF) and aims to investigate the presence of volition in the Latin verb *quaero*, predecessor of the verb *querer*, which in Portuguese and in Spanish represents the prototypical verb of volition. In order to conduct the research, we made use of a functionalist perspective in Linguistic, in such a way that the analyzed data are inserted in their contexts of use, since the language represents knowledge interdependent upon the situation in which it occurs. Thus, we aim to understand the volitional semantics of the Latin verb *quaero*, which notwithstanding is not commonly acknowledged as a volitional verb in Latin grammars. Based on the fact that in Portuguese and in Spanish the verb *querer* serves the purpose of the prototypical verb for expressing volition, we intend to verify whether *quaero* presented the sense of volition in Latin texts by authors of different periods, namely: Plautus, through the study of occurrences in the plays *Stichus* and *Amphitryon*; Seneca, with *Troades* and *Medea*. We intend to qualitatively analyze the discursive context of the occurrences of the verb *quaero* in these works, as well as its morphosyntactic behavior in order to verify the presence of the sense of volition associated with this verb in such contexts and describe what factors contribute to this. Results indicate that the verb *quaero* in the selected works presents volitional semantics that permeate the discursive context of the scene. Although we acknowledge the limitations of the data found, these ample volitional semantics present in the scenes contribute to the volitional use of the verb *quaero*.

Keywords: Latin. Plautus. Seneca. Verb. Volition.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Tipo de sujeito nas ocorrências de *quaero* em *Estico* e *Anfitrião* (Plauto) e *As Troianas* e *Medeia* (Sêneca).....103
- Figura 2 – Modo e tempo verbal das ocorrências de *quaero* em *Estico* e *Anfitrião* (Plauto) e *As Troianas* e *Medeia* (Sêneca).....104
- Figura 3 – Complemento verbal das ocorrências de *quaero* em *Estico* e *Anfitrião* (Plauto) e *As Troianas* e *Medeia* (Sêneca).....104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese do tratamento de <i>uolo</i> e de <i>quaero</i> nas gramáticas e nos manuais.....	28
Quadro 2 – Verbos de “tentar conseguir” fase latina (ANGUITA JAÉN, 2010, p. 332)	30
Quadro 3 - Verbos de “tentar conseguir” continuação no romance (ANGUITA JAÉN, 2010, p. 333)	31
Quadro 4 – Sentidos volitivos de <i>quaero</i> em <i>Estico</i> e <i>Anfitrião</i> (Plauto) e <i>As Troianas</i> e <i>Medeia</i> (Sêneca).....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências de <i>quaero</i> na obra <i>Ad Atticum</i> de Cícero	35
Tabela 2 – Contabilidade de ocorrência de <i>quaero</i> nos <i>corpora</i>	53

SUMÁRIO

Introdução	14
CAPÍTULO I – Fundamentação teórica	17
1.1. O Funcionalismo Linguístico: revisão teórica	17
1.2. Modalidade e volição.....	18
1.3. Os verbos volitivos.....	21
1.4. <i>Irrealis</i> e Futuridade.....	22
1.5. <i>Volo</i> e <i>quaero</i> : uma revisão da literatura.....	26
1.6. <i>Quaero</i> , verbo volitivo: uma abordagem preliminar em Cícero.....	34
CAPÍTULO II – Estudo de uma língua clássica: contextualização dos <i>corpora</i> e procedimentos metodológicos	39
2.1. Apresentação e descrição dos <i>corpora</i>	39
2.1.1. A perspectiva “diacrônica” – latim plautino vs. latim senequiano.....	39
2.1.2. Sobre a comédia e sobre Plauto.....	46
2.1.3. Sobre a tragédia e sobre Sêneca.....	47
2.1.4. O enquadre discursivo das peças que integram os <i>corpora</i>	49
2.2. Critérios e métodos de análise.....	52
2.3. A pesquisa qualitativa: algumas questões teórico-metodológicas.....	55
2.5. A pesquisa de uma língua clássica: limitações da pesquisa e dos <i>corpora</i>	56
CAPÍTULO III – Semântica volitiva de <i>quaero</i>	59
3.1. Análise das obras de Plauto, <i>Estico</i> e <i>Anfitrião</i> , e de Sêneca, <i>As Troianas</i> e <i>Medeia</i>	59
3.1.1. <i>Estico</i>	61
3.1.2. <i>Anfitrião</i>	69
3.1.3. <i>As Troianas</i>	79
3.1.4. <i>Medeia</i>	90

3.2. Considerações sobre as análises.....	101
Considerações finais.....	106
Referências bibliográficas.....	108
Anexo.....	112

Introdução

A presente dissertação representa uma investigação realizada durante o curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. A proposta de trabalho aqui apresentada enquadra-se na linha de pesquisa Linguagem e Humanidades, no projeto Língua e Cultura Clássicas: Permanência e Transmutação ao Longo da História, coordenado pela Professora Doutora Fernanda Cunha Sousa.

A presente dissertação consiste em uma continuação do trabalho realizado na Iniciação Científica (doravante IC), o qual teve como resultado a produção do artigo “*Quaero* e a expressão da volição” (CARVALHO; SOUSA, 2016). Em Carvalho e Sousa (2016), buscamos usos do verbo latino *quaero*, na obra *Ad Atticum* de Cícero, que justificassem o *status* de seu sucessor morfofonológico “querer” como “um volitivo prototípico e mais produtivo” (OLIVEIRA, 2016, p. 18) do português e também do espanhol.

Desse modo, questionamentos colocados na pesquisa de IC se estendem a este trabalho. Ao olharmos para o verbo “querer” que, no português e no espanhol, representa, dentre os verbos que exprimem desejo, o volitivo prototípico, refletimos sobre a sua origem no verbo latino *quaero* e nos perguntamos se também nesse verbo latino já estaria presente traços de uma semântica volitiva. Tal questionamento tem uma razão de ser: ainda que na saída de *quaero* no Novíssimo Dicionário Latim – Português (SARAIVA, 2006) haja o sentido de “desejar” como uma possibilidade para esse verbo, o contato com textos latinos e suas traduções, bem como a leitura de gramáticas e manuais da língua latina, nos mostra que a preferência desse campo semântico no latim clássico parece ser do verbo *uolo*. O verbo *uolo* sempre é listado entre os chamados *uerba uoluntatis* e, diferentemente do que acontece com *quaero*, tem como primeiro sentido na saída do dicionário “desejar”. Além disso, *uolo* chegou como forma verbal, expressando a volição, nas demais línguas latinas¹, mantendo seu sentido desde o latim. O verbo *quaero*, por outro lado, por mais que tenha como um possível sentido “desejar”, segundo Saraiva (2006 [1927]), não aparece listado entre

¹No português e no espanhol, *uolo* não chegou como forma verbal, mas está presente em outras classes de palavras como “vontade, *voluntad*”, “volúpia, *voluptuosidad*”, “voluntarioso, *voluntarioso*” etc. É interessante apontar que, mesmo no catalão, *uolo* chegou como forma verbal, uma vez que temos *voler*. Além disso, temos no francês, *vouloir*, no italiano, *volere*, no romeno, *a vrea*.

os *uerba uoluntatis* e, muito frequentemente, é traduzido pelo sentido de “procurar” (deslocar-se no espaço em busca de) contribuindo para a não percepção de uma semântica volitiva.

Em estudo preliminar (CARVALHO; SOUSA, 2016), realizamos análises do verbo *uolo* em *Ad Atticum*, *corpus* usado para as análises de *quaero*, a fim de contrastar as ocorrências desses verbos e identificar semelhanças e diferenças. Naquela ocasião, o estudo realizado através de análise dos verbos *quaero* e *uolo* demonstrou forte presença do uso do modo subjuntivo nas ocorrências de *uolo*, o que não acontecia com a mesma frequência nas ocorrências de *quaero*. Esse ponto parecia corroborar a classificação daquele verbo como volitivo, uma vez que, como Sousa (2011) aponta, o modo subjuntivo já tem aliado a seu uso um sentido de volição. No entanto, essa constatação não parece excluir a volição de *quaero*, na medida em que, semanticamente, a volição poderia ser percebida através da análise das ocorrências.

Mantendo a hipótese de o verbo *quaero* em latim já apresentar traços semânticos associados à volição, independentemente do verbo *uolo*, temos como meta nesta pesquisa de caráter qualitativo ampliar o *corpus* de análise, incluindo textos relativos a duas temporalidades de uso da língua latina – com as peças *Estico* e *Anfitrião* de Plauto, séc. III a.C. e as peças *As Troianas* e *Medeia*, de Sêneca, século I d.C. – a fim de:

1. identificar as ocorrências de *quaero* nesses textos;
2. verificar a existência de sentidos associados à volição neles;
3. descrever e analisar, tendo em vista as questões de forma e o contexto discursivo, a semântica da volição associada ao verbo *quaero* nesse subconjunto de textos.

Para a análise das obras latinas nesta dissertação, foram utilizadas as seguintes traduções de apoio:

- *Estico*: CARDOSO, Isabela Tardin. *Estico de Plauto*: introdução, tradução e notas. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- *Anfitrião*: COSTA, Lilian Nunes da. *Anfitrião de Plauto*. Introdução, tradução e notas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- *As Troianas*: CARDOSO, Zélia de Almeida. *As Troianas*. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.

- *Medeia*: FREITAS, Renata Cazarini. *Cuncta quantiam – Medeia abala estruturas*. O teatro de Sêneca e sua permanência na cena contemporânea: tradução e estudo da recepção. São Paulo, 2015.

Esta dissertação de Mestrado organiza-se da seguinte forma: primeiramente, apresenta-se o capítulo da fundamentação teórica; em seguida, o capítulo de procedimentos metodológicos, seguido pelo capítulo que apresenta a análise de dados. Em seguida, temos as considerações finais e, por último, as referências bibliográficas. O capítulo I tem por objetivo apresentar os pressupostos gerais da Linguística Funcional, os quais servem como embasamento teórico para o trabalho que desenvolvemos, uma vez que a nossa maneira de ver a língua vai ao encontro dos pressupostos funcionalistas. Ainda nesse capítulo, apresentamos uma revisão bibliográfica acerca da semântica da volição, discutindo as noções de futuridade e de *irrealis*. Por fim, retomamos, brevemente, a título de exemplificação, a pesquisa preliminar realizada na IC, a qual teve como *corpus* de análise a obra *Ad Atticum* de Cícero, cujos resultados representam ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa. O capítulo II traz informações sobre o modo como este trabalho se desenvolveu, apresentando e justificando os *corpora* analisados, indicando a forma como foram analisados, bem como indicando elementos relacionados ao contexto, gêneros literários envolvidos e procedimentos de análise do fenômeno observado, consoante a teoria funcionalista. O capítulo III concentra a análise dos dados deste trabalho. Nesse capítulo, expomos os dados acompanhados de suas análises, somando as informações trazidas no trabalho até então. Por fim, nas considerações finais, apresentamos as conclusões obtidas no presente trabalho bem como as possibilidades de trabalhos futuros.

CAPÍTULO I

Fundamentação teórica

1.1. O Funcionalismo Linguístico: revisão teórica

Primeiramente, ao tratarmos de análises linguísticas de cunho funcionalista, é preciso ter em mente algumas premissas levantadas por Givón (1985) as quais caracterizam a concepção de língua da linguística funcional: a língua é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; a estrutura não é arbitrária; mudança e variação estão sempre presentes; o sentido é contextualmente dependente e não atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável e não rígida e as gramáticas permitem algumas exceções. Nesse sentido, observar a língua a partir dessa perspectiva é entender que seu funcionamento depende do contexto sociocultural em que ocorre e de seus propósitos comunicativos, de modo que a forma linguística tenha uma motivação que justifique sua existência.

Ao concordarmos com essa visão da linguagem, admitimos ver a língua como um instrumento de comunicação que depende das necessidades comunicativas para existir e, por essa razão, não pode ser analisada como um objeto independente e autossuficiente. Nesse sentido,

a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2015, p. 21)

Sendo assim, seguimos a linha da Linguística Funcional Baseada no Uso, pois os dados analisados são fontes autênticas de uso da língua, ainda que sejam textos literários – que representam uma forma de uso linguístico –, como discutimos no capítulo II. Sendo assim, como se discute nos próximos capítulos, nossa análise se estrutura a partir da compreensão dos enquadres comunicativos e discursivos de

cada uma das passagens analisadas concomitantemente ao estudo da estrutura gramatical presente nas ocorrências específicas. Nesse sentido, nosso trabalho vai ao encontro dos pressupostos funcionalistas, pois essa perspectiva

representa uma tentativa de explicar a forma da língua a partir das funções que ela desempenha na interação. Admite que um grande conjunto de fenômenos linguísticos fundamentais é o resultado da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua. Se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, que se alternam como falantes e ouvintes, essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico. (FURTADO DA CUNHA, 2001)

Como aponta Castilho, “a teoria funcionalista considera que a gramática das línguas naturais é um conjunto de escolhas formuladas pelo falante. Essa gramática não é estática” (CASTILHO, 2012, p. 22). É preciso analisar, então, os dados linguísticos considerando as influências extralinguísticas advindas das necessidades comunicativas.

Assim, tendo tratado do pressuposto mais amplo que rege nossa pesquisa – a perspectiva funcionalista da linguagem – dedicamos a próxima seção ao tratamento da volição, noção que orienta a nossa hipótese de que o verbo latino *quaero* possuía também essa matriz semântica nos textos antigos.

1.2. Modalidade e volição

Entendemos, conforme Neves (2006), a volição como uma modalidade.

Neves (2006) afirma ser possível propor que não existem enunciados não modalizados, se a modalidade representar um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva. A autora afirma que, do ponto de vista comunicativo-pragmático, em realidade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, pois o falante não deixa de marcar de alguma forma seu enunciado em termos de verdade do fato expresso, assim como não deixa de imprimir no enunciado certo grau de certeza.

Travaglia (1991, p. 66) entende por modalidade a “indicação da atitude do falante em relação ao que diz; a explicitação de sua atitude face à situação que exprime numa proposição; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz”.

Oliveira (2016) afirma que, recorrentemente, defende-se que essa categoria se divide em diferentes subtipos, e, dentre estes, encontra-se o volitivo.

Segundo Neves (2006), não é simples delimitar o campo linguístico da modalidade, e parte dessa dificuldade está relacionada com a interrelação existente entre o conceito de modalidade e conceitos lógicos, como “possibilidade” e “necessidade”. Tal interrelação se justifica pelo fato de os estudos da modalidade terem origem na Antiguidade Clássica, especificamente na lógica aristotélica. Para Neves (2006), a Lógica Formal se dedica à análise da estrutura formal das modalidades com base em valores de verdade, sem considerar o enunciador. Por outro lado, os estudos linguísticos não consideram a modalidade somente dentro de uma perspectiva de representação da realidade com vistas a aferir valores de verdade ou falsidade. Nesse sentido, o fenômeno, tal como se observa nas línguas naturais, nem sempre é fiel aos princípios estritamente lógicos. Assim sendo, no campo dos estudos linguísticos, não é possível preterir a consideração do enunciador, do contexto e do objetivo discursivos dos enunciados.

De acordo com Neves (2006, p. 159), “necessidade” e “possibilidade” são as noções colocadas tradicionalmente na base da subtipologização das modalidades. Para a autora, ainda que elas representem categorias distintas, tais noções não são independentes. Além disso, podem ser pensadas a partir de subcategorias modais: a alética, a epistêmica, a deôntica, a volitiva e a disposicional. A modalidade alética, ou lógica, está exclusivamente relacionada à verdade necessária ou contingente das proposições (NEVES, 2006, p. 159):

- (1) *A água pode ser encontrada em estado sólido, líquido ou gasoso.*
(possibilidade alética)
- (2) *Mas, se a terra é uma bola e está girando todo dia perto do Sol, não deve ser verão em toda a Terra?* (necessidade alética)

Neves (2006, p. 159) pontua que “a modalidade alética tem relação com o mundo ontológico, refletindo a escala lógica que vai do necessário ao impossível, passando pelo possível e pelo contingente”. Desse modo, ainda que essa subcategoria seja central na lógica, a modalidade alética é raramente detectada nas línguas naturais, na medida em que o comprometimento da modalização alética com a verdade relacionada a mundos possíveis torna pouco claros no discurso comum casos de sentenças em que sejam apenas aleticamente modalizadas. Portanto, Neves conclui que, ao contrário das modalidades deôntica e epistêmica, a modalidade

alética não representa matéria privilegiada de investigação nos estudos das línguas naturais, que levam em conta ocorrências reais de uma língua.

Segundo Neves (2006, p. 160), “a modalidade epistêmica se relaciona à necessidade e à possibilidade epistêmicas, que são expressas por proposições contingentes, ou seja, que dependem de como o mundo é”. A autora destaca, ainda, que o “conhecimento do falante sobre o mundo é representável como um conjunto de proposições. Uma proposição p é epistemicamente necessária se p for acarretada por aquilo que o falante sabe sobre o mundo, e uma proposição p é epistemicamente possível se p for compatível com aquilo que o falante sabe sobre o mundo”:

(3) – *Esta moça está lá dentro?*

– *Deve estar. Quer que mande chamá-la?* (necessidade epistêmica)

(4) *Lá fora, o sol da tarde pode estar dourando tudo.* (possibilidade epistêmica)

Para Neves (2006, p. 160), a modalidade deôntica diz respeito a obrigações e permissões. “Uma proposição p é obrigatória se não é permitido que p , e é permitida se não é obrigatório que p ”:

(5) *Primeiro eu vou mostrar ao senhor a baixada. Lá eu posso arranjar um animal para Ricardo, com Benedito da Olaria. Almoçamos aqui. Depois do almoço, Ricardo pode ir com a gente.* (possibilidade deôntica)

(6) *Ângela, é preciso tomar cuidado e não exagerar: você não deve estragar Mário.* (necessidade deôntica)

A autora destaca que a modalidade deôntica “está condicionada por traços lexicais específicos ligados ao falante ([+controle]) e, de outro lado, implica que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo” (NEVES, 2006, P. 160).

A modalidade bulomaica, ou volitiva, conforme Neves (2006, p. 160), se relaciona com “a necessidade e a possibilidade, relacionadas aos desejos do falante”:

(7) *Não pode ser. Seria sorte demais... Você quer dizer que o nosso Hipólito foi traduzido por Lutércio, do grego? Meu Deus! Não pode ser verdade. Seria a primeira tradução conhecida, de Eurípedes, em latim. Coisa de fazer inveja até a Petrarca, meu querido!* (possibilidade volitiva)

(8) *Desta vez o título deve ser nosso.* (necessidade volitiva)

Por fim, a modalidade disposicional ou habilitativa, segundo Neves (2006, p. 160-161), se relacionada com disposição, habilitação e capacitação:

- (9) *Os reimplantes são completados. A Criatura, mesmo renga, pode andar.* (possibilidade disposicional)
- (10) *O premiê britânico, John Major, disse ontem em entrevista à BBC que a princesa Diana deve ter um papel “digno” na vida pública.* (necessidade disposicional)

É possível observar que, dentre as modalidades expostas por Neves (2006), está presente a modalidade volitiva. Segundo Travaglia (1991, p. 68), devido ao fato de a volição ter origem na vontade/no desejo do falante, ela abarca as noções de intenção e opção (injunção quando o enunciador não tem controle sobre a realização da situação). Para o autor, dentro da modalidade volitiva, a determinação sobre a realização de uma ação se origina da vontade, do desejo do locutor. Para Casimiro (2007), a volição está relacionada, frequentemente, a outros valores semânticos, “como vontade, desejo, esperança e promessa, [...] que designam algum tipo de intenção do falante em direção a um fato possível” (CASIMIRO, 2007, p. 22). No português, Casimiro (2007) destaca que a manifestação da modalidade volitiva “pode ser expressa por meio de itens lexicais (verbos, nomes e adjetivos) ou gramaticais (morfemas de modo e de tempo)” (CASIMIRO, 2007, P. 24-25).

1.3. Os verbos volitivos

Com relação ao conceito de verbo, corroboramos a definição de Travaglia (2002, p. 97):

A classe de palavras que exprime situações inseridas no tempo, e que tem um grande número de flexões marcadas de número-pessoa e tempo-modo e que do ponto de vista sintático seria o atribuidor de papéis argumentais ou como se diz tradicionalmente o termo necessário do predicado. O verbo tem associado a ele a expressão de várias categorias: o número e a pessoa (que seriam categorias nominais repetidas no verbo) e o tempo, modo, aspecto e voz (que seriam as categorias propriamente verbais). (TRAVAGLIA, 2002, p. 97)

Para Oliveira (2016), em relação aos verbos volitivos, “tal classe apresenta um sentido basilar predominantemente relacionado à vontade do referente-sujeito” (OLIVEIRA, 2016, p. 58). Para a Cezário (2001), o sujeito dos verbos volitivos pode trazer, além do sentido volitivo, a noção de manipulação. Essa manipulação fica

evidente quando o complemento do verbo denota um evento a ser desempenhado. Nesse sentido, a autora chama atenção para o fato de o uso desses verbos se relacionar a sujeitos com características humanas, característica que, por sua vez, licencia a semântica de um sujeito capaz de agir em relação a um propósito volitivo. Cunha e Souza (2007) apontam que “querer”, quando funciona como verbo pleno, tem o sentido mais próximo de um estado do que de uma ação, pois apresenta sujeito com papel de experienciador.

Com relação às características dos verbos volitivos, Clementes (1992), analisando dados do espanhol, trabalha com verbos “volitivos”, “emotivo-factuais”, “de crença” e “de ordem”. Clementes (1992), com base na diferença proposta por Castañeda (1975) entre pensamento proposicional e pensamento prático, investiga a relação de complementação em predicados infinitivos no espanhol. Sobre o pensamento proposicional, Castañeda (1975) chama a atenção para o fato de que, ao lidarmos com o mundo, postulamos histórias e inventamos teorias sobre como as coisas são e sobre como elas se afetam. Os enunciados proposicionais contêm um predicado que pode ser avaliado segundo critérios de verdade e falsidade, a depender de uma dada situação espaço-temporal. Em contrapartida, no que se refere ao pensamento prático, Castañeda (1975) afirma que é o tipo de pensamento que consiste em pensar sobre o que se faz e sobre o que o outro faz, em ter intenção ou decidir algo e em aconselhar ou dizer a outros o que fazer. Tendo em vista que esses enunciados estão relacionados a intenções e a inclinações, eles não podem ser julgados de acordo com critérios de verdade. Nesse sentido, Castañeda (1975) diferencia os enunciados propositivos dos práticos, uma vez que os propositivos estão baseados na consideração dos sujeitos a um valor de verdade, e os práticos, por sua vez, estão relacionados à intenção de um fazer e não podem estar, então, sujeitos a um valor de verdade. Assim, conforme pontua Oliveira (2016), o estudo de Castañeda (1975) reforça a ideia de que “as construções volitivas marcam a conceptualização do falante em relação à execução (prática) daquilo que almeja” (OLIVEIRA, 2016, p. 63).

1.4. *Irrealis* e Futuridade

Segundo Oliveira (2016), na literatura, de modo geral, o *irrealis* é tratado como uma noção ligada ao modo verbal ou à modalidade. Segundo a autora, *irrealis* representa os eventos não conceptualizados no “mundo real”.

De acordo com Sousa (2011), “a definição comunicativa de modalidade distribui-se na atitude pragmática de *irrealis*” (SOUSA, 2011, p. 89). Para Givón (1984/1995), a categoria *irrealis* apresenta dois traços fundamentais: o traço de futuridade e o traço de incerteza epistêmica. Sousa (2001) destaca que “esses dois traços interpretam o discurso em termos de projeção futura, e essa projeção de tempo futuro assinala um grau de incerteza” (SOUSA, 2011, p. 90).

Além disso, Sousa (2011) afirma que, tomando

o *irrealis* como uma categoria funcional, ele apresenta, mediante determinados mecanismos formais, um subjuntivo gramaticalizado, sem condicionar o aparecimento de tal modo. Nesses termos, uma vez instaurado o eixo *irrealis*, a inserção de um indicativo gramaticalizado (na flexão do volitivo) não alteraria o valor pragmático de incerteza epistêmica do discurso interacional, embora possamos traçar gradações de intensidade desses valores diante de diferentes apresentações morfológicas. (SOUSA, 2011, p. 88)

Para a Sousa (2011), então, o *irrealis* seria considerado uma categoria mais próxima da modalidade do que do modo, por não ocorrer, necessariamente, através de uma marca flexional, podendo ocorrer também através de expressões linguísticas.

Segundo Bybee *et al.* (1994), a função da modalidade está relacionada à codificação da atitude do falante em relação ao que se expressa em uma cláusula. Sousa (2011) pontua que há dois tipos de julgamento realizados pelos usuários da língua sobre a informação proposicional transmitida pela cláusula: (i) julgamento epistêmico: verdade, probabilidade, certeza, crença e evidências e (ii) julgamento avaliativo/deontico: conveniência, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação. Para Sousa (2011), a modalidade *irrealis* marca essas duas atitudes, a epistêmica e a deontica, as quais estariam também presentes nos verbos volitivos do português, de acordo com a autora. Sousa explica que a primeira dessas atitudes diz respeito à pouca certeza do enunciador, compreendendo graus de verdade, crença e probabilidade, certeza, evidência; e a segunda apresenta caráter avaliativo, marcando desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação e manipulação. Sousa (2011) defende que as modalidades epistêmica e deontica podem coocorrer em alguns contextos, devido à capacidade do verbo “querer” de expressar ambas as noções, sobressaindo uma ou outra de acordo com o tipo de V2 (verbo que acompanha o verbo “querer”) que lhe segue. O estudo da autora encontrou em “querer” probabilidade (que o liga à modalidade epistêmica) e conveniência, preferência e

intenção (que o liga à modalidade deôntica), sem, no entanto, deixar de abarcar a expressão da vontade (modalidade volitiva).

Sousa (2011) oferece os exemplos abaixo para ilustrar tanto a expressão da intenção do desejo quanto da grande possibilidade de que esse desejo se concretize. A autora ressalva que ela compreende que, quando “querer” e V2 compartilham o mesmo sujeito, o que prevalece é a grande possibilidade de que esse desejo se concretize, o que aproxima construções como os exemplos que se seguem mais fortemente da modalidade epistêmica:

- (28, *corpus* sincrônico²) *Não adianta tentar salvar aqueles que não querem ser salvos e, com isso, penalizar o resto do time.* (2, Texto 1, Você SA)
- (82, *corpus* pancrônico³) *disse o d(i)to scudeiro q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada ((L016)) (e) aas h(er)dades dela (e) q(ue) aq(ue)lo q(ue) achassem q(ue) era do d(i)to Mon(steiro) q(ue) o no~ e~bargaua ne~ q(ue)ri'a enbargar (e) q(ue) abri'a ((L017)) ende ma~o ao d(i)to Mon(steiro)78 (65, texto, 8, sec. XIV)*

Nos exemplos seguintes, por sua vez, a autora destaca que o que prevalece, além da volição própria do verbo “querer”, é a conveniência, a preferência e a manipulação, o que os aproxima mais fortemente da modalidade deôntica:

- (25, *corpus* sincrônico) *Uma das grandes barreiras para o empreendedorismo nas empresas são os chefes que não querem que os seus subordinados brilhem.* (3, texto, Você SA)
- (83, *corpus* pancrônico) *E apraz aa di(c)ta S(enhora) p(ri)oresa (e) donas (e) (con)uento do di(c)to moest(eiro) (e) asy ho mandam ((L036)) E q(ue)rem que o di(c)to foreiro (e) pessoas depes lle acuda~ senp(re) com o di(c)to foro aa ((L037)) di(c)ta dona m(aria) valent(e) (171, sec. XVI, texto 8)*

² Textos retirados da Revista Você SA.

³ Textos completos dos séculos XII a XXI (textos documentais).

Sousa (2011), com base em Givón (1984/1985), destaca que os julgamentos epistêmico e deôntico além de se sobreporem, partilham, frequentemente, a sua codificação gramatical, “o que os aproximaria das orações encabeçadas pelo volitivo “querer”: em que se demonstra, além do próprio desejo, a possibilidade de que o ato desejado se concretize e a intenção de concretizá-lo por parte do usuário da língua ou daquele que é por ele manipulado para concretizar” (SOUSA, 2011, p.157).

Sendo assim, respaldada em Givón (1985 [1984]), que afirma que essas duas submodalidades, a epistêmica e a deôntica⁴, não são excludentes e podem coocorrer, e em Pimpão (1999), que as coloca juntas na modalidade *irrealis*, Sousa (2011) defende que essas submodalidades se entrecruzam no volitivo analisado por ela, “querer”.

Com relação à noção de futuridade, Bybee *et al.* (1994) a subdividem em: (i) futuro: considerado como cerne do uso do futuro aquele que situa o evento como tomando lugar depois do momento da fala e (ii) futuro imediato: o termo gramatical restrito para se referir a eventos iminentes. Para Sousa (2011), a própria semântica dos verbos volitivos envolve a noção de futuridade por expressar vontade, desejo de realizar algo que virá a acontecer no futuro. Para a autora, as orações analisadas em seu trabalho com “querer” expressam somente a noção de futuro, e não de futuro imediato. Ela defende que a futuridade expressa pelos volitivos está mais relacionada à modalidade do que a futuro como recorte temporal propriamente dito.

Lyons (1977 *apud* Sousa, 2011) aponta que a futuridade não deve ser vista como um conceito puramente temporal, na medida em que inclui, necessariamente, um elemento de predição ou alguma noção modal. Sousa (2011) destaca que esse ponto de vista se coaduna com a ideia de que “querer” possa ser usado nas construções por ela analisadas não para marcar temporalidade, mas, sim, modalidade (de volição, ou seja, de *irrealis*). Sousa (2011, p. 80) afirma que os volitivos não atualizam aspecto, pois, devido à sua semântica, não indicam a duração da situação ou de uma de suas fases. Mas eles marcam projeção futura da realização (ou da não realização, quando se tratam de construções negativas).

⁴ Não nos aprofundamos nessas questões por não fazerem parte do escopo do nosso objeto.

1.5. *Volo* e *quaero*: uma revisão da literatura

Ernesto Faria (1958), em sua *Gramática Superior da Língua Latina*, não trata o verbo *quaero* como um verbo volitivo ou desiderativo⁵, todavia, faz isso com *quaeso*, que, segundo esse mesmo autor, seria um antigo desiderativo de *quaero*, usado na primeira pessoa do singular e do plural no presente do indicativo, como forma de polidez, com sentido de “peço-vos”; “por favor”. Ademais, dentre os verbos desiderativos em -sso, Faria (1958) coloca *capesso* “querer apanhar”, de *capio*; *facesso* “desejar fazer” de *facio*, e *quaeso* “desejar procurar”, de *quaero*.

Paulo Sérgio de Vasconcellos (2013), em *Sintaxe do Período Subordinado Latino*, ao tratar das orações subordinadas substantivas paratáticas em latim, afirma que esse tipo de oração acontece com verbos que denotam volição e elenca dentre eles: *nolo* (não quero), *quaeso* (procuro obter, peço), *uolo* (quero). É possível observar que, mais uma vez, *quaeso*, o antigo desiderativo de *quaero*, está presente entre os verbos que exprimem desejo, omitindo desse elenco o verbo *quaero*. Lisardo Rubio Fernández (1985), na *Nueva Gramática Latina*, dedica uma parte ao tratamento de *uolo*, com o foco nas suas formas. Quando se refere aos *uerba uoluntatis*, esse autor inclui apenas *uolo*. Do mesmo modo, Napoleão Mendes de Almeida (2011), em sua *Gramática Latina*, não faz referência a *quaero*, apenas a *uolo* como um dos *uerba uoluntatis*, *quaeso* tampouco está incluído.

Como se vê, na descrição dos *uerba uoluntatis*, o verbo *quaero* aparece como coadjuvante, e a sua tradução é aquela mais recorrente nos dicionários e manuais consultados: “ir procurar”. Embora seja possível pressupor uma semântica volitiva no ato de “procurar”, a compreensão do verbo com esse matiz semântico não assinala volição em seu sentido forte – i.e. “querer”, “desejar”. Assim sendo, perguntamo-nos se nas ocorrências de tal verbo nos textos latinos, tal sentido forte também não estaria presente, ao lado das semânticas volitivas “implícitas” (procurar). Além disso, é preciso destacar que toda vez que Ernesto Faria trata de verbos volitivos, ele não inclui *quaero*, mas *uolo* está sempre presente. As afirmações de Ernesto Faria nos remetem ao fato de o desiderativo ser considerado na gramática latina uma derivação do verbo principal, sendo -sso um sufixo; assim como ocorre com os frequentativos cujo sufixo é -to: *cano* > *canto*. Desse modo, entende-se que a semântica volitiva,

⁵ Entendemos como desiderativo formas verbais derivadas que, em relação ao verbo do qual derivam, trazem mais ostensivamente a semântica de vontade ou desejo.

expressa na forma desiderativa, seria resultado de uma operação morfológica (a derivação sufixal).

Maurer Jr. (1959), em sua “Gramática do latim vulgar”, apresenta, no capítulo sobre o vocabulário do latim vulgar, alguns termos peculiares, e afirma que

Além destes termos, dos quais alguns vestígios subsistem, muitos outros não deixaram traços na România e certamente, em geral, nunca pertenceram ao latim vulgar, ou cedo desapareceram dele; assim, *tellus*, *aequor*, *vulnus*, *sidus* [...] *pulcher*, *femur*, *crus*, *iecur*, *nere*, *nole*, *uelle*, *uti*, *audere*, [...] e muitos outros. (MAURER Jr., 1959, p. 232)

Com base no excerto acima exposto, *uelle* (*uolo*) pode ter desaparecido muito cedo do latim vulgar⁶, isso parece apontar para uma possível diferença entre *uolo* e *quaero*, podendo este ter sido mais coloquial, pertencente ao latim vulgar, e aquele, mais formal, tendo sido registrado, por isso, nas gramáticas como verbo volitivo. Contudo, considerando que a dispersão diacrônica de derivados de *uolo* e *quaero*, no sentido volitivo, é diversa entre as línguas românicas, não é possível aventarmos generalizações de pertencimento de uma forma ou outra ao latim vulgar, sendo somente possível especular se, em algum momento, no uso do latim, ambas não estariam em certa competição⁷.

No quadro abaixo, podemos visualizar o modo como o verbo *quaero* é tratado nas gramáticas e manuais consultados.

⁶ Não podemos pensar que *uolo* não pertenceu ao latim vulgar, pois ele chegou como forma verbal a outras línguas, como já mencionamos.

⁷ Como nosso estudo é apenas um recorte do uso de *quaero* em duas sincronias do latim escrito, conforme explicamos no Capítulo 2, não temos a meta de desenvolver observações quanto à possível evolução dessas formas para as línguas românicas, tarefa que exigiria um estudo mais avançado e fora do escopo desta dissertação.

Quadro 1 – Síntese do tratamento de *uolo* e de *quaero* nas gramáticas e nos manuais

Gramáticas / Manuais	<i>uolo</i>	<i>quaero</i>
<i>Gramática Superior da Língua Latina</i> (Ernesto Faria)	está incluído entre os <i>uerba uoluntatis</i> .	não é tratado como volitivo; mas <i>quaeso</i> , antigo desiderativo de <i>quaero</i> , é tratado como volitivo.
<i>Sintaxe do Período Subordinado Latino</i> (Paulo Sérgio de Vasconcellos)	está incluído entre os <i>uerba uoluntatis</i> .	não está listado entre os <i>uerba uoluntatis</i> .
<i>Nueva Gramática Latina</i> (Lisardo Rúbio)	está incluído entre os <i>uerba uoluntatis</i> .	não aparece listado entre os <i>uerba uoluntatis</i> .
<i>Gramática Latina</i> (Napoleão Mendes de Almeida)	está incluído entre os <i>uerba uoluntatis</i> .	não aparece listado entre os <i>uerba uoluntatis</i> .

Como a Quadro 1 acima demonstra, o verbo *quaero*, no material consultado não está incluído entre os *uerba uoluntatis*, o que pode ser indício de certo apagamento da semântica volitiva desse verbo ou, então, revelar que os sentidos volitivos, apreensíveis nos contextos de uso linguístico, não tenham merecido a atenção dos gramáticos. Também em entradas lexicais de dicionários latinos, não encontramos os sentidos volitivos postos em evidência.

No dicionário etimológico de Ernout e Meillet (1951), na saída de *quaero*, temos que ele representa um antigo **quaíso*; cf. *quaeso* desiderativo com o qual os autores antigos o confundiam ocasionalmente. *Quaesui*, segundo Ernout e Meillet, é o perfeito do desiderativo, conforme *capessui*. *Quaero* significa “procurar, pesquisar, fazer uma pesquisa ou uma investigação, informar-se”, algumas vezes “ganhar, obter”. *Quaerere* é atestado em todos os tempos e é panromânico. Com base nessas afirmações de Ernout e Meillet (1951), podemos pensar que as formas clássicas do verbo *quaero* podem representar uma mudança (uma gramaticalização) de um verbo frequentativo passado, com valor volitivo. A partir de tal conclusão, conseguiríamos compreender historicamente a permanência de um traço semântico volitivo, pois causaria um estranhamento se em uma fase arcaica da língua latina houvesse em *quaero* ideia de

volição, assim como em suas ocorrências posteriores, e isso não tivesse ocorrido no período clássico.

No dicionário etimológico resumido de Antenor Nascentes (1966), o autor oferece para “querer” a explicação de que ele vem do latim *quaerere* “procurar” e afirma que ele suplantou *uolle*: “procurar-se o que se quer”. Percebe-se aqui uma associação, ainda que indireta, entre *quaero* e a semântica da volição “querer, desejar”.

No dicionário de Ernesto Faria (1992), tem-se como sentido próprio do verbo “procurar, buscar, fazer uma busca ou uma investigação”. Nenhum outro sentido oferecido a *quaero* foge muito desses primeiros. Com relação à sua construção, diz-se que se constrói com acusativo, com ablativo, com interrogativa indireta, com infinitivo ou *ut* e como absoluto.

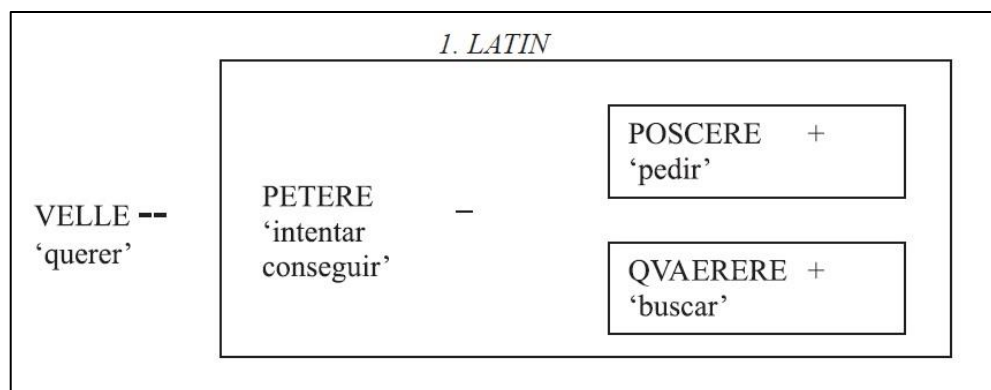
No *Oxford Latin Dictionary* (1968), há dez acepções possíveis para o verbo *quaero*, dentre elas destacam-se: “procurar, caçar, tentar encontrar, buscar em vão, pedir, tentar obter, visar, pretender, exigir, fazer perguntas, investigar” etc. Não há o sentido “desejar”, que, para *uolo*, é o primeiro a aparecer, mas aparece, em contrapartida, “pretender”, que acaba se relacionando de forma mais direta ao sentido da volição, ainda que não seja o mais prototípico. Como exemplos desse uso, o dicionário oferece: *ut nunc plerumque uidemus quaerere semper commutare locum* Lucr. 3.1058 e *stultae dum te iactare maritae quaeris*. Ov. Ep. 12.176.

No *Novíssimo dicionário latino-português*, de Saraiva (2006), ocorre um fato interessante: ao contrário do que acontece nas gramáticas, em que não se atribui a *quaero* o sentido de desejar, esse dicionário o faz. Estão entre as acepções de *quaero*: buscar, procurar, andar à cata de, em busca de, aspirar a, desejar. Nesse mesmo dicionário, ao olharmos para *quaeso*, que aparece, por vezes, entre os *uerba uoluntatis*, nos deparamos com a informação de que ele é um verbo arcaico substituído por *quaero*, demonstrando mais uma vez uma relação entre esses verbos.

Anguita Jaén (2010) realizou um trabalho voltado para o desaparecimento de *uolo-uolle* “querer” e sua substituição pelo descendente de *quaero-quaerere* “buscar” no galego, no português e no castelhano. Seu artigo oferece as razões fonéticas e semânticas para a desaparecimento e substituição e também uma reconstrução do contexto histórico em que ocorreu essa inovação. Segundo o pesquisador, a mudança que ocorreu nessas línguas teve como efeito imediato uma série de movimentos em que estavam envolvidos vários verbos que teriam em comum a mesma ideia básica,

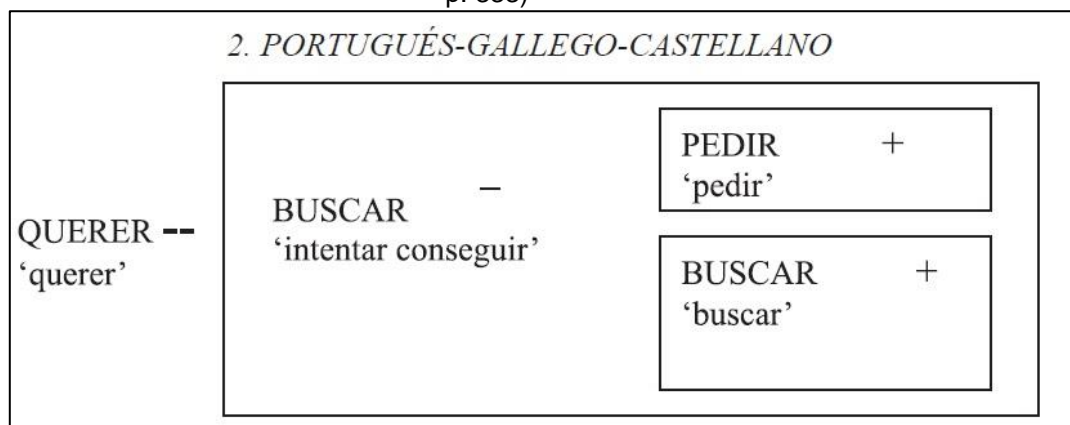
constituindo, por isso, um campo léxico. Ele oferece dois quadros: um que corresponde à fase latina (1) e outro que corresponde à continuação no romance (2). Trata-se do sistema de oposições dos verbos de “tentar conseguir” e sua relação com o verbo “querer”.

Quadro 2 – Verbos de “tentar conseguir” fase latina (ANGUITA JAÉN, 2010, p. 332)



Anguita Jaén (2010) explica que o arquilexema ou termo neutro dessa oposição privativa, por isso marcado pelo sinal negativo, é *peto-petere*, cuja definição mais adequada é “tentar conseguir” (ThLL, s.v., [‘petit] qui capere studet, conatur, nititur’; OLD, s.v., ‘to procure to obtain, to seek, to go for’. *apud*: ANGUITA JAÉN, 2010, p. 333). Os termos marcados com sinal positivo na oposição, *posco-poscere* e *quaero-quaerere*, acrescentam a esse significado básico uma informação extra sobre o modo ou meio de tentar conseguir algo. No primeiro caso, o autor afirma que é “mediante uma reclamação”, isto é, “pedir”, no segundo caso, “mediante uma diligência – normalmente mover-se ou olhar – para encontrá-lo, quer dizer, “buscar”. Fora do quadro, ainda que tenha relação com todos os membros que o compõem, está o verbo *uolo-uelle*, que significa “querer”. Para Anguita Jaén (2010), o tipo de relação existente entre os *uolo-uelle* e os verbos de “tentar conseguir” é do tipo sequencial, o que é simbolizado pelo símbolo convencional -- (GARCÍA HERNÁNDEZ, 1989, p. 2, *apud* ANGUITA JAÉN, 2010, p. 333). Anguita Jaén (2010) afirma que essa relação se baseia no pertencimento de ambos a um mesmo processo, o que une distintos momentos consecutivos: o da concepção de um desejo e o da atuação subsequente objetivando seu cumprimento.

Quadro 3 – Verbos de “tentar conseguir” continuação no romance (ANGUITA JAÉN, 2010, p. 333)



Anguita Jaén (2010) explica que, nesse segundo quadro, desapareceram tanto *uollo-uelle* “querer” quanto *posco-poscere* “pedir”. Além disso, os descendentes de *peto-petere* (pedir) e o de *quaero-quaerere* (querer) mudaram de casa funcional. Por fim, surgiu um termo novo, “buscar”, que se mostra como polivalente. Anguita Jaén (2010) acrescenta que o fato de o número de unidades lexicais ter passado de quatro a três é a razão de uma delas, precisamente o recém-aparecido “buscar”, ser obrigada a ocupar duas casas distintas dentro do campo léxico de “tentar conseguir”. Assim, “buscar” tem a dupla função de ser, por um lado, o arquilexema, ou seja, aquele que expressa a ideia básica da oposição “tentar conseguir”; e, por outro lado, tem a função de assumir o papel de um dos termos marcados, o que responde à pergunta de como conseguir algo.

Anguita Jaén (2010) afirma que o ponto de partida para que esses movimentos acontecessem foi a perda de *uelle*. O autor apresenta um esquema, em que é possível observar a série de mudanças que, segundo ele, ocorreram nos verbos de “tentar conseguir”, as quais constituem uma cadeia de propulsão⁸ modélica em que uma mudança inicial (1) provoca uma segunda mudança (2), que, por sua vez, provoca outra mudança (3), e assim por diante (4):

1. lat. *uelle* “querer” > gal. -port.-cast. 0
2. lat. *quaerere* “buscar” > gal. -port. -cast. *querer* “querer”

⁸ Anguita adaptou a esse estudo semântico a fórmula de Martinet (1974, p.83-88 *apud* ANGUITA JAÉN, 2010) idealizada para descrever as evoluções das consoantes oclusivas nas línguas romances.

3. lat. *poscere* “pedir” > cast. -gal. -port. *poscere* - *buscar* “buscar” (“tentar obter” e “tentar obter algo mediante uma diligência que antecede um achado”)
4. lat. *petere* “tentar obter” > cast. -gal. -port. *pedir* “pedir”.

Para Anguita Jaén (2010), a estreita relação de *uelle* com os verbos de “tentar conseguir”, como parte de um mesmo processo que abarca distintas sequências (querer algo – tratar de consegui-lo), explica que, depois da perda de *uelle*, se tenha escolhido um desses verbos, *quaerere*, para cobrir a importantíssima casa funcional que *uelle* havia deixado vazia. Por fim, o vazio deixado por *quaerere* é ocupado por *poscere* (substituído posteriormente por *buscar*), e este obriga, finalmente, o deslocamento de *petere*. Anguita Jaén (2010) diz não ter certeza se o vazio funcional deixado por *petere* foi coberto provisoriamente por *poscere*, só se sabe que foi *buscar* que passou a exercer sua função léxica. Nos *corpora* a serem analisados, nós buscamos verificar se essa hipótese do autor é corroborada, uma vez que pretendemos investigar se *quaero* já apresentava o sentido de volição nos textos selecionados para análise. Caso esse sentido seja encontrado nas ocorrências, será possível repensar a hipótese de que *quaero* recebe o sentido volitivo somente quando *uolo* desaparece.

Anguita Jaén (2010) dedica uma seção do seu artigo a responder à pergunta “Por que se perde *uelle*?”. O autor começa constatando que a desaparecimento de um verbo de grande rendimento funcional se verifica, como todas as mudanças semânticas que afetam os verbos de “tentar conseguir”, unicamente nas línguas romance do oeste da Península, grupo que inclui galego-português e castelhano e os dialetos asturoleonenses. No restante da România, o verbo *uelle* não se perde; e são, segundo Anguita Jaén (2010), os verbos de “tentar conseguir” os que acabam desaparecendo. O autor destaca ainda que os primeiros testemunhos escritos galaico-portugueses e castelhanos, de finais do século XII e princípios do século XIII, já mostram por uma parte “querer” e “pedir” com seus significados inovadores; por outro lado, mostram “buscar” já perfeitamente consolidado nessas línguas. Nesse sentido, a mudança ocorreu com anterioridade. No entanto, Anguita Jaén (2010) afirma que os documentos não nos levam mais longe do que o século XI, em que os diplomas escritos em latim (mas um latim praticamente romanceado) nos oferecem os primeiros testemunhos para o verbo *buscar(e)*.

Para explicar o desaparecimento de um verbo tão funcional como *uelle*, Anguita Jaén (2010) defende que, na parte ocidental da área linguística delimitada, na Galícia e no Norte de Portugal, aconteceu uma evolução fonética cujo decurso é possível documentar entre os séculos IX e XI. Trata-se de um fenômeno privativo dessa área e tão importante como para ser considerado um dos traços distintivos do galego-português: a perda do -l- intervocálico. Com a queda do -l- intervocálico, o verbo *uelle* acaba sendo gravemente afetado, e seu paradigma sofre grande perda (*uolo-uis-uelle-uolu*), tendo em vista que ocorre a perda desse elemento importantíssimo constitutivo de sua raiz. Anguita Jaén (2010) acrescenta que, ainda sendo de longe a mais importante, a queda do -l- intervocálico não foi a única alteração fonética que afetou *uelle/uolere*. De forma direta, também seu fonema inicial se viu afetado pelo chamado betacismo, fenômeno linguístico ativo em datas antigas em todo o Norte peninsular⁹. De forma indireta, a perda no -n- intervocálico, contemporânea à perda do -l- e também característica do galego-português, pode produzir modificações em outros termos da língua, dando lugar a indesejáveis assonâncias ou inclusive a homofonias com formas do descendente de *uelle/uolere*. Ademais, ainda que em menor medida, Anguita Jaén cita a queda de oclusivas sonoras entre vogais que pôde produzir o mesmo efeito indesejado.

Anguita Jaén (2010) ressalta, ainda, que se poderia argumentar que há outros verbos galego-portugueses que passaram por alterações semelhantes às do descendente de *uelle-uolere* sem que tenha sido afetada sua sobrevivência, como “voar e moer”. No entanto, ele ressalta que a frequência de uso de um verbo como o que significa “querer” torna mais indesejáveis essas modificações do que em outros casos. De acordo com sua hipótese, diante da impossibilidade de evitar esses inconvenientes por outros meios, optou-se por eliminar *uolo* da língua, substituindo-o por outro termo semelhante do ponto de vista semântico, *quaero*. Por fim, Anguita Jaén (2010) destaca que as justificativas para o desaparecimento de *uolo* valem para o galego-português e não para o castelhano-leonês, que não foi afetado pelas desapareções do -l- e do -n- intervocálicos. No caso dessas línguas, ele afirma que a

⁹ Segundo aponta Alonso (1962, p. 155-209), consiste basicamente na confusão das antigas semiconsoantes labiovelar u- [w] e oclusiva bilabial sonora [b] em um som intermediário, bilabial fricativo [β]. Ainda que Lausberg (1982, v. 1, p.311) inclua o português entre as línguas em que a evolução de u- consonântica resulta em uma labiodental [v], o certo é que na maior parte do português septentrional, igual no galego, leonês ou castelhano, não existe o fonema labiodental, somente o bilabial (MARIA, 1997, p. 473 *apud* ANGUIITA JAÉN, 2010 p. 336)

inovação só pode ser entendida como um empréstimo propiciado pela proximidade territorial e pelo constante contato linguístico. Cabe, nesse ponto, dizer que buscamos verificar neste trabalho se *quaero* sempre teve latente o sentido de volição e era usado como tal, ainda que, por alguma razão, menos registrado na escrita¹⁰. Assim, por buscarmos verificar se *quaero* já apresentava o sentido de volição nos *corpora* de análise, nossa hipótese é contrária à de Anguita Jaén (2010), pois pretende identificar já na forma clássica o sentido de volição, não vindo a apresentá-la somente quando *uolo* “desaparece”. Uma outra hipótese possível seria não defender o desaparecimento de *uolo* para o surgimento da volição em *quaero*, mas o enfraquecimento de *uolo* e a ampliação do contexto de ocorrência de *quaero*, já volitivo.

1.6. *Quaero*, verbo volitivo: uma abordagem preliminar em Cícero

Conforme mencionamos na introdução desta dissertação, foi realizado um trabalho preliminar, em um Projeto de Iniciação Científica (IC)¹¹, em que foram analisadas ocorrências do verbo *quaero* na obra *Ad Atticum* de Cícero. O gênero escolhido para a realização desse trabalho foi o epistolar, tendo em vista que, de acordo com Henderson (1982), as cartas, apesar de serem um gênero com bastante variação, em geral, apresentam um “espaço íntimo”, promovendo uma espécie de “conversação”, que, além de facilitar a comunicação entre o escritor e o destinatário, gera o sentido do leitor externo. Nesse sentido, o autor escolhido foi Cícero, representando o latim clássico, em sua obra *Ad Atticum*.

Naquela pesquisa, foram realizadas análises das ocorrências e do comportamento morfossintático do verbo *quaero* em *Ad Atticum*. A análise das ocorrências de *quaero* em *Ad Atticum* foi qualitativa, porém uma análise quantitativa simples também foi utilizada como suporte. Contabilizaram-se 145 ocorrências de *quaero* em *Ad Atticum*, em que se defende a presença do sentido volitivo. A essas

¹⁰ Se observarmos o verbo “querer” no português, podemos perceber que ele é bastante usado na oralidade, de modo que, quando se usa o registro escrito da língua, frequentemente, opta-se por modalizar a volição e, nesses casos, temos usos como “gostaria que” e “busco”.

¹¹ Essa pesquisa contou com o apoio da Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP) da Universidade Federal de Juiz de Fora por meio de bolsa de pesquisa. O projeto foi intitulado: Estudo da volição em orações encaixadas latinas, sob a orientação da Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa.

ocorrências, foram propostos três tipos de sentido¹²: mais volitivo; volitivo e uso mais volitivo destacado do restante da frase. Como podemos visualizar na Tabela 2:

Tabela 1 – Ocorrências de *quaero* na obra *Ad Atticum* de Cícero

Sentido “mais volitivo”	30
Sentido “volitivo”	74
Sentido “mais volitivo destacado do restante da frase”	145
Total de ocorrências	41

No primeiro grupo, denominado “mais volitivo”, foram contabilizadas 30 ocorrências. Desse grupo fazem parte ocorrências de *quaero* a que os tradutores atribuíram o sentido de “querer saber”, mas que, conforme verificamos, aceitariam também uma tradução utilizando somente o verbo “querer”. Ao analisarmos o contexto morfossintático dessas ocorrências, nos deparamos com três principais combinações de *quaero*, as quais podemos visualizar nos seguintes exemplos:

Quaero + acusativo:

Texto em latim	Tradução
[...] <i>Genus hoc est voluptatis meae; quae gymnasiode maxime sunt, ea quaero.</i> [...] (Capítulo 1, parágrafo 9)	[...] Este é o meu tipo de diversão; as coisas que são especialmente “dignas de um ginásio”, essas coisas quero . [...]

Quaero + acusativo + verbo no subjuntivo:

Texto em latim	Tradução
[...] <i>si quaeris</i> quid putem, ego fructum puto. [...] (Capítulo 12, parágrafo 2)	[...] Se queres o que penso, eu penso no fruto... [...] (pp.77-78; 2º parágrafo)

¹² Como o trabalho de Iniciação Científica se desenvolveu em um curto tempo, utilizou-se uma tradução de apoio. Essa tradução é de Miguel Rodriguez e Pantoja Márquez.

Quaero + ablativo + acusativo + subjuntivo

Texto em latim	Tradução
Quaeris ex me, quid acciderit de iudicio, quod tam praeter opinionem omnium factum sit, et simul vis scire, quo modo ego minus, quam soleam, proliatus sim. Respondebo tibi hysteron proteron Homerikos (Capítulo 1, 1º parágrafo)	“ Queres de mim o que aconteceu com o juízo que se desenvolveu contra à opinião geral, e ao mesmo tempo desejas saber como é que eu lutei menos do que costume.”

No segundo grupo, denominado “volitivo”, foram contabilizadas 76 ocorrências. Desse grupo fazem parte as ocorrências de *quaero* a que os tradutores atribuíram o sentido de “buscar”, “perguntar”, “averiguar” e “informar”, mas que acreditamos que poderiam ser traduzidos como “querer saber”, mantendo explícito seu sentido volitivo, embora não de forma tão sintética no português como os integrantes do 1º grupo. O complemento de *quaero* nestes casos poderia ser um termo que funciona como seu acusativo ou uma oração que demonstra uma pergunta indireta, reforçada pela presença deste *quaero*. Ao analisarmos o contexto morfossintático dessas ocorrências, nos deparamos com principais possibilidades de combinação de *quaero*, como podemos visualizar nos exemplos:

Quaero + acusativo:

Texto em latim	Tradução
[...] <i>Tertius est Catulus, quartus, si etiam hoc quaeris, Hortensius.</i> [...] (Capítulo 1, parágrafo 13)	[...] O terceiro é Catulo, o quarto, se também o queres saber , Hortênsio. [...]

Quaero + interrogativa indireta:

Texto em latim	Tradução
[...] Quaeris deinceps, qui nunc sit status rerum et qui meus. (1 capítulo ; 3º parágrafo)	[...] Queres saber logo qual é a situação dos assuntos públicos e qual a minha. [...]

O terceiro grupo é denominado “mais volitivo destacado do restante da frase” por comportar ocorrências em que *quaero* funciona como uma pergunta retórica, traduzida, na grande maioria das vezes, por “o que queres que te diga?”. Nessas ocorrências, *quaero* está sempre acompanhado do pronome interrogativo *quid* em

nossos dados e parece estar deslocado em relação aos demais itens da oração, representando um questionamento daquele que produz a sentença sobre tudo que está sendo emitido. Desse uso de *quaero*, temos os seguintes exemplos:

Quaero + quid

Texto em latim	Tradução
[...] <i>Nihil impetrabat reus, plus accusatori dabatur, quam postulabat; triumphabat (quid quaeris?) Hortensius se vidisse tantum; nemo erat, qui illum reum ac non miliens condemnatum arbitraretur</i> (Capítulo 1; 2º parágrafo)	[...] O réu não conseguia nada, se concedia ao acusador mais do que pedia; O que queres que te diga? Triunfava Hortênsio por ter tido tanta perspicácia, e ninguém tinha dúvida de que aquele não era já réu mas mil vezes condenado. [...]

Quaero + quid

Texto em latim	Tradução
[...] <i>verum praeclare Metellus impedit et impedit. quid quaeris? est consul philopatri et, ut semper iudicavi, natura bonus.</i> (Capítulo 2; 1º parágrafo)	[...] Na verdade, é uma maravilha como Metelo o sujeita e continuará sujeitando-o. O que queres que te diga? É um cônsul “patriota” e, como sempre pensei, bom por natureza. [...]

A partir da análise das ocorrências em latim, nas quais *quaero* está presente, perceberam-se combinações recorrentes como “*quaero* + acusativo” e “*quaero* + interrogativa indireta”. A essas possibilidades de combinações, os tradutores variavam as escolhas dentre as possibilidades oferecidas pelo campo semântico do verbo e a depender de suas preferências na tradução. No entanto, na análise das ocorrências, dois sentidos se mostraram possíveis: o de “querer” e o de “querer saber”, tendo em vista que as escolhas das traduções eram, apenas, variantes desses dois sentidos.

Desse modo, parece-nos que o verbo *quaero* na obra *Ad Atticum*, de Cícero, apresenta a volição que teria latente desde *quaiso*, seu antigo desiderativo. Essa volição, ao que nos parece, foi de certo modo obliterada nas escolhas da tradução, as quais podem ter sido influenciadas pelas leituras oferecidas pelos dicionários e gramáticas, que não incluem *quaero* como um volitivo no latim. Ao olharmos para o *corpus* selecionado para análise, a obra *Ad Atticum* de Cícero, percebemos que, ainda que escolhas lexicais na tradução pudessem variar, as ocorrências de *quaero* poderiam ser traduzidas majoritariamente por “querer saber” ou, em alguns contextos,

simplesmente por “querer”, demarcando, assim, a expressão da volição por esse verbo no período clássico.

CAPÍTULO II

Estudo de uma língua clássica: contextualização dos *corpora* e procedimentos metodológicos

2.1. Apresentação e descrição dos *corpora*

Os *corpora* selecionados para análise na presente dissertação são compostos por quatro obras literárias de dois autores romanos: *Estico* e *Anfitrião*, de Plauto (séc. III a.C.), e *As Troianas* e *Medeia*, de Sêneca (séc. I d.C.).

2.1.1. A perspectiva “diacrônica” – latim plautino vs. latim senequiano

Para a realização da pesquisa proposta acerca da investigação da presença da volição no verbo latino *quaero*, será adotada uma perspectiva de análise que, em certa medida, pode ser considerada diacrônica. Contudo, nossa pesquisa pode ser dita diacrônica somente na medida em que lidamos com dois conjuntos de textos separados cronologicamente – o latim plautino, registrado entre os séculos III e II a.C., e o latim senequiano, registrado no século I d.C. Entretanto, estamos cientes da limitação desse tipo de abordagem, considerando que: (1) propomos lidar com obras atribuídas a apenas dois autores; (2) nessas obras há variáveis relacionadas ao estilo e mesmo a diferenças de gêneros literários – a comédia e a tragédia – que não consideramos especificamente; (3) não propomos um estudo de evolução diacrônica, mas apenas um registro das ocorrências em cada uma das duas sincronias, buscando, eventualmente, traçar paralelos que possam indicar confluências ou divergências de uso.

De acordo com Basso e Gonçalves (2014), os primeiros registros do latim escrito remontam ao século VII ou ao século VI a.C. Por volta do século III a.C., começaram a ser produzidos textos literários em latim, em grande parte através de um processo de assimilação da cultura e literatura gregas do período. O latim desse período, segundo os autores, é considerado menos polido e estilizado do que o que viria a ser utilizado no período seguinte, quando a língua literária seria levada ao seu

ápice criativo. Nesse período, de acordo com Gonçalves e Basso (2010), Roma já representava uma potência, e, por volta do século II a.C., o mar Mediterrâneo estava praticamente dominado pelos romanos. Plauto teria vivido entre os séculos III-II a.C., época em que produziu comédias de gosto popular, seguindo a tradição da Comédia Nova grega.

Segundo Meillet (1977), dos primeiros textos literários de Roma, chegaram aos dias de hoje completamente apenas as comédias, vinte atribuídas a Plauto e seis comédias de Terêncio. A sobrevivência das comédias, e não de outros tipos de gêneros literários, se justifica pelo êxito obtido por essas peças em usar uma linguagem popular, atingindo grande parte da população. Além disso, a poesia cômica, conforme Meillet (1977) assinala, está repleta de palavras gregas. Plauto faz uso constante da fala familiar, em que se usava muitos empréstimos gregos. O grego fazia parte de tantas situações cotidianas, que Plauto o introduzia em seus textos praticamente sem adaptações. São os personagens inferiores, frequentemente os escravos, que usam mais essas palavras.

Em *Persa*, 462 e seguintes, um escravo diz:

Euge, euge, exornatu's basilice.

.....

Tum hanc hospitam autem crepidula ut graphice decet.

Sed satin estis meditati. – Tragici et comici

Nunquam aeque sunt meditati.

Tradução¹³: Bravo, bravo! Preparado como um rei!

A esta estrangeira convém perfeitamente a sandalinha.

Mas acaso estais prontos? – Atores trágicos e comediantes nunca pensam do mesmo modo.

Segundo Meillet (1977), *crepidula* é um diminutivo de *crepida*, feito sobre o acusativo grego *crepida*, em um tempo em que esses acusativos tendiam já no grego popular a receber *-n* de acusativo, e, assim, *crepida* podia fornecer um nome latino em *-a*. Meillet (1977) destaca um ponto importante sobre como o vocabulário grego

¹³ Tradução nossa.

familiar foi difundido entre o povo: as interjeições são gregas: *hercle* e *mehercle*, *ecastor* e *mecastor*, *pol* e *edepol*, *euge* e *eugepae*.

Além dos usos do grego familiar nos textos de Plauto, Meillet (1977) aponta também o uso de formas arcaizantes em seus textos. Meillet (1977) oferece como exemplo a consoante *-d* final depois de vogal longa, a qual não foi mais pronunciada no início do segundo século a.C. Os textos literários não apresentam registros, exceto nos monossílabos *med*, *ted*. Quando se parodia o estilo oficial em Anfitrião, Plauto escreve:

Duelllo<d> extincto maximo... (Am. 189)

Nesse exemplo, a forma *duellum* de *bellum* e o final *-od* representam arcaísmos tradicionais da língua oficial, que soam de forma cômica na boca do escravo Sósia.

Com relação ao latim plautino, Isabella Cardoso (2006) afirma que:

a linguagem do dramaturgo não é a “clássica” fica claro pela própria época em que ele viveu, quando a língua latina se encontrava em um estágio anterior àquela. Além de vestígios de latim arcaico, outros pontos do texto plautino apontados como contrastantes com o padrão clássico são coloquialismos, a variação linguística, além de aspectos estilísticos. (CARDOSO, 2006, p.62)

Para Isabella Cardoso (2006), na análise das peças de Plauto, a atribuição dessas características representa uma polêmica, pois nem sempre é possível estabelecer até que ponto as divergências da língua plautina em relação às normas seguidas pelos autores do período clássico consistem em características da língua de sua época ou exemplo de uma forma de expressão mais próxima da fala, quer culta (*sermo familiaris*), quer mais popular.

Isabella Cardoso (2006) afirma ainda que certas passagens de *Estico* apresentam construções pouco comuns em latim clássico. Como exemplo, a autora cita a preferência por uso de parataxe (coordenação assindética, justaposição) em lugar da hipotaxe (coordenação sindética, subordinação), mais comum em época posterior. A concordância dos tempos (*consecutio temporum*), com muito prestígio na prosa clássica, também não é seguida tão assiduamente. Esses fenômenos são também tidos como exemplos de linguagem coloquial. Contudo, Isabela Cardoso (2006) destaca que uma semântica pertencente à língua arcaica se destaca em

algumas passagens de *Estíco*. Nessas passagens, alguns termos, comuns em língua latina clássica, aparecem com um significado mais antigo. Exemplo disso é o uso do verbo *facere* (*Stich.* 251) sem ser no sentido de “fazer”, mas significando, por si só, “fazer sacrifício aos deuses”, “sacrificar”. Além disso, o léxico das comédias plautinas, de acordo com a autora, refletia a helenização que o latim sofria, principalmente no nível mais popular, na medida em que é notável a quantidade de palavras e expressões transcritas do grego.

Isabella Cardoso (2006) afirma que, em *Estíco*, são observadas várias das características frequentemente consideradas coloquialismos em Plauto, como o uso de expressões de cortesia, cumprimentos, interjeições, além de expressões enfáticas (superlativos, diminutivos e também o uso de pronomes pessoais e demonstrativos), que constroem um efeito de intimidade entre as personagens, uma respectiva “tensão emocional” própria da oralidade. Somado a isso, a autora cita um aspecto fundamental do discurso oral: devido às elipses e às referências dêiticas presentes no discurso plautino, o leitor de suas comédias precisa imaginar elementos contextuais, ou até mesmo visuais, usados pelas personagens para efetivar a comunicação entre si e o público.

De acordo com Lindsay (1936), Hofmann (1951) e Palmer (1977), é possível encontrar nas peças de Plauto reminiscências de uma modalidade falada da língua latina, codificadas nos diálogos das personagens das comédias. Segundo Lindsay (1936), as construções sintáticas próprias da fala, como a preferência pela parataxe, a repetição de categorias gramaticais, o uso recorrente das interjeições, evidenciam o fato de que a língua usada em Plauto possui o estatuto da oralidade, representando a fala cotidiana, que, diferentemente da escrita, valoriza “leis menos estritas”, a se concretizarem nas chamadas *constructiones ad sensum*.

Palmer (1977), por outro lado, elenca uma série de propriedades comuns que vão ao encontro dessa tese, tais como o uso de partículas interjetivas, os exageros nas expressões, os pleonasmos, o uso livre de pronomes demonstrativos e pessoais, a substituição de verbos simples por frequentativos, os parênteses, as digressões, os estrangeirismos, a utilização de diminutivos afetivos etc. Todavia, diferentemente de Lindsay (1936), Palmer (1977) não concorda com o modo de ver a linguagem, nas comédias, como *mímesis* da fala cotidiana culta da época de Plauto e ressalta outros pontos igualmente relevantes: os elementos linguísticos pré-clássicos e os recursos de elaboração poética. Assim, podemos perceber que o autor não nega a presença

de elementos típicos da oralidade nas peças plautinas, mas ele destaca que esses elementos fazem parte de outros recursos com os quais Plauto compôs uma linguagem altamente elaborada.

Fortes (2008) destaca que, sendo a linguagem plautina considerada a partir desse quadro, ainda que possa oferecer-nos indícios do que teria sido o discurso falado à época do dramaturgo, ela não deve ser tomada como uma reprodução inequívoca do *modus loquendi* dos romanos nesse período, uma vez que é também efeito de um procedimento poético.

No outro período, temos o chamado latim clássico, representante do estilo literário culto da língua ao longo do primeiro século a.C. até o início do primeiro século da Era Cristã (GONÇALVES; BASSO, 2010). Segundo Basso e Gonçalves (2014), o latim que se ensina hoje em dia, de modo geral, é a língua literária desse período, tanto por causa dos valores estéticos associados ao estilo cuidadosamente trabalhado desses autores, quanto pelo fato de que a maior parte do *corpus* de textos clássicos é literário, o que restringiu o acesso a outros registros linguísticos do período. Basso e Gonçalves (2014) destacam que o latim clássico é considerado como modelo de excelência linguística e cultural, de modo que, quando não se especifica a época ou o registro linguístico, chama-se “latim” geralmente a língua usada nos textos dos autores que viveram nesse período. Como representante dessa variedade linguística do latim, temos Sêneca.

De acordo com Poccetti *et al.* (2006), a língua de Sêneca representa o auge da realização da prosa no primeiro século d.C., e também um modelo alternativo em relação ao de Cícero. Sua língua, segundo os autores, é particular, e, se de um lado se atesta a maciça influência da escola retórica sobre a cultura da época, por outro lado, se propõe reproduzir os modos expressivos e a penetrante “agressividade da diatribe cínica”. Os autores destacam que, com Sêneca, a evolução estilística da prosa que culmina em Cícero, no sentido da conquista de uma complexa e articulada estrutura do período, organizado com base na hipotaxe e gerido por poucos e relevantes centros sintáticos, se interrompe em favor de uma diferente estrutura de base, não identificável mais no período, mas na frase única, a da *sententia*. Nesse contexto, Poccetti *et al.* (2006) reforçam que aquilo que é se perde a nível de organização sintática surge, no entanto, recuperado pelo escritor a nível de expressividade de significado. Essa característica apontada na prosa de Sêneca se adequa à definição que ele dá sobre seu interlocutor: *plus significas quam loqueris*

“produzes mais significado do que falas”), assim, para atingir esse seu objetivo, “as relações sintáticas se contraem e se simplificam, as palavras vazias, as puras ferramentas gramaticais tendem a desaparecer e cada sintagma está tenso ao limite da sua força expressiva” (TRAINA, 1978, p. 27 *apud* POCSETTI *et al.*, 2006, p. 335).

Tudo isso, segundo Poccetti *et al.* (2006, p. 335), contribui para criar uma atmosfera diferente daquela tratadística de Cícero, como no caso da justaposição de tempos diferentes, uma das particularidades da língua de Sêneca, detectável no exemplo: *Literni honestius Scipio quam Bais exulabat : ruina eius non est tam molliter conlocanda*¹⁴ (Ep. 51,11), em que a repentina passagem ao presente pretende provavelmente correlacionar o declínio do personagem histórico a uma condição de atualidade, que resulta, portanto, geral. Tal fenômeno parece, conforme Poccetti *et al.* (2006), ser uma consequência da preferência pela parataxe e pela justaposição que atingem seu auge no *De Providentia*. A tal tendência se acompanha a investigação de cada possível meio para quebrar o tom “dramático” no fluxo do discurso. Os autores pontuam que Sêneca faz também grande uso de algumas formas nominais do verbo, porque através desse recurso consegue alcançar o máximo da expressividade com a menor intervenção do signo: é esse o caso do infinitivo substantivado da oração completiva com infinitivo em lugar da com *ut* mais subjuntivo, e sobretudo o uso absoluto do particípio futuro, um dos modos sintáticos mais caro a ele, o qual, ao mesmo tempo, é considerado um autêntico grecismo.

Com relação à perspectiva lexical, Poccetti *et al.* (2006) destacam que a obra de Sêneca apresenta aspectos interessantes. Ainda que de dimensão menor sobre as relações sintáticas, em geral, se considera que Sêneca tenha criado menos vocábulos do que Cícero. Na lista de vocábulos que demonstram tal posição de ambiguidade devem ser colocados *rationalis / irrationalis*, enquanto Cícero prefere a perífrase *ratione utens / rationis campos, rationis particeps, amor* para traduzir *φιλανθρωπία*; enquanto Cícero usa *caritas*, a forma *conscientia* no nosso significado psicológico e moral, que resulta desconhecido por Cícero, e o predileto *intellectus*, em relação à *intelligentia*; enquanto Cícero emprega 65 vezes a segunda forma e nunca a primeira.

¹⁴ Tradução nossa: Mais honroso para Cipião que vivia exilado em Literno do que em Baia: sua queda não devia ser tão branda.

Pocetti *et al.* (2006) comentam sobre uma parcial correção da tese do filólogo Axelson (1939, p. 11), em relação ao pouco interesse linguístico da prosa de Sêneca pela raridade de verdadeiras anomalias gramaticais. A investigação de Axelson colocou em relevo, em vez disso, não poucos fenômenos do *sermo cotidianus* (Staioli, 1980-81). Os autores citam, como exemplo, os usos de *facio* que, conforme os autores, relatam em parte a espera linguística coloquial, quando não mesmo o uso popular em que *facio* é acompanhado de um particípio passado em função predicativa; os casos de abundância e de pleonasma, que testemunham em cada modo o esgotamento de construções e formas, como a função demonstrativa de *ille*; e grande difusão de reflexivo, que em alguma medida vai substituir um meio ainda vital, o uso modal do ablativo em substituição ao particípio presente: *intus instruamur; si illa pars tuta est, pulsari homo potest, capi non potest* (*Dial.* 74,19). Nesse exemplo, apesar de permanecer o significado original de ser humano, o valor indefinido de *homo* representa uma peculiaridade linguística, que aproxima esse ponto à língua usada em uma carta de Cícero (*Att.* XV 23,3: *ualde enim festino ut quantum homo possit quam cautissime nauigem*) e constitui então um módulo grandemente presente na língua romance.

Os textos de Sêneca, segundo Zélia Cardoso (1997), eram destinados a uma espécie de elite social, amantes do luxo e da ostentação, de moradias ricas, mobiliário fino e mesa farta; ao público habituado a frequentar círculos literários e sessões de *recitationes*, encontrando nelas uma forma particular de lazer intelectualizado. Zélia Cardoso (1997) destaca que nem as obras filosóficas de Sêneca nem as peças trágicas são textos para grandes massas. A autora pontua que as primeiras respondem a questionamentos muito particulares; as segundas, muito requintadas com relação à linguagem, o que resulta em alguns problemas para a representação, certamente não teriam feito sucesso em um teatro popular. Devido ao seu contexto sociopolítico, os escritores da época de Sêneca acabavam não podendo dizer certas coisas de forma clara, o que levou a um esvaziamento de conteúdos que era compensado pela exuberância verbal, pelo gosto do efeito, pela ênfase, pela pompa de estilo. Zélia Cardoso (1997) acrescenta que a ornamentação da frase se equilibrava com a ausência de marcas pessoais, uma vez que expressá-las poderia gerar graves consequências.

Sendo assim, para melhor caracterizar nossos *corpora*, nas subseções seguintes, 2.1.2 e 2.1.3, apresentamos informações sobre a comédia plautina e a

tragédia senequiana, com vistas a descrever os *corpora* de análise e seus enquadres discursivos.

2.1.2. Sobre a comédia e sobre Plauto

Segundo Codoñer (1997), é comum, ao referir-se à comédia latina, começar por sua lamentável escassez de obras que chegaram até nós, uma vez que só é possível ler vinte e seis comédias em um estado aceitável de conservação. Esse número, que é bem reduzido, se comparado com o número de comédias que teriam sido provavelmente produzidas na Antiguidade Latina, tem a autoria de apenas dois autores, Plauto e Terêncio. Ambos os autores produziam comédias que pertenciam ao gênero que foi conhecido como *palliata*, inspirada, fundamentalmente, na Comédia Nova dos gregos. Segundo a autora, a *palliata* apresentava ambientação e personagens gregos, com argumento complexo de natureza festiva, e com uma priorização da expressão literária sobre a corporal.

Zélia Cardoso (2008) esclarece que os primeiros comediógrafos latinos foram tradutores e adaptadores de peças gregas filiadas à Comédia Nova; com Plauto e, mais tarde, com Terêncio. Codoñer (1997) ressalta que apenas com Plauto foi possível ler obras inteiras que seguiam a *palliata*. A autora destaca que, apesar de frequentemente Plauto nos parecer uma figura conhecida, pouco se sabe a respeito de sua vida e das circunstâncias em que escreveu.

Tito Mácio Plauto (*Titus Maccius Plautus*), conforme pontua Isabella Cardoso (2006), é tradicionalmente apresentado como um homem procedente de classe baixa, vindo de Sársina, na Úmbria, próximo às fronteiras gaulesa e etrusca. Teria nascido entre 254 a.C. e 259 a.C. e ido cedo para Roma, onde teria terminado seus dias idoso, em 184 a.C., reconhecido como um dramaturgo de sucesso.

Isabella Cardoso (2006) destaca que a fama do sucesso plautino, apesar de alguns estudiosos começarem a questionar a imagem do poeta, permanece. Horácio (65-8 a.C.), por exemplo, serve como testemunha de seu êxito: ao reprovar em Plauto certo mercantilismo, o poeta faz referência ao dinheiro que o dramaturgo teria obtido através de suas comédias: *Gestii enim nummum in loculos demittere, post hoc /*

*Securus cada na recto stet fabula talo*¹⁵ (Hor. Ep. II, 1, 175-76). Entre os admiradores, está, por exemplo, Aulo Gélío (130 d.C. – 180 d.C.). O erudito transmite o epitáfio que Varrão (116-27 d.C.), na obra *De poetis*, teria apresentado atribuindo autoria ao próprio dramaturgo: *Postquam est mortem aptus Plautus, Comoedia luget,/ Scaena est deserta, dein Risus, Ludus, locusque/ Et Numeri innumeri simul omnes conlacrimarunt*¹⁶ (Noct, I, 24,3.).

Isabella Cardoso (2006) ressalta que os versos acima evidenciam características frequentemente elogiadas no poeta romano: seu senso de humor (*ludus iocusque*) e seu virtuosismo métrico (*numeri innumeri*). Essas qualidades, segundo a autora, fazem parte, na apreciação moderna, da peça *Estico*, peça que compõe nossos *corpora*. Uma das maiores evidências do sucesso plautino é justamente a sobrevivência de vinte de suas comédias. Cardoso (2006) explica que seu legado resulta de uma preocupação dos estudiosos romanos do século II a.C., ocasionada pelo próprio valor comercial das peças do dramaturgo, de modo que era preciso discernir as obras plautinas legítimas, separando-as de muitas outras postumamente atribuídas ao dramaturgo, devido à sua popularidade.

2.1.3. Sobre a tragédia e sobre Sêneca

Codoñer (1997) destaca que a primeira característica das tragédias latinas é seu helenismo básico. Após a metade do século III a.C., Lívio Andronico decidiu adaptar para o público romano o gênero dramático que os gregos denominavam *tragoidía*. Nesse sentido, a autora pontua que nas *tragoediae* latinas, o argumento não se distancia essencialmente dos argumentos míticos gregos.

Codoñer (1997) afirma que as informações a respeito da vida de Sêneca começam a ser mais abundantes a partir do ano de 41 d.C., ano de seu desterro a Córcega. Até esse momento, a reconstrução de sua vida se baseia em notícias imprecisas. Segundo Zélia Cardoso (1997), Sêneca pertenceu a um período de transição muito complexo; viveu, conforme a expressão de André de Bovis (*apud* CARDOSO, 1997, p. 9) na “crista que separa as duas vertentes da História: a vertente

¹⁵ Tradução nossa: Ele se preocupa apenas em colocar o dinheiro no bolso; depois disso, é-lhe indiferente a peça cair ou parar em pé

¹⁶ Tradução nossa: Depois que a morte levou Plauto, a Comédia está de luto, o palco está deserto, o Riso, o Jogo, o Graça e os inúmeros Ritmos choram todos juntos.

pagã e a cristã”: é, então, uma época de mudanças políticas, sociais, econômicas, de crises ideológicas e religiosas.

De acordo com Freitas (2015), Sêneca teria nascido por volta do ano 4 a. C, em Córdoba, província romana da *Hispania*; é um autor da época imperial. Foi preceptor de Nero e recebeu dele o título de “amigo do imperador” (*amicus imperatoris*), mas, submetendo-se a esse mesmo poder, como estoico, recebeu uma condenação à morte que o levou ao suicídio honroso no ano 65, após ter-lhe sido imputado envolvimento numa tentativa de conspiração contra Nero. Membro da ordem equestre, ele seguiu a esperada carreira político-burocrática (*cursus honorum*) da elite romana: *quaestor* em 31, *aedile* em 41, quando foi exilado na Córsega até 49 pelo imperador Cláudio, *praetor* em 50, *consul* em 56. Freitas (2015) destaca que, nesse período do exílio, costuma-se localizar intensa produção intelectual, incluindo parte de sua obra dramaturgica.

Ao refletir sobre os acontecimentos que fizeram parte da vida de Sêneca, Zélia Cardoso (1997) conclui que toda a vida adulta de Sêneca decorreu em um ambiente caracterizado pela violência, pela crueldade de governantes, pelo despotismo. Ainda que ele tivesse tido acesso à corte, chegando a desempenhar papéis importantes, isso não foi suficiente para garantir-lhe imunidades. Sua obra, então, reflete em alguma medida todo esse estado de coisas. Zélia Cardoso (1997) afirma que a própria escolha dos gêneros literários com que se envolveu tem uma motivação. Ao dedicar-se à filosofia, principalmente divulgando os princípios doutrinários estoicos, propôs ao homem de sua época uma reflexão sobre a felicidade humana, a paz de espírito, a curta duração da vida, o descaso pelo supérfluo, o exercício da virtude; ao escrever tragédias, derramou-se em um estilo pomposo e elaborado, valeu-se do mito como alegoria, e, ao condenar os heróis e heroínas da fábula que se deixaram vencer pelas paixões, condenou, ao mesmo tempo, de forma velada e simbólica, os procedimentos comportamentais que caracterizavam os poderosos.

Sêneca, conforme Zélia Cardoso (1997), foi um típico autor do início da decadência romana. A autora destaca que os textos filosóficos que escreveu exploram temas de moral, sem grande aprofundamento, e neles se observa um pendor acentuado pela filosofia estoica. As tragédias, escritas provavelmente para a leitura e a declamação, se revestem de um tom eloquente, oratório e empolado, ainda que em certos momentos revelem um estilo vivo, nervoso e patético. Codoñer (1997) ressalta que, ainda que tenham acusado Sêneca de falta de gosto e medida, levado pelo

desejo de conseguir maior efeito possível, as tragédias são uma criação original com passagens de autêntica beleza lírica e descritiva, especialmente nas partes dos coros. Assim como em sua prosa, o teatro senequiano foi objeto tanto das mais ferventes admirações quanto das resistências mais enraivecidas.

2.1.4. O enquadre discursivo das peças que integram os *corpora*

a. *Estico*

O enredo de *Estico* tem início com um diálogo entre duas irmãs, Pânfila (*Pamphila*) e Panégiris (*Panegyris*), no qual elas lamentam a ausência dos maridos (que estão no exterior há três anos e sem dar notícias) e se afligem com a ameaça de que seus casamentos viessem a ser anulados pelo pai. No decorrer da cena, as duas decidem que o melhor modo de lidar com a iminente situação seria evitar contrapor-se à vontade paterna, tentando convencê-lo a mudar de ideia. Na cena posterior, o velho Antifonte (*Antipho*), seu pai, é quem vai planejar consigo mesmo o modo como conduzirá a conversa em que buscará persuadir as filhas de seu propósito. Todavia, no encontro entre as três personagens, as filhas permanecem firmes em sua decisão de se manterem fiéis aos maridos ausentes, e o pai se retira frustrado. Panégiris, então, ansiosa por notícias do marido ausente, pede à escrava Crocácia (*Crocotium*) que chame o parasita Gelásimo (*Gelasimus*), e sai acompanhada da irmã. O parasita, entretanto, entra em cena antes mesmo de ser chamado, porém com um outro objetivo: o de fazer um “leilão” de si mesmo em troca de comida. Gelásimo inicia um longo monólogo que termina quando Crocácia resolve aproximar-se e transmitir-lhe o recado. Enquanto o parasita reflete quanto à inesperada convocação, surge Pinácio (*Pinacium*), escravo de Panégiris, com apetrechos de pescaria, vindo apressado da direção do porto. Depois de um discurso exagerado, um diálogo sarcástico com Gelásimo e outras encenações animadas, Pinácio conta à sua dona a tão ansiada notícia: Epignomo (*Epignomus*) e Panfilipo (*Pamphilippus*), os maridos das filhas de Antifonte, estavam de volta, e estavam com muito dinheiro (CARDOSO, 2006, p. 28).

b. Anfitrião

O Anfitrião, de Plauto, é a única peça do dramaturgo com tema mitológico, conforme Zélia Cardoso (2008). Ademais, é uma das poucas peças da qual não se conhece o modelo grego. Nessa peça, Plauto explora a velha lenda grega que focaliza a sedução de Alcmena por Júpiter e a geração de Hércules, lenda essa evocada na *Odisseia*, o que, para Zélia Cardoso (2008), prova sua antiguidade.

Na peça há uma grande confusão causada por Júpiter, que, para desfrutar do amor de Alcmena, faz-se passar por Anfitrião, marido de Alcmena. A fim de ajudar o pai, Mercúrio toma a forma de Sósia, escravo da família. Tudo isso causa uma grande confusão, fazendo com que a história ganhe um tom cômico. A composição do texto é convencional. O prólogo é recitado pelo deus Mercúrio, uma das personagens que se envolverão na trama. Dirigindo-se ao público, Mercúrio se apresenta, de forma jocosa, valendo-se de um discurso repleto de recursos cômicos ao nível do conteúdo e da estrutura formal, e, em seguida, se propõe a revelar o objetivo de sua presença e o argumento da peça:

Agora, exporei primeiro o que vim aqui pedir, depois, contarei o argumento desta tragédia. (*Am.*, 50-51)

Zélia Cardoso (2008) chama a atenção para a referência ao gênero dramático, pois dela derivam as observações feitas na sequência. Mercúrio continua:

Por que vocês franziram a testa? Porque eu disse que será uma tragédia? Sou um deus, vou mudar! Essa mesma, se quiserem, farei com que de tragédia seja comédia, com todos os mesmos versos. Vocês querem que seja assim ou não? Mas eu sou um bobo, como se não soubesse o que vocês querem, sendo eu um deus. Sei qual é o pensamento de vocês acerca desse assunto. Farei com que seja mista: uma tragicomédia, uma vez que vêm aqui reis e deuses. E, então? Visto que aqui escravo também tem seu papel, farei com que seja, por essa razão que eu disse, uma tragicomédia. (*Am.*, 52-63).

Zélia Cardoso (2008) destaca que, para Mercúrio, apesar de ele ter afirmado no prólogo que o público com certeza gostaria de ver deuses representando o papel de histriões, ou seja, de atores bufos, de comediantes, a peça a ser apresentada é uma tragicomédia, porque nela estão presentes personagens, como deuses, descendentes de reis e heróis, como Anfitrião e Alcmena, e escravos.

A comédia romana da época de Plauto, a *palliata*, era composta, segundo Costa (2013), de personagens que representam tipos sociais mais ou menos fixos: escravos, parasitas, jovens apaixonados (normalmente, por meretrizes), velhos, esposas (geralmente, ciumentas), entre outros. Desse modo, os enredos acabavam sendo desenvolvidos também em torno de certas situações básicas. Por consequência, o dramaturgo precisava de muita criatividade para variar seu uso na trama de cada peça. Em se tratando de *Anfitrião*, no entanto, Costa (2013) destaca que essa variação é estendida ao limite: as personagens são tratadas de modo tão singular que se torna complicado identificar, logo de início, os característicos tipos plautinos.

c. *As Troianas*

De acordo com Isabella Cardoso (1999), a peça *As Troianas*, de Sêneca, tem como cenário as ruínas de Tróia derrotada pelos gregos. A situação geral da cidade está, pois, definida. No prólogo, a rainha Hécuba nos apresenta o tema dramático: tratava-se da decisão do destino das mulheres que pertenciam à casa real troiana. A velha rainha lança a pergunta que, em certa medida, todas as outras estariam fazendo a si mesmas: *Praeda quem ... sequar¹⁷?*, v. 59. Segundo Isabella Cardoso (1999), desde o início da tragédia, as troianas se denominam “cativas”: *Turba, captivae, mea. / ferite palmis pectora¹⁸*, v. 63-4, exorta a rainha transtornada. Essa caracterização se repete, conforme destaca Isabella Cardoso (1999)¹¹, em vários momentos do enredo, justifica ações e reações dos personagens e se reafirma na invocação final do mensageiro grego às troianas, no penúltimo verso da peça: *Repetite celeri maria, captivae, gradu¹⁹*, v. 1078. Antes, enquanto aguardam o sorteio e a efetivação de seu cativo, as personagens e o coro precisam lidar com sua nova condição. O sofrimento, as indagações, as expectativas das troianas quanto à escravidão estão presentes em toda a tragédia. De rainhas e princesas a escravas, as personagens são forçadas a se deparar com a efemeridade da condição humana, e, mediante essa efemeridade, a considerar a liberdade de que foram privadas. Toda essa reflexão

¹⁷ Tradução nossa: Presa, quem seguirei?

¹⁸ Tradução nossa: “Ó multidão, cativas minhas, feri com as palmas das mãos vossos peitos”

¹⁹ Tradução nossa: Ide com passos rápidos ao mar, ó cativas!

ocorre também com o coro e com o público da peça, tenha esse sido espectador, ou, como acontece conosco, leitor.

d. *Medeia*

De acordo com Novak (1999), *Medeia*, uma peça escrita em 1027 versos, tem como fontes principais Ovídio, Ênio, Apolônio de Rodes e, naturalmente, Eurípedes. Nessa peça, mostra-se a feiticeira Medeia, neta do Sol, repudiada pelo marido e condenada ao exílio pelo rei, tramando e depois executando sua vingança. Toda situação da tragédia apresenta-se até o fim do segundo episódio (116-300). Além disso, o autor desvenda a personalidade da feiticeira, esclarecendo coisas a respeito de seu passado, e esclarece fatos que antecederam seu casamento com Jasão. Há, além disso, uma projeção para o futuro, na medida em que certos fatos passam a ser esperados como consequência do presente, do passado e da personalidade da heroína.

Segundo Freitas (2015), o argumento da peça senequiana tem como foco a reação de Medeia ao repúdio que sofre de Jasão. O casal e os dois filhos estão exilados em Corinto, onde o rei Creonte entrega a filha Creúsa em casamento ao líder dos argonautas. A peça se passa no dia da cerimônia. Enquanto a cidade grega celebra, a princesa bárbara desterrada planeja sua vingança. Medeia, então, relembra como tinha abandonado Cólquida depois de ter ajudado Jasão a vencer as provas que lhe permitiram conquistar o velocino de ouro. Os fatos que permeiam a fuga do casal na nau Argo, incluindo assassinatos, são apresentados por Medeia como prova do amor devotado ao príncipe grego que agora rompe o juramento de fidelidade feito a ela. A vingança se consuma com a destruição da casa real de Corinto e o assassinato dos filhos.

2.2. Critérios e métodos de análise

Para realizar a análise do verbo *quaero* nos *corpora* selecionados, utilizamos o banco de dados Diógenes (versão 3.2.0) PHI Latin Corpus (Packard Humanities Institute 1999-2007 P.J.J. Heslin), uma vez que nele temos acesso às seguintes edições críticas reconhecidas:

- *Estico*: T. Maccius Plautus. *Stichus* (*Plauti Comoediae*. Vol. 2, ed. F. Leo, 1896).
- *Anfitrião*: T. Maccius Plautus. *Amphitruo* (*Plauti Comoediae*. Vol. 1, ed. F. Leo, 1895). (0119: 001)
- *As Troianas*: L. Annaeus Seneca iunior. *Troades* (L. Annaei Senecae *Tragoediae*, *Incertorum Auctorum Hercules* [Oetaeus], *Octavia*, ed. O. Zwierlein, 1987)
- *Medeia*: (L. Annaei Senecae *Tragoediae*, *Incertorum Auctorum Hercules* [Oetaeus], *Octavia*, ed. O. Zwierlein, 1987).

As obras de cada autor foram retiradas do banco de dados e copiadas para um documento de texto em que foram contabilizados os números de palavras que compõem cada obra e o número de ocorrências do verbo *quaero* em cada uma delas, como podemos visualizar na tabela abaixo, usando-se como recursos metodológicos para essa contabilização preliminar também os recursos de busca disponíveis no Programa Diógenes.

Tabela 2 – Contabilidade de ocorrência de *quaero* nos *corpora*

Obra	Número de Palavras	Número de ocorrências de <i>quaero</i>
<i>Estico</i>	5.930	7
<i>Anfitrião</i>	9.321	9
<i>As Troianas</i>	6.670	10
<i>Medeia</i>	5.520	9
Total	27.441	35

Para auxiliar no andamento da pesquisa, fizemos uso de traduções de apoio para as obras, ainda que, no contexto de ocorrência de *quaero*, tenhamos alterado a tradução do verbo a fim de tornar evidente o fenômeno semântico pesquisado (o traço volitivo no verbo *quaero*). As traduções em língua portuguesa consultadas para as obras foram:

- *Estico*: CARDOSO, Isabela Tardin. *Estico de Plauto*: introdução, tradução e notas. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

- *Anfitrião*: COSTA, Lilian Nunes da. *Anfitrião de Plauto*. Introdução, tradução e notas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- *As Troianas*: CARDOSO, Zélia de Almeida. *As Troianas*. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.
- *Medeia*: FREITAS, Renata Cazarini. *Cuncta quantiam – Medeia abala estruturas*. O teatro de Sêneca e sua permanência na cena contemporânea: tradução e estudo da recepção. São Paulo, 2015.

Para a análise das ocorrências, realizamos as seguintes etapas principais: primeiramente, foram selecionados e organizados os *corpora*. Conforme assinalamos acima, privilegiamos textos dramáticos – a comédia e a tragédia – no intuito de manter o mais uniforme possível as características macrotextuais (a alternância de fala, um registro voltado para a performance oral etc.) e objetivos discursivos (gerar entretenimento, educar através do teatro etc.). Em seguida, localizamos as ocorrências do verbo *quaero* nas obras, contabilizando-as e delimitando brevemente os aspectos formais de cada uma delas. Após essa etapa, realizou-se a análise do contexto discursivo em que *quaero* estava presente, a fim de verificar a presença ou não da volição, buscando-se associar tais contextos discursivos às noções de *irrealis*, futuridade e volição. Na sequência, analisaram-se os aspectos formais das ocorrências, com vistas a compreender os contextos morfossintáticos de ocorrência do verbo. Com base nessa análise, propomos uma tipologia classificatória acerca do uso do verbo *quaero* nesses contextos discursivos, a fim de demarcar as ocorrências de traços semânticos volitivos ou outros traços não volitivos. Finalmente, buscamos propor aproximações e distinções entre as ocorrências nos dois conjuntos de textos usados como *corpora*, buscando oferecer algumas conclusões preliminares, ainda que não propriamente generalizações. Considerando a limitação dos nossos *corpora* e o relativamente restrito número de ocorrências do verbo investigado, procedemos a uma descrição e a uma análise de cada uma das ocorrências. Essa descrição e análise resulta em um estudo de amostragem, majoritariamente qualitativo, que não permite generalizações, mas apontam indícios de uso linguístico que são, entretanto, significativos.

2.3. A pesquisa qualitativa: algumas questões teórico-metodológicas

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa consiste em uma atividade situada que localiza o observador no mundo. É um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Esse tipo de pesquisa envolve uma abordagem naturalista e interpretativista, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Eles explicam que a palavra “qualitativa” implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Para os pesquisadores qualitativos, é preciso ressaltar a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado e as limitações situacionais que influenciam a investigação.

Denzin e Lincoln (2006) destacam que a pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudos de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Nesse sentido, os autores apontam que os pesquisadores que fazem análise qualitativa utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está a seu alcance. Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação a outra. Os pesquisadores qualitativos utilizam a análise semiótica, a análise narrativa, do conteúdo, do discurso, de arquivos, a fonêmica e, até mesmo, as estatísticas, as tabelas, os gráficos e os números.

A pesquisa que propomos lança mão de textos literários registrados em latim como seus materiais empíricos de análise. Parte-se do pressuposto de que tais textos revelam o efetivo uso da língua latina em duas temporalidades – o século III-II a.C., com o latim plautino; e o século I d.C., com o latim senequiano. A limitação de ocorrências analisadas e a relativamente restrita extensão dos *corpora* não favorecem uma pesquisa propriamente quantitativa, mas permitem uma análise amostral que

representa um estudo de caso do uso de *quaero* em Plauto e em Sêneca, trazendo indícios de um uso linguístico pertinente às épocas dos dois autores.

Tal perspectiva metodológica também se afiniza com a perspectiva teórica adotada, o Funcionalismo Linguístico (cf. capítulo 1), haja vista que uma análise qualitativa é adequada à análise linguística que leva em conta múltiplos fatores do uso da língua, incluindo a um tempo seus aspectos gramaticais e discursivos. Nesse sentido, os dados que compõem a presente pesquisa de mestrado foram analisados de acordo com a abordagem qualitativa de análise, isto é, os *corpora* selecionados para análise, textos de obras literárias, representam “cenários naturais” de uso da língua latina. Desse modo, não nos prendemos a análises quantitativas, mas registramos as particularidades históricas e culturais dos textos em língua latina.

Na visão de linguagem adotada, a estrutura linguística serve a exigências comunicativas, situadas no campo discursivo. Informações extralinguísticas influenciam as escolhas linguísticas do falante, e, conseqüentemente, a forma linguística. Sendo assim, a realização da análise dos dados guiada pela abordagem qualitativa é capaz de contemplar as nuances extralinguísticas que atuam sobre as escolhas linguísticas do falante. Portanto, através da análise qualitativa, é possível entender em que situações comunicativas *quaero* ocorre nos *corpora* de análise, relacionando a informação discursiva com a informação linguística.

2.4. A pesquisa de uma língua clássica: limitações da pesquisa e dos *corpora*

Um trabalho linguístico que tem como *corpora* de análise textos da Antiguidade apresenta limitações não encontradas nos estudos de línguas modernas. No entanto, é preciso ressaltar que tais limitações não desqualificam a pesquisa linguística de uma língua clássica.

S. Jamison (1993, p. 212 *et passim*), ao considerar os aspectos metodológicos para uma “sintaxe sincrônica” aplicada a línguas da Antiguidade, elaborou em seu artigo um conjunto de postulados que não deveriam ser esquecidos na análise linguística dessas línguas. Tais postulados resumem-se em:

- (i) a ausência de falantes nativos e de exemplos de língua falada implica renunciar a análises de traços sintáticos codificados por fenômenos estritamente orais;
- (ii) os fenômenos sintáticos (e mesmos os semânticos e funcionais) em análise devem se correlacionar a uma distinção textual objetivamente identificável nos dados;

- (iii) deve-se ter consciência das convenções de estilo, gênero e culturas, visto que os dados disponíveis de escrita pertencem, muitas vezes, a extratos de línguas formais, solenes e deliberadamente estilizados;
- (iv) análises proeminentemente quantitativas, ainda que confirmem um *status* “científico”, muitas vezes levam a generalizações que mais distorcem do que iluminam os fatos sintáticos; e, por fim,
- (v) deve-se assumir que a maior parte do que é preservado na escrita das línguas antigas é gramatical.

Sendo assim, na análise do verbo *quaero* nos textos literários que constituem os *corpora* de análise, é preciso considerar a relevância das premissas metodológicas acima apresentadas, afinal os textos são os testemunhos que temos das línguas antigas. Os cinco pontos destacados acima estão de acordo com as linhas teóricas e metodológicas da análise que propomos aqui. A carência de dados da fala latina e a relativa pobreza dos dados disponíveis não são elementos que inviabilizam uma análise linguística, uma vez que o uso literário, ainda que estilizado e voltado para a produção de um efeito poético, é um uso legítimo da língua, produzido por falantes que a tiveram como sua língua natural.

Informações sobre uma possível performance das peças destacadas para nossa análise indicam possivelmente uma diferença de público a que se destinavam. Com efeito, enquanto as peças de Plauto teriam sido escritas para serem encenadas para um grande público, provavelmente durante jogos cênicos e festivais religiosos (TOLEDO, 2014), as peças de Sêneca teriam sido escritas, por sua vez, para um público selecionado, uma espécie de elite social, para, provavelmente, ser declamada (CARDOSO, 1997). Tal diferença de público implica, certamente, uma diferença de estilo e de uso da linguagem: enquanto em Plauto é possível presumir traços que se aproximassem da língua usada em contextos familiares; em Sêneca a escrita se reveste por um tom eloquente, oratório e elaborado retoricamente. Tais diferenças ligadas ao estilo (mais ou menos retoricamente elaborado) e à *performance* (se deveria ser apresentada para um público maior ou uma pequena e seleta audiência) não estão sendo consideradas em nosso estudo.

Ainda assim, a seleção de peças de autores tão distintos se justifica pelo interesse em verificar traços semânticos do *quaero* em duas temporalidades da língua latina. Ademais, se as diferenças identificadas acima podem, sem sombra de dúvida, influenciar a escolha de um vocabulário, os torneios sintáticos e as figuras

empregadas, pressupomos que, limitados à análise semântica de um único item lexical, o verbo *quaero*, as diferenças relativas à elaboração retórica e à performance são menos relevantes que as diferenças de uso relativas à mudança da língua no tempo. Além disso, o fato de os textos serem ambos escritos em versos, com a alternância de falas características do gênero dramático, e ambos destinarem-se a uma performance oral (ainda que diversa, conforme vimos), permite-nos aproximar esse conjunto de textos em uma análise “linguística”.

Nesse sentido, constituímos os *corpora* formados por textos pertencentes ao gênero dramático, subdividido nos gêneros comédia e tragédia, cujos autores viveram em épocas diferentes e tinham propósitos comunicativos distintos. Essas características são relevantes para a pesquisa das ocorrências do verbo *quaero*, uma vez que, na ausência de contato com falantes da língua latina, temos acesso, ainda que indiretamente, a contextos sociohistóricos distintos através do efetivo uso linguístico desses textos (ainda que literários). Assim, através da análise das ocorrências, acreditamos ser possível avaliar se esses dois blocos temporais fazem com que haja diferença ou não na qualidade das ocorrências de *quaero*, no que diz respeito aos seus traços semânticos.

CAPÍTULO III

Semântica volitiva de *quaero*

No decorrer desta dissertação, apresentamos a hipótese de o verbo latino *quaero* apresentar em sua semântica o sentido de volição, tendo em vista que tal modalidade expressa o desejo do falante e posiciona o evento volitivo no campo da futuridade, a partir de graus de incerteza epistêmica expressos pelo usuário da língua referente à realização do que se almeja. Desse modo, neste capítulo, temos como meta apresentar uma descrição e uma análise dos dados que reunimos em nossos *corpora*, conforme descrevemos no Capítulo II deste trabalho.

A partir de tal hipótese, o presente capítulo tem por objetivos específicos:

- i) apresentar a descrição das ocorrências de *quaero* nos *corpora* selecionados para análise;
- ii) analisar as ocorrências de *quaero*, considerando seu contexto discursivo e questões que dizem respeito à forma;
- iii) propor um contraste entre as diferentes ocorrências em cada *corpus*, de modo a verificar a possibilidade de identificar convergências ou divergências no uso linguístico.

3.1. Análise das obras de Plauto, *Estico* e *Anfitrião*, e de Sêneca, *As Troianas* e *Medeia*

As subseções 3.1.1. e 3.1.2. apresentam as ocorrências de *quaero* nas obras de Plauto selecionadas para análise, *Estico* e *Anfitrião*. O latim plautino, conforme pontua Fortes (2008), ainda que possa oferecer-nos indícios do que teria sido o discurso falado à época em que viveu Plauto, não pode ser tomado como uma reprodução fiel do *modus loquendi* dos romanos desse período. Do mesmo modo, embora possa ser reconhecido como uma variante mais antiga em relação ao latim convencionalmente chamado de “clássico” (aquele de que são testemunhos os textos

dos séculos I a.C. e I d.C.), essa variedade não pode ser considerada, em todas os seus modos de expressão, uma língua “arcaica”, mas apresenta um misto de formas de linguagem que é típico da comédia *palliata*. Assim, faz-se importante destacar que, no texto de Plauto, encontram-se tanto formas arcaicas quanto possíveis coloquialismos, somados ainda aos aspectos poéticos da comédia.

Nas subseções 3.1.3 e 3.1.4 temos a apresentação das ocorrências de *quaero* nas obras de Sêneca selecionadas para análise, *As Troianas* e *Medeia*. No período em que viveu Sêneca (século I d.C.), temos o chamado latim clássico. Conforme apontam Poccetti *et al.*, a linguagem de Sêneca além de representar a máxima realização da prosa do primeiro século d.C., se mostra como um modelo alternativo ao de Cícero. Na sua língua estão presentes influências da escola retórica que seguia. A expressividade recebe lugar de destaque nos textos de Sêneca no lugar da sofisticação da organização sintática. Esse trabalho elaborado de escrita dos textos senequianos se relaciona, ao que parece, com o público a que pretendia alcançar, a elite culta de seu tempo.

3.1.1. Estico

Ocorrência 1:

Texto em latim	Tradução
<p>{PAN.} <i>Placet; taceo.</i> {SOR.} <i>At memineris fácito.</i> [{PAN.} <i>Nolo égo, soror, me credi esse immemorem viri, neque ille eos honores, mihi quos habuit, perdidit; nam pol mihi grata acceptaque eiust benignitas. et me quidem haec condicio nunc non paenitet, neque est cur [non] studeam has nuptias mutarier; verum postremo in patris potestate est situm: faciendum id nobis quod parentes imperant.</i> {SOR.} <i>Scio, atque in cogitando maerore augeor, nam propemodum iam ostendit suam sententiam.</i> {PAN.} <i>Igitur [1] quaeramus, nobis quid facto usus sit.] (v. 48-57)</i></p>	<p>PANE - Está bem: eu me calo. PÂNFI- Mas trate de se lembrar disso! PANE: Não quero, irmã, que pensem ter eu me esquecido de meu marido, e a consideração que ele tinha por mim não foi em vão; pois, por Pólux, agradeço e reconheço o bem que ele me fez. E, no fundo, não me arrependo deste casamento, e nem há razão, não, para que eu queira trocar de marido. Mas, em última instância, isso depende da determinação de nosso pai: é nosso dever fazer o que os pais ordenam. PÂNFI – Sei e só de pensar sofro de tristeza, pois ele já mostrou muito bem qual é sua decisão. PANE - Então [1] vamos querer saber de nós mesmas o que é que devemos fazer.</p>

No excerto acima, com relação ao contexto discursivo, as duas irmãs, Panégiris e Pânfila, têm uma discussão sobre a questão da ausência de seus maridos, que partiram de casa havia três anos e não lhes deram nenhuma notícia desde então. A preocupação das irmãs, principalmente de Pânfila, estava relacionada à opinião de seu pai, que não concordava com o fato de elas continuarem seus casamentos sem a presença dos respectivos maridos. Pânfila tenta convencer a irmã de que elas deveriam continuar esperando seus maridos mesmo que eles as tivessem deixado sozinhas. Panégiris, por outro lado, ressalta que, mesmo que elas queiram continuar casadas, isso dependeria da vontade do pai. Assim, Pânfila afirma já saber o posicionamento do pai, o que muito a deixa triste. Panégiris, então, ressalta que, uma vez que elas já sabem da decisão do pai, resta que elas decidam – isto é, queiram saber – que atitude deveriam tomar.

Podemos perceber um sentido geral de volição nesse contexto, pois as irmãs não querem deixar seus maridos e elas discutem, ansiosas, o posicionamento do pai, que quer que elas abandonem seus casamentos. Há, portanto, do ponto de vista do contexto discursivo, um contraste entre diferentes instâncias do querer (a vontade do pai, a vontade de cada uma das filhas e a vontade de saber a decisão a ser tomada). É possível pensar que o verbo *quaero*, nesse contexto, apresenta um sentido volição que está relacionado a uma ação, a ação de investigar, refletir sobre o que elas próprias acreditam que deve ser feito e, enfim, tomarem uma decisão.

No que diz respeito à forma, temos o verbo *quaero* conjugado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo (*quaeramus*) acompanhado de uma oração subordinada substantiva interrogativa indireta (*quid facto usus sit*). O sujeito de *quaeramus* está implícito (*nos* = as irmãs) e tem característica humana. Podemos pensar que a característica humana do sujeito de *quaero* licencia a semântica volitiva desse verbo, uma vez que as irmãs, expressando o desejo de saber delas próprias o que realmente deveriam fazer, podem, nesse sentido, agir em direção a trazer esse evento volitivo do campo do *irrealis* para o domínio do real, concretizando seu desejo. Essa busca por saber o que elas devem fazer expressa graus de incerteza epistêmica, uma vez que se acredita que elas irão, de fato, querer saber e, no entanto, não se pode ter certeza sobre isso, sendo tal apenas uma possibilidade. Essa pouca certeza diz respeito ao fato de o evento volitivo estar projetado no campo da futuridade, de modo que, no ato comunicativo, há apenas a intenção, a probabilidade e a crença de que o evento volitivo se concretizará. Ademais, vale ressaltar a presença do modo subjuntivo no contexto, o qual reforça a potencialidade da volição e, conseqüentemente, sua relação com *irrealis*.

Ocorrências 2, 3 e 4:

Texto em latim	Tradução
<p>{ANT.} <i>Vostrum animum adhiberi volo; nám ego ad vos nunc imperitus rerum et morum mulierum,</i></p> <p><i>discipulus venio ad magistras: quibus matronas moribus, quae optumae sunt, esse oportet? sed utraque ut dicat mihi.</i></p> <p>{SOR.} <i>Quid istuc est quod huc [2] éxquaesitum mulierum mores venis?</i></p> <p>{ANT.} <i>Pol ego uxorem [3] quaero, postquam vostra mater mortuast.</i></p> <p>{SOR.} <i>Facile invenies et peiorem et peius moratam, pater, quam illa fuit: meliorem neque tu reperies neque sol videt.</i></p> <p>{ANT.} <i>At ego ex te [4] éxquaero atque ex istac tua sorore.</i></p> <p>{SOR.} <i>Edepol pater, scio ut oportet esse: si sint – ita ut ego aequom censeo. (v. 103- 113)</i></p>	<p>ANTI- Quero que vocês prestem atenção. É que, agora, eu é que venho até vocês inexperiente quanto aos assuntos e costumes femininos, como um aluno vai às professoras. Que maneiras as melhores esposas devem ter? Respondam-me, tanto uma quanto a outra.</p> <p>PÂNFI- Mas o que deu em você para vir até aqui [2] querendo saber “maneiras femininas”?</p> <p>ANTI- Por Pólux! Eu [3] quero uma esposa, já que a mãe de vocês está morta.</p> <p>PÂNFI- Fácil vai ser você encontrar uma não só pior do que ela foi como também com maneiras muito piores, pai. Melhor nem você vai descobrir nem o próprio sol vê.</p> <p>ANTI- Mas é de você de sua irmã que eu [4] quero saber essas coisas.</p> <p>PÂNFI- Por Pólux, pai! Eu sei como uma mulher deveria se portar, se é que é possível existirem mulheres do jeito que julgo correto.</p>

No excerto acima, Antifonte, o pai de Panégiris e Pânfila, vai até as filhas para tentar convencê-las de que o melhor para elas seria que se separassem de seus maridos. A fim de conseguir convencê-las de seu posicionamento, ele usa de artifícios, indagando-as, por exemplo, sobre assuntos relacionados a mulheres, para, depois, expor sua opinião. Nesse sentido, Antifonte diz às filhas que gostaria de saber mais sobre a maneira de ser das mulheres, por exemplo, o modo como as esposas deveriam se portar. A essa indagação, Pânfila contesta imediatamente, perguntando ao pai o que aconteceu com ele, para ir até elas querendo saber sobre “maneiras femininas”. Antifonte, por sua vez, para disfarçar seus objetivos, diz que deseja uma esposa, uma vez que a mãe delas está morta. Pânfila se mostra indignada, e Antifonte continua dizendo que é delas duas que ele quer saber essas coisas. Em seguida, Pânfila afirma que sabe como uma mulher deve se portar, e o diálogo continua com suas explicações e as interrupções indagatórias do pai.

Assim como na ocorrência [1], aqui também podemos perceber um sentido geral de volição presente no contexto discursivo: as três personagens querem algo: o pai quer convencer as filhas de deixarem seus maridos, e as filhas querem continuar casadas. Podemos observar, a partir desse enquadre comunicativo, que o contexto discursivo gira em torno de Antifonte querer saber das filhas como as mulheres deveriam se portar. Além disso, no decorrer de sua fala, o pai demonstra seu desejo (aparentemente falso, usado para disfarçar seus objetivos) de ter uma esposa (*quaero uxorem*).

No que diz respeito à forma, na ocorrência [2], temos o verbo *exquaero*, *exquaesitum* (na verdade, um derivado de *quaero*, *exquaero*) utilizado em uma forma nominal, o particípio passado, tendo como complemento um acusativo (*mores*) e apresentando sujeito implícito (*tu*), com característica humana. Na ocorrência [3], o verbo *quaero* está conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo *quaero*, tendo como complemento um acusativo (*uxorem*) e apresentando um sujeito explícito (*ego*), anteposto ao verbo, com característica humana. Na ocorrência [4], temos novamente o derivado de *quaero* (*exquaero*) conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, tendo um complemento implícito em acusativo. Ademais, o sujeito está explícito (*ego*), anteposto ao verbo e possui característica humana.

Com base nas considerações acima realizadas sobre os contextos discursivo e linguístico, podemos pensar que, novamente, a característica humana presente nos sujeitos das formas verbais *exquaesitum*, *quaero* e *exquaero* contribuem para a presença da volição, pois, para desejar algo, seria preciso que o sujeito fosse capaz de agir em direção à concretização daquilo que se deseja. Antifonte foi até suas filhas com o objetivo de convencê-las em favor da sua ideia, para isso, começou a “simular” um interesse por assuntos femininos, demonstrando querer saber sobre como, por exemplo, uma mulher deveria se portar. Dessa forma, o desejo por saber algo já estava delineado no início do ato comunicativo, e o sujeito que queria saber essas coisas começou a agir para concretizar seu desejo, pois estava “extraíndo” da fonte em que confiava, suas filhas, tal informação. Assim, quando Pânfila verbaliza o desejo do pai (*exquaesitum mores mulierum*), o leitor começa a ver o desejo de saber se aproximando da realização, uma vez que as filhas falarão sobre como uma mulher idealmente deve se portar. Percebemos, nesse sentido, a presença da probabilidade e da crença em se alcançar o que deseja, características do julgamento epistêmico,

e, somado a isso, há, por parte de Antifonte, a intenção de que o evento volitivo se concretize, característica do julgamento deôntico. O desejo do pai, verbalizado pela filha, é ratificado por ele quando diz (*At ego ex te éxquaero atque ex istac tua sorore.*).

Na ocorrência [3], por sua vez, a volição não se relaciona com o “querer saber”, mas sim com o “querer uma esposa”, “desejar uma esposa”. Antifonte justifica suas indagações acerca de assuntos femininos com a vontade de ter uma nova esposa, afinal era viúvo. Vemos aqui a presença da volição marcada pela intenção do pai de ter uma nova esposa. Esse desejo, por depender de diversos fatores para se concretizar, situa-se no campo da futuridade e não tem uma obrigação com a verdade, uma vez que não ocorreu e não se pode garantir que ocorrerá, ligando-se, assim, à categoria *irrealis*.

Podemos pensar, a partir das descrições acima, que, assim com tivemos em [1], nas ocorrências [2] e [4], temos em *quaero* um sentido de volição relacionado a uma ação, a ação de investigar, questionar, até alcançar a informação desejada. Em [3], por outro lado, podemos perceber em *quaero* um sentido pleno da volição, uma vez que a personagem deseja uma esposa. Esse desejo pode estar mais relacionado a um estado, uma experiência, do que, necessariamente, a uma ação, como pontuado por Cunha e Souza (2007) em relação ao verbo “querer” no português.

Faz-se importante destacar que nas ocorrências [2] e [4], estamos considerando a forma verbal *exquaerere* formada a partir de um processo de composição, conforme assinala Faria (1958). Nesse processo de formação de palavras, temos uma partícula pré-verbal, a preposição *ex-*, acrescentada à raiz do verbo *quaero*. Faria (1958, p. 283) destaca que, diferentemente do que ocorre nos compostos nominais, nos compostos verbais, as partículas pré-verbais eram primitivamente independentes dos respectivos verbos, podendo, por essa característica, virem separadas. A partícula prepositiva *ex-* tem ideia de afastamento, com sentido secundário de movimento de dentro para fora. Nesse sentido, com base nas análises empreendidas, o sentido original da preposição *ex* não pareceu influenciar substancialmente o sentido de *quaero*, não nos parecendo uma diferença relevante na consideração das ocorrências.

Ocorrências 5 e 6:

Texto em latim	Tradução
<p><i>Gelasimus – [...] <atque> auditavi saepe hoc volgo dicier, solere elephantum gravidam perpetuos decem esse annos; eius ex sémine haec certost fames, nam iam complures annos utero haeret meo. nunc si ridiculum hominem [5] quaerat quispiam, venalis ego sum cum ornamentis omnibus; inanimentis explementum [6] quaerito. quia inde iam a pausillo puero ridiculus fui. [...] (v. 167-174)</i></p>	<p>Gelásimo – [...] Muitas vezes eu ouvi o povo falar assim: em geral uma elefanta fica grávida por dez infindáveis anos. Certamente essa fome vem de um sêmen dessa espécie. Pois já grudou no meu ventre há muitos e muitos anos. Agora, se alguém aí [5] quiser uma pessoa engraçada, estou à venda com todos os apetrechos. Estou [6] querendo um enchimento para a minha inanição. [...]</p>

No excerto acima, a personagem Gelásimo está em meio a um monólogo todo construído de forma cômica, no qual ele se queixa da sua situação. Ele inicia o monólogo dizendo que suspeita que a Fome é que tenha sido sua mãe, pois ele sempre a sentiu. Sua mãe, a Fome, o teria carregado por dez meses na barriga, e, em compensação, ele a carrega na barriga por mais de dez anos. Ele diz não conseguir dar à luz a sua mãe, e se lembra de que ouviu o povo falar que as elefantas ficariam grávidas por dez longos anos, comparando sua fome a um sêmen dessa espécie. Em seguida, ele se oferece como “mercadoria” caso alguém queira uma pessoa engraçada, dizendo que ele estaria à venda com todos os apetrechos. A personagem deseja, com isso, obter algo que preencha sua inanição, então, começa a pensar maneiras de conseguir um jantar. Podemos perceber a volição presente no contexto de modo geral, pois Gelásimo está buscando meios de acabar com sua fome, ele quer – tem o desejo – de conseguir acabar com sua fome, ademais, ele também tem o desejo explícito de provocar riso na audiência (confirmando a sua característica de *ridiculus*).

Com relação às questões formais, na ocorrência [5], o verbo *quaero* está conjugado na 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (*quaerat*), tendo como complemento em acusativo (*hominem ridiculum*). O sujeito está explícito (*quispiam*), aparece posposto ao verbo, e tem característica humana. Na ocorrência [6], temos o

frequentativo de *quaero* (*quaerito*) conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, tendo como complemento um acusativo (*explementum*). O sujeito está implícito (*ego*), tendo característica humana.

Partindo das descrições dos contextos discursivo e linguístico da cena em que temos as ocorrências [5] e [6], percebemos que, novamente, a característica humana está presente, permitindo que o sujeito seja um experienciador da volição, podendo vir a realizar aquilo que se deseja, qual seja: em [5], ter uma pessoa engraçada, caso alguém queira uma, e em [6], o sujeito, Gelásimo, encontrar um enchimento para sua inanição. Em [5] temos ainda a ocorrência do modo subjuntivo, reforçando a potencialidade da volição e sua relação com traço de futuridade. Nesse sentido, temos presente nas ocorrências a modalidade volitiva, indicando a necessidade, a intenção e a possibilidade de conquistar o que se deseja. Desse modo, podemos perceber nas ocorrências [5] e [6] a presença de um sentido pleno da volição, uma vez que está ligada a um desejo que não demanda, diretamente, uma ação do sujeito experienciador.

É importante destacar que, na ocorrência [6], consideramos a forma verbal *quaerito*, que é um frequentativo, em *-to* ou iterativo, conforme Faria (1958, p. 241). Esses verbos indicam repetição, podendo indicar também puramente intensividade. Faria acrescenta que os verbos essencialmente iterativos são uma criação popular da língua falada, uma vez que sofriam em geral um enfraquecimento em seu valor semântico primitivo, passando a substituir os verbos primitivos de que haviam derivado. O seu uso na comédia parece também colaborar para a caracterização de uma linguagem popular, que faz uso particular de um modo de expressão enfático, tendo em vista a produção de um efeito cômico.

Ocorrência 7:

Texto em latim	Tradução
{G.} <i>Lubente me hercle facies.</i> {E.} <i>Idem ego istuc scio.</i> <i>quando usus veniet, fiet.</i> {GEL.} <i>Nunc ergo usus est.</i> {EPIG.} <i>Non edepol possum.</i> {GEL.} <i>Quid gravare? censeas.</i> <i>nescio quid vero hábeo in mundo.</i> {EPIG.} <i>I modo,</i> <i>alium convivam [7] quaerito tibi in</i> <i>hunc diem.</i> {GEL.} <i>Quin tu promittis?</i> {EPIG.} <i>Non graver, si possiem.</i> (v. 472-479)	Gel – Por Hércules, você me fará muito feliz... Epi – Disso eu sei muito bem. Assim que houver a oportunidade, será feito. Gel – Mas a oportunidade é agora EPI – Não, por Pólux, não posso. GEL. – Por que recusar? Pense bem: tenho uma coisinha pronta para servir. EPI- Ande, então! [7] Procure outro convidado a sua casa hoje Gel. – Por que você não promete ir? EPI: Eu não recusaria se pudesse. [...]

No excerto acima, com relação ao contexto discursivo, ocorre um diálogo entre Gelásimo, o parasita, e Epignomo, marido de Panégiris. Nessa situação, Gelásimo, a fim de conseguir acabar com sua fome, usa da seguinte estratégia: ele convida Epignomo para jantar na sua casa, diz ao novo rico que terá algo a lhe oferecer. Gelásimo, naturalmente, não tem um jantar para oferecer; sua ideia com esse convite é a de que, na impossibilidade de aceitar o convite, Epignomo o chame até a sua casa. No entanto, isso não acontece, e o novo rico diz ao parasita que ele encontre outra pessoa para ir até sua casa. Desse modo, podemos perceber um sentido geral de volição perpassando a cena, uma vez que Gesálimo faz o convite a Epignomo, porque quer conseguir um jantar.

Com relação à forma da ocorrência [7], temos o *quaero* conjugado no futuro do imperativo, na 2ª pessoa do singular, e tem complemento em acusativo (*alium convivam*). O sujeito está implícito (*tu*), referindo-se a Gelásimo, tendo, portanto, característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, temos uma ocorrência de *quaero* na qual a volição aparece de forma mais “fraca” do que nas ocorrências anteriores. Quando Epignomo diz a Gelásimo que encontre outro convidado, isto é, que “procure” ou “busque” alguém (*quaerito*), entende-se que, para que a ordem de Epignomo seja concretizada, é preciso que o sujeito de *quaerito* queira, deseje, de fato, encontrar outro convidado para levar a sua casa; o que sabemos, pelo contexto, que não ocorrerá. Nesse sentido, percebemos que a

modalidade volitiva presente no verbo *quaerito* da ocorrência [7] fica apenas no campo da futuridade e não se concretiza, demonstrando a presença do *irrealis* nessa forma verbal. Diferente das demais ocorrências, o sentido volitivo aqui se enfraquece porque o imperativo, em segunda pessoa, direciona o foco do querer para o objeto, não para o sujeito, de forma que um presumido sentido de volição associado a um sujeito (gramatical e discursivo) é hipotético em relação a um possível desejo do interlocutor. Mais uma vez vemos a volição – ainda que de forma mais “fraca”, devido ao modo verbal imperativo – relacionada a uma ação, pois a pessoa quando procura algo, deve querer realizar essa ação e, além disso, agir para encontrar o que se busca.

3.1.2. Anfitrião

Ocorrências 8 e 9:

Texto em latim	Tradução
<p><i>MERCVRIVS – [...] ego servi sumpsī Sosiae mi imaginem, qui cum Amphitruone abiit hinc in exercitum, ut praeservire amanti meo possem patri atque ut ne, qui essem, familiares [8] quaererent, versari crebro hic cum viderent me domi; nunc, cum esse credent servom et conservom suom, haud quisquam [9] quaeret qui siem aut quid venerim. [...] (v. 124-130)</i></p>	<p>MERCÚRIO – [...] Já eu assumi para mim a feição do escravo Sósia, que partiu daqui rumo ao exército com Anfitrião, para que eu pudesse servir ao meu apaixonado pai, e para que os escravos não ficassem [8] querendo saber quem eu era, ao me verem perambulando com tanta frequência aqui em casa. Agora, como eles creem que eu sou um escravo e que sou um companheiro de escravidão deles, pessoa alguma [9] irá querer saber quem eu sou, ou por que vim.</p>

Esse excerto pertence ao prólogo, e nesse contexto discursivo, temos Mercúrio, dirigindo-se ao público para explicar o enredo da peça e o motivo de ele ter assumido a forma do escravo Sósia. Segundo o deus, ele precisou tomar a forma de Sósia para auxiliar seu pai em sua aventura amorosa, uma vez que seria necessário a presença de alguém para vigiar a chegada do verdadeiro Anfitrião, enquanto Júpiter, disfarçado como Anfitrião, passasse a noite com Alcmena, esposa deste. Nesse sentido, Mercúrio escolhe a figura de Sósia a fim de evitar que as pessoas, por curiosidade, fiquem querendo saber quem seria a pessoa parada em frente à casa de Anfitrião e Alcmena. Portanto, a situação comunicativa retratada no excerto gira em torno de a

figura de Sósia ser um bom disfarce para evitar que pessoas conhecidas dos donos da casa tivessem a curiosidade de saber, isto é, *quisessem saber*, quem seria a pessoa estranha parada ali em frente à casa de Anfitrião. Desse modo, podemos perceber a presença da volição da possível curiosidade das pessoas em querer saber uma informação.

No que diz respeito à forma, temos na ocorrência [8], o verbo *quaero* conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo, na 3ª pessoa do plural (*quaerent*), tendo como complemento uma oração subordinada substantiva interrogativa indireta (*qui essem*) e apresentando sujeito explícito, com característica humana (*familiares*), que aparece anteposto ao verbo. A ocorrência [9], por sua vez, apresenta o verbo *quaero* conjugado no futuro imperfeito do indicativo, na 3ª pessoa do singular (*quaeret*), tendo como complemento uma oração subordinada substantiva interrogativa indireta (*qui siem aut quid venerim*) e apresentando sujeito explícito (*quisquam*), com característica humana e posicionado anteriormente ao verbo.

Assim como nas ocorrências anteriores, de acordo com a descrição do contexto discursivo e das questões formais, podemos pensar que a característica humana presente nos sujeitos das duas ocorrências do verbo *quaero* licencia a semântica volitiva dos verbos, uma vez que tal característica permite que o sujeito aja em direção àquilo que se deseja. Ademais, em [8], temos a presença do subjuntivo, reforçando a potencialidade da volição e demarcando essa potencialidade como projeção futura, presente no campo do *irrealis*. Nas ocorrências [8] e [9], mais uma vez, nota-se a semântica volitiva relacionada a uma ação que pode fazer com que a volição saia do domínio do *irrealis* para o domínio do real, ou seja, para obter aquilo que se deseja, como uma informação, é preciso agir, perguntando, questionando.

Ocorrência 10:

Texto em latim	Tradução
{MERC.} <i>Quo ambulas tu, qui Volcanum in cornu conclusum geris?</i> {SOS.} <i>Quid id [10] exquiris tu, qui pugnīs os exossas hominibus?</i> {MERC.} <i>Servosne <es> an liber?</i> {SOS.} <i>Vt cumque animo conlibitum est meo.</i> {MERC.} <i>Ain vero?</i> {SOS.} <i>Aio enim vero.</i> {M.} <i>Verbero.</i> {S.} <i>Mentiris nunc.</i> {MERC.} <i>At iam faciam ut verum dicas dicere.</i> (v. 336-344)	MERCÚRIO – Para onde você vai, que traz Vulcano encerrado no chifre? SÓSIA- Por que você, que desossa os rostos dos homens com os punhos, [10] quer saber isso? MERCÚRIO - <Você é> um escravo ou um homem livre? SÓSIA – Pois digo a verdade! MERCÚRIO – Verme açoítável! SÓSIA- Agora você está mentindo! MERCÚRIO – Mas já vou fazer com que você diga que eu digo a verdade! [...]

No excerto acima, temos Mercúrio e Sósia desenvolvendo um diálogo. Nesse diálogo, Sósia, que chegara à casa de seu amo para avisar Alcmena sobre a vitória e o regresso do esposo, se depara com Mercúrio, que tem a forma de Sósia, e ambos começam uma discussão. Mercúrio impede Sósia de entrar na casa e ameaça bater no escravo. No meio da discussão, Mercúrio acusa Sósia de estar mentindo e começa a fazer perguntas ao escravo e a argumentar, de modo que o verdadeiro Sósia acaba colocando em dúvida sua própria identidade. Mercúrio, ao se dirigir a Sósia nessa passagem, busca obter informações, ou seja, quer saber do escravo aonde ele vai, ou, ao menos, aonde ele pretende ir. Esse contexto indagativo justifica a interpretação de *quaero* como “querer saber” e demonstra a presença da volição em toda a cena, uma vez que Mercúrio quer saber várias informações a respeito de Sósia, com o intuito de confundir o escravo.

No que diz respeito à forma, o verbo *exquaero*, derivado de *quaero*, no passo acima, está conjugado no presente do indicativo, na 2ª pessoa do singular (*exquaeris*), tendo como complemento um acusativo (*id*) e apresentando sujeito explícito (*tu*), com característica humana, posposto ao verbo.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, temos a presença da característica humana nos sujeitos dos verbos, o que licencia o sentido de volição, permitindo que tais sujeitos ajam ou possam vir a agir em direção a concretização do que se deseja. Essa possibilidade de concretização ou não da volição se relaciona com a incerteza epistêmica presente no verbo. Ademais, sabendo

que a volição pode vir ou não a ser concretizada, temos a colocação do evento no campo da futuridade e, conseqüentemente, no campo do *irrealis*.

Ocorrência 11:

Texto em latim	Tradução
<p>{SOS.} <i>Egomet mihi non credo, cum illaec autumare illum audio; hic quidem certe quae illic sunt res gestae memorat memoriter. sed quid ais? quid Amphitruoni <doni> a Telobois datum est?</i></p> <p>{MERC.} <i>Pterela rex qui potitare solitus est patera aurea.</i></p> <p>{SOS.} <i>Elocutus est. ubi patera nunc est? {MERC.} <Est> in cistula; Amphitruonis obsignata signo est.</i></p> <p>{SOS.} <i>Signi dic quid est?</i></p> <p>{MERC.} <i>Cum quadrigis Sol exoriens. quid me captas, carnufex?</i></p> <p>{SOS.} <i>Argumentis vicit, aliud nomen [11] quaerendum est mihi. nescio unde haec hic spectavit. iam ego hunc decipiam probe; nam quod egomet solus feci, nec quisquam alius affuit, in tabernaclo, id quidem hodie numquam poterit dicere. si tu Sosia es, legiones cum pugnabant maxime, quid in tabernaclo fecisti? victus sum, si dixeris. (v. 416-428)</i></p>	<p>SÓSIA – Eu próprio não acredito em mim quando o escuto afirmando essas coisas! Sem dúvida ele certamente rememora de memória os feitos que se passaram ali! Mas o que você me diz: o que foi dado de presente a Anfitrião pelos teléboas?</p> <p>MERCÚRIO- Uma taça de ouro na qual o rei Ptérelas costumava beberiscar.</p> <p>SÓSIA- Ele disse! Onde está a taça, agora?</p> <p>MERCÚRIO – Em uma cestinha lacrada com o selo de Anfitrião.</p> <p>SÓSIA – Venceu-me com os argumentos! Preciso [11] procurar um outro nome para mim! Não sei onde esse aí viu essas coisas... Já vou tapeá-lo direitinho! Pois o que eu mesmo fiz sozinho, sem ninguém mais na tenda, isso, de fato, ele nunca poderia dizer hoje. Se você é Sósia, enquanto as legiões lutavam com todas as forças, o que você fez na tenda? Estou vencido se você disser.</p> <p>MERCÚRIO – Havia um barril de vinho, com ele completei meu copo. [...]</p>

No excerto acima, Mercúrio e Sósia continuam a discussão sobre quem é o Sósia verdadeiro. Diante das respostas de Mercúrio, o Sósia verdadeiro começa a ficar perdido sobre sua própria identidade e fala sobre a necessidade de encontrar um novo nome para ele, disso advindo a necessidade de uma busca. Podemos perceber que a volição está presente na cena como um todo, porque Mercúrio continua a discussão querendo confundir Sósia, a ponto de este começar a pensar em procurar um novo nome, porque ele mesmo não sabe mais quem é. Contudo, embora o enquadre comunicativo pressuponha uma ideia geral de volição, a ocorrência do verbo parece não ter sentido volitivo pleno, tal como vimos nas ocorrências [3], [5] e [6], de

modo que está implícita também a ideia de ação consignada no ato de “ir em busca de”, “procurar”, que é uma das noções semânticas historicamente associadas a *quaero* e descritas pelos dicionários e gramáticas.

No que diz respeito à forma, o verbo *quaero*, nessa passagem, encontra-se no gerundivo, forma nominal do verbo que funciona como um adjetivo, um predicativo do sujeito, e denota ação futura indicando obrigatoriedade ou dever (*quaerendum*). Tal forma tem como sujeito sintático *aliud nomen*, que, semanticamente é complemento, uma vez que é o que é buscado por Sósia, que, por sua vez, é o sujeito semântico.

A volição presente no contexto é marcada pela incerteza própria dessa modalidade, uma vez que ter que procurar um novo nome não garante que esse nome será encontrado, colocando o evento volitivo no domínio do *irrealis*.

Ocorrência 12:

Texto em latim	Tradução
<p>{AMPH.} <i>Ei mihi, iam tu quoque huius adiuvas insaniam?</i> <i>ain heri nos advenisse huc?</i> {ALC.} <i>Aio, adveniensque ilico me salutavisti, et ego te, et osculum tetuli tibi.</i> {SOS.} <i>Iam illud non placet principium de osculo.</i> {AMPH.} <i>Perge exsequi.</i> {ALC.} <i>Lavisti.</i> {AM.} <i>Quid postquam lavi?</i> {AL.} <i>Accubuisti.</i> {S.} <i>Euge optime.</i> <i>nunc [12] exquire.</i> {AMPH.} <i>Ne interpella. perge porro dicere.</i> {ALC.} <i>Cena adposita est; cenavisti mecum, ego accubui simul.</i> (v. 797-802)</p>	<p>ANFITRIÃO – Ai de mim! Agora até você ajuda a insanidade dela? Você está dizendo que nós chegamos aqui ontem? ALCMENA – Estou dizendo e, chegando aqui, você me cumprimentou, e eu e você, e eu beijei você, SÓSIA: Já não me agrada, desde o princípio, essa história de beijo... <anfitrião> - Vá, prossiga. ALCMENA- Você se deitou. SÓSIA – Muito bem, excelente! Agora [12] pergunte! ANFITRIÃO – Não interrompa! Continue a dizer, adiante! ALCMENA – O jantar foi servido. Você jantou comigo, eu me deitei junto com você. [...]</p>

O contexto discursivo do excerto acima se baseia no regresso de Anfitrião. Juntamente com Sósia, Anfitrião retorna à casa após o término da guerra. Durante o caminho de volta, Sósia, que estivera na noite anterior na casa de seu amo para avisar a sua esposa do término da guerra (tarefa em que não obteve sucesso) tenta convencer Anfitrião de que ele, Sósia, estivera em dois lugares ao mesmo tempo.

Anfitrião, naturalmente, não acredita no escravo e atribui a essa conversa uma possível embriaguez. Quando chegam à casa, deparam-se com Alcmena, que já está grávida. Devido ao estado em que encontra sua esposa, Anfitrião a trata com rispidez, pois pensa que havia sido traído por ela. Alcmena, por sua vez, estranha a atitude do marido, tendo em vista que, para ela, ele acabara de se despedir dela e sair de casa. A esposa conta-lhes que ambos estiveram ali na noite passada e que ela passara a noite com o esposo. Sósia desmente ter estado com Alcmena, mas a esposa dá informações referentes à vitória dos tebanos na guerra, falando, inclusive, da taça que Anfitrião havia lhe dado de presente. Anfitrião fica muito confuso e começa a achar que sua esposa havia enlouquecido. Desse modo, Anfitrião começa a interrogar Alcmena, a fim de “desmenti-la” ou mostrar-lhe que ela estava delirando, pois ele não havia estado ali na noite anterior. Assim, Alcmena responde às perguntas calmamente, pois ela estava falando a verdade. De modo geral, podemos perceber a presença da volição na cena, na medida em que Anfitrião quer saber o que aconteceu na noite passada, quer saber o que se passa com sua esposa.

No que diz respeito à forma, temos o verbo *quaero* conjugado no imperativo presente ativo (*quaere*), na 2ª pessoa do singular, tendo como complemento uma oração subordinada substantiva interrogativa indireta implícita com o sentido de *quid quaeris* (o que quer saber). Além disso, apresenta sujeito implícito (*tu*), com característica humana.

De acordo com os contextos discursivo e linguístico, podemos perceber que a volição está presente não só no verbo como também em toda a cena. O sujeito com característica humana licencia a semântica volitiva do verbo, pois ele é capaz de agir em direção à concretização da volição. No entanto, quando Sósia diz para Anfitrião perguntar à sua esposa, a volição apresenta graus de incerteza, pois poderia ser que ele não perguntasse e a volição não se concretizasse. Sendo assim, podemos verificar que a volição presente nessa ocorrência tem projeção futura e se relaciona com o *irrealis*, pois ela é passível de realização, mas até que se realize, é apenas uma possibilidade. Mais uma vez, percebemos ao sentido volitivo ligado a uma ação futura através da qual a volição pode vir a ser concretizada.

Ocorrência 13:

Texto em latim	Tradução
<p>{ALC.} <i>Obsecro ecastor, cur istuc, mi vir, ex ted audio?</i> {AMPH.} <i>Vir ego tuos sim? ne me appella, falsa, falso nomine.</i> {SOS.} <i>Haeret haec res, si quidem haec iam mulier facta est ex viro.</i> {ALC.} <i>Quid ego feci, qua istaec propter dicta dicantur mihi?</i> {AMPH.} <i>Tute edictas facta tua, ex me [13] quaeris quid deliqueris.</i> {ALC.} <i>Quid ego tibi deliqui, si, cui nupta sum, tecum fui? [...] (v. 812-817)</i></p>	<p>ALCMENA – Eu imploro, por Cástor, meu marido, por que eu estou ouvindo isso de você? ANFITRIÃO- Seu marido é o que eu sou? Não se dirija a mim com um falso nome, sua falsa! SÓSIA- Esse caso está empacado, certamente, se ele, de marido, virou mulher! ALCMENA- O que foi que eu fiz para que se digam tais palavras contra mim? ANFITRIÃO – Você [13] quer saber de mim em que você errou? Você própria está declarando seus feitos! ALCMENA – Em que errei com você, se estive com você, com que eu sou casada? [...]</p>

No excerto acima, o contexto discursivo é continuidade do anterior. Alcmena continua sendo indagada pelo esposo, que a acusa de adultério. Diante das acusações de Anfitrião, Alcmena se sente frustrada e não compreende a situação, pois ela está falando a verdade. Ela lhe pergunta, então, o que teria feito para que ele a tratasse da forma como ele o faz. Anfitrião, com uma pergunta retórica, diz “você quer saber de mim em que você errou?” (*ex me quaeris quid deliqueris*), responde que ela própria declara o que havia feito. Podemos perceber, de modo geral, a volição presente nessa cena, uma vez que Anfitrião está querendo saber o que de fato ocorreu durante sua ausência, e Alcmena quer saber o motivo pelo qual o marido a estava tratando mal.

No que diz respeito à forma, temos o verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 2ª pessoa do singular (*quaeris*), tendo um complemento oracional, uma oração subordinada substantiva interrogativa indireta (*quid deliqueris*). Ademais, apresenta sujeito implícito (*tu*), uma vez que Anfitrião se dirige a Alcmena, assim, esse sujeito tem característica humana.

Com base nos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber que a volição aparece não só marcada lexicalmente pelo verbo *quaero*, como também de forma geral no contexto, pois tanto Anfitrião como Alcmena querem entender o que se

passou e o que está acontecendo. A característica humana do sujeito contribui para a interpretação do verbo como volitivo, uma vez que tal sujeito seria capaz de fazer com que a volição se concretizasse, saindo do campo do *irrealis* para o domínio do real. Percebemos, assim, mais uma vez, o sentido da volição relacionado a uma ação do sujeito, pois aquele que quer saber algo, investiga, pergunta, questiona, isto é, age para conseguir realizar o seu desejo.

Ocorrências 14 e 15:

Texto em latim	Tradução
<p>{AMPHITRVO} <i>Naúcratem quem cónvenire vólui, in navi nón erat, neque domi neque in urbe invenio quemquam qui illum viderit. nam omnis plateas perreptavi, gymnasia et myropolia; apud emporium atque in macello, ín palaestra atque in foro, in medicinis, in tonstrinis, apud omnis aedis sacras sum defessus [14] quaeritando: nusquam invenio Naucratem. nunc domum ibo atque ex uxore hánc rem pergám [15] exquirere, quis fuerit quem propter corpus suom stupri compleverit. nam me, quam illam quaestionem inquisitam hodie amittere, mortuom satiust. sed aedis occluserunt. eugepae, pariter hoc fit atque ut alia facta sunt. feriam foris. aperite hoc. heus, ecquis hic est? ecquis hoc aperit ostium? (v. 1009-1020)</i></p>	<p>ANFITRIÃO – O Náucrates, quem eu queria encontrar, não estava no navio, nem em casa, e não encontro ninguém na cidade que o tenha visto. De fato, já entrei em todas as praças, ginásios e perfumarias; fui ao empório e ao mercado, à academia e a fórum, aos médicos e às barbearias, fui a todos os templos sagrados... estou cansado [14] de ficar procurando, em lugar nenhum encontro o Náucrates! Agora irei para a casa e continuarei a [15] interrogar minha esposa sobre esse caso; quero saber quem foi o culpado por ela ter coberto seu corpo de desonra. Pois prefiro morrer hoje a deixar aquela questão sem respostas. Mas fecharam a casa! Maravilha! As coisas se passam aqui da mesma maneira que se passaram em outros lugares! Vou bater à porta. Abram agora! Ei, tem alguém aí? Alguém abre essa porta?</p>

No excerto acima, tratando-se do contexto discursivo, Anfitrião havia saído de casa para buscar Náucrates (parente de Alcmena e membro do exército tebano) para servir de testemunha, confirmando que o Anfitrião e a sua esposa não podiam ter passado a noite juntos. Porém, não obteve sucesso em encontrá-lo, Anfitrião retorna à sua casa, queixando-se para si mesmo de que cansou de ficar procurando por ele. Em seguida, ele diz que voltará à casa e continuará a interrogar Alcmena sobre os

fatos sucedidos durante sua ausência. Podemos perceber, de forma geral, a presença da volição na cena, uma vez que Anfitrião deseja encontrar a pessoa que lhe pudesse servir de testemunha. Ao chegar em casa, por sua vez, também quer obter de sua esposa respostas para suas questões. O caráter volitivo ligado ao *exquirere* da ocorrência [15] manifesta-se também pelo desejo em descobrir a identidade de quem teria sido o seu amante (*quis fuerit quem propter corpus suum stupri compleverit*). Em todo caso, nota-se, ao lado da noção geral de volição, uma noção relacionada a uma ação associada à volição (procurar, buscar, na ocorrência [14]; e interrogar, perguntar, na ocorrência [15]), o que revela que, em ambas as ocorrências, embora tenhamos um sentido volitivo, não se trata de uma volição plena, mas de um sentido atenuado pela semântica de um agir.

No que diz respeito à forma, temos a ocorrência [14], em que *quaero* encontra-se em uma forma nominal do verbo, o gerúndio, declinado no caso ablativo, tendo um complemento implícito (*Naucratem*) e apresentando sujeito implícito (*ego*) com característica humana. Na ocorrência [15], temos a forma derivada do verbo *quaero* (*exquirere*), no infinitivo presente ativo, tendo um complemento oracional, uma oração subordinada substantiva interrogativa indireta (*quis fuerit quem propter corpus suum stupri compleuerit*) e sujeito implícito (*ego*), com característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a presença da volição tanto na cena como um todo, como demarcada nos verbos das ocorrências [14] e [15]. Os sujeitos de ambos os verbos apresentam característica humana, o que permite que esses sujeitos sejam capazes de concretizar aquilo que se deseja. Quando Anfitrião diz que ficou cansado de ficar procurando por Náucrates, ele demonstra que ficou procurando porque queria encontrá-lo. Quando Anfitrião diz que vai continuar a interrogar sua esposa, entendemos que ele quer saber dela a verdade. Desse modo, é possível identificarmos a intenção, uma marca da modalidade deôntica, conforme Sousa (2011), ao mesmo tempo em que há a incerteza epistêmica, pois a volição é projetada para o futuro, no campo do *irrealis*. Novamente, temos um sentido volitivo associado a ações, como procurar e perguntar, relacionando, ao que parece, essa volição a um caráter mais factual, uma vez que já projeta uma ação como necessária para a concretização do evento volitivo.

Ocorrência 16:

Texto em latim	Tradução
<i>{(AMPH.)} At ego te cruce et cruciatu mactabo, mastigia.</i> <i>{(MERC.)} Érus Amphitruo<st> occupatus.</i> <i>{(MERC.)} abiendi nunc tibi etiam occasiost.</i> <i>{(MERC.)} Optimo iure infringatur aula cineris in caput.</i> <i>{(MERC.)} Ne tu postules matulam unam tibi aquae ífundi in caput.</i> <i>{(MERC.)} Laruatu's. edepol hominem miserum. medicum [16] quaerita.</i>	ANFITRIÃO – Mas eu vou consagrar você aos deuses na cruz e no suplício, saco de pancadas. MERCÚRIO- O meu senhor Anfitrião está ocupado. MERCÚRIO – Seria uma ótima ideia quebrar uma panela de cinzas na sua cabeça! MERCÚRIO- Você está possuído! Por Pólux, pobre homem! [16] Procure um médico! [...]

O contexto discursivo do excerto acima gira em torno do regresso de Anfitrião a sua casa. Quando ele chega à casa, depara-se com Mercúrio, passando-se por Sósia, e é muito mal recebido. O falso Sósia, que se encontra em cima do telhado, o insulta de diferentes formas. Mercúrio diz a Anfitrião que ele não é quem pensa ou diz ser, pois o Anfitrião verdadeiro encontra-se dentro da casa, desfrutando dos prazeres juntamente com Alcmena. Ao ofender Anfitrião, Mercúrio diz que ele está possuído e o manda procurar, buscar um médico. Em seguida, Mercúrio entra à casa seguido de Anfitrião e inicia-se uma grande confusão, quando os dois Anfitriões se deparam um com o outro. Desse modo, podemos perceber a presença da volição na cena como um todo, uma vez que Anfitrião regressara a sua casa para saber da esposa o que havia ocorrido e, quando chega, quer saber o que está se passando, porque Sósia, na verdade Mercúrio, está se comportando de forma muito estranha.

No que diz respeito à forma, temos o verbo *quaerito* (frequentativo de *quaero*) no imperativo presente, na 2ª pessoa do singular, tendo como complemento um acusativo (*medicum*) e sujeito implícito (*tu*) com característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, é possível verificarmos a presença da volição tanto na cena de modo geral, como na semântica do verbo *quaerito*, uma vez que quem procura, deseja, quer encontrar. O sujeito do verbo analisado nessa ocorrência apresenta característica humana, contribuindo para a interpretação da volição no verbo, pois tal sujeito é capaz de agir em direção à concretização daquilo que se deseja. A volição presente nessa ocorrência é reforçada

pela incerteza epistêmica presente no contexto, porque não há certeza de que o médico será procurado. Essa incerteza se relaciona com o fato de a volição estar no campo da futuridade e pertencer ao domínio do *irrealis*. É importante destacar que o modo verbal imperativo contribui para a colocação do evento volitivo no campo do *irrealis*, uma vez que o sujeito que ordena não tem controle sobre a concretização da volição, isso depende daquele que recebeu a ordem. Mais uma vez a volição depende de uma ação para poder vir a ser concretizada no domínio do real.

3.1.3. As Troianas

Ocorrência 17:

Texto em latim	Tradução
<p>{{CHO.} '<i>Felix Priamus' dicimus omnes: secum excedens sua regna tulit. nunc Elysii nemoris tutis errat in umbris interque pias felix animas Hectors [17] quaerit.</i> <i>Felix Priamus: felix quisquis bello moriens omnia secum consumpta tulit (v. 154-162)</i></p>	<p>Coro - “Feliz Príamo!”, dizemos nós todas. Partindo, levou consigo seu reino. Agora, nas sombras tranquilas do bosque do Elísio, vagueia feliz e entre as almas piedosas [17] quer encontrar Heitor. Feliz Príamo! Feliz todo aquele que, morrendo na guerra, vê todas as coisas morrerem consigo.</p>

O excerto acima faz parte do párodo (momento da entrada do Coro nas tragédias antigas), e seu contexto discursivo gira em torno do momento em que o Coro, seguindo as orientações de Hécuba, viúva de Príamo, celebra a morte de Príamo, uma vez que, segundo sua esposa, sua morte não deveria ser chorada. O Coro diz que, juntamente com a partida do rei troiano, foi-se o próprio reino. Após a morte, Príamo encontra-se feliz e entre as almas piedosas e quer encontrar Heitor, seu filho. Essa busca pelo filho por si só já instaura um sentido volitivo geral na cena, uma vez que quem procura, busca algo ou alguém que deseja, que quer encontrar.

Os aspectos formais apresentam o verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo (*quaerit*), na 3ª pessoa do singular, tendo como complemento um acusativo

(*Hectora*)²⁰. Ademais, apresenta sujeito explícito (*Felix Priamus*), declinado no nominativo, tendo característica humana e posicionado anteriormente ao verbo.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos pensar que a volição se faz presente tanto de forma geral na cena como estritamente ligada à semântica do verbo analisado. O sujeito do verbo possui característica humana, o que licencia a presença da volição, já que quem deseja pode agir em direção a concretizar seu desejo. Quando Príamo procura por Heitor, acredita-se que ele deseja encontrá-lo. Essa procura é marcada por uma incerteza, pois não sabemos se de fato o encontrará. Assim, percebemos a volição relacionada ao traço de futuridade e, conseqüentemente, ao *irrealis*. Nessa ocorrência, percebemos que o sentido geral de volição coexiste com um sentido de ação (ir em busca de, procurar), e ainda há informações sobre deslocamento no espaço (*Elysii nemoris*).

Ocorrência 18:

Texto em latim	Tradução
<p><i>Talthybus- [...] Emicuit ingens umbra Thessalici ducis, Threicia qualis arma proludens tuis iam, Troia, fatis strauit aut Neptunium cana nitentem perculit iuuenem coma, aut cum inter acies Marte uiolento furens corporibus amnes clusit et [18] quaerens iter tardus cruento Xanthus errauit uado, aut cum superbo uictor in curru stetit egitque habenas Hectorem et Troiam trahens. [...] (v. 181-189)</i></p>	<p>Taltíbio – [...] Saiu para fora a sombra imensa do chefe tessálico, tal como quando derrubou o jovem filho de Netuno, de alva cabeleira reluzente; ou como quando, enfurecido na batalha pela violência de Marte, obstruiu os rios com cadáveres, e o Xanto, [18] procurando uma passagem, uma vez que tinha sido retardado em seu curso, saiu para fora do leito ensanguentado; ou, ainda, como quando vencedor, em pé, no carro soberbo, segurou as rédeas, arrastando Heitor e Tróia. [...]</p>

O contexto discursivo do excerto acima apresenta Taltíbio, um arauto, que descreve a visão que acabara de ter na praia. Após descrever toda a situação e a

²⁰ *Hector* é uma palavra de origem grega que passou a ser usada no latim. Segundo Faria (1958, p. 79), as relações cada vez mais estreitas entre os romanos e os gregos fez com que numerosos vocábulos pertencentes à língua grega passassem a ser usados no latim, ocorrendo não só na língua familiar e popular, como também na língua dos poetas e prosadores em suas obras. Alguns desses empréstimos eram submetidos a uma aclimação rigorosa no latim, do ponto de vista fonético e morfológico, sendo enquadrados rigorosamente na declinação latina. Por influência dos gramáticos, introduziu-se mais tarde o uso de se transcreverem os nomes gregos segundo a forma original grega, declinando-os aproximadamente pela própria declinação grega. Nesse sentido, a forma *Hectora*, terminada em -a, deve-se ao fato de Hector ser uma palavra grega da terceira declinação.

sensação que sentiu, o arauto diz ter presenciado a aparição de Aquiles. Para dar credibilidade ao seu relato, ele diz que a sombra de Aquiles era tal como quando ele abatera os exércitos da Trácia, quando derrubara o jovem filho de Netuno, ou quando obstruía os rios com cadáveres, e o Xanto, o rio, procurando, buscando uma passagem, pois havia sido retardado em seu curso. Podemos perceber que a ocorrência do verbo *quaero* nesse contexto está relacionada a um sentido volitivo, uma vez que o rio, ainda que inanimado semanticamente, estava buscando, queria encontrar uma passagem. Após a descrição da aparição do guerreiro grego, Taltíbio fala o que Aquiles desejava: a morte de Políxena, filha de Hécuba e Príamo. Ela deveria ser sacrificada pela mão de Pirro, e seu sangue deveria regar o túmulo de Aquiles. Assim, percebemos que a volição está presente na cena em geral, uma vez que a aparição de Aquiles visava à realização de um desejo seu: o sacrifício de Políxena.

A parte formal da ocorrência apresenta o verbo *quaero* em uma forma nominal, o particípio presente (*quaerens*), declinado no nominativo masculino singular, tendo como complemento um acusativo (*iter*). Além disso, apresenta sujeito explícito (*Xanthus*), posposto ao verbo, com característica não humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos pensar que a volição se faz presente tanto na cena de modo amplo, como na semântica do verbo *quaero*. Quando o rio busca um caminho, ele se movimenta de modo a concretizar essa busca, encontrando o caminho. Identificamos um traço de incerteza epistêmica presente no contexto, pois a busca por um caminho não garante que esse caminho será encontrado. Assim, quando a volição ocorre através de *quaero* nesse excerto, ela pertence ao campo do *irrealis*, pois ainda não foi concretizado o desejo, é apenas uma possibilidade. A ocorrência de *quaero* nesse contexto se relaciona com o sentido de volição somado a uma ação que temos encontrado em ocorrências anteriores. O rio vai em busca de algo, a fim de encontrar um caminho, ou seja, ele precisa mover-se no espaço para fazer com que o desejo de encontrar um caminho se realize.

Ocorrência 19:

Texto em latim	Tradução
<p>{CALCHAS} <i>Dant fata Danais quo solent pretio uiam: mactanda uirgo est Thessali busto ducis; sed quo iugari Thessalae cultu solent Ionidesue uel Mycenaeae nurus, Pyrrhus parenti coniugem tradat suo: sic rite dabitur. Non tamen nostras tenet haec una puppes causa: nobilior tuo, Polyxene, cruore debetur cruor. quem fata [19] quaerunt, turre de summa cadat Priami nepos Hectoreus et letum oppetat. tum mille uelis impleat classis freta.</i> (v. 360-370)</p>	<p>Calcante Os fados autorizam a partida dos dânaos pelo preço a que estão acostumados: a virgem deve ser imolada sobre a sepultura do chefe tessálico, mas com o cerimonial com que costumam casar-se as jovens da Tessália, da Jônia ou da Micenas; que Pirro conduza a esposa até seu pai: assim ela será concedida conforme o ritual. Entretanto não é este o único motivo que retém nossos navios. É reclamado, Políxena, um sangue mais nobre que o teu sangue. Quem os destinos [19] desejam que seja atirado da torre mais alta e sofra a morte é o neto de Príamo, o filho de Heitor. Então, que a nossa armada encha o mar com as suas mil velas.</p>

O contexto discursivo do excerto acima gira em torno da interpretação divina feita por Calcante. Segundo sua interpretação, os gregos só deixariam o mar de Troia se, além do sacrifício de Políxena, Astíanax, neto de Príamo e filho de Heitor, fosse atirado da torre mais alta, uma vez que isso é desejo, é vontade dos destinos (*fata quaerunt*). Percebemos nesse contexto a presença do sentido da volição, uma vez que, de acordo com a vontade dos destinos, mais uma vida deveria ser sacrificada.

A parte formal dessa cena apresenta o verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 3ª pessoa do plural (*quaerunt*), tendo complemento oracional, uma oração subordinada substantiva paratática, (*turre de summa cadat Priami nepos Hectoreus et letum oppetat*). Apresenta sujeito explícito (*fata*), com característica humana²¹ e aparece anteposto ao verbo.

De acordo com a descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos pensar que a volição se faz presente através do desejo dos gregos de regressarem para casa, que, para isso, querem que ocorram os sacrifícios. Os destinos, que, no

²¹ Na tragédia, o Destino representa um deus, portanto figura como uma personagem da narrativa. Na mitologia dos antigos gregos, o Destino era uma divindade cega e inexorável, filha da Noite e do Caos (Teogonia 211). Os céus, a terra, o mar e os infernos estavam submetidos ao seu poder, de modo que o Destino era ele mesmo a fatalidade, segundo a qual tudo acontecia no mundo. (COMMELIN, 1983, p. 23).

contexto antigo, influenciam nas decisões, desejam que o filho de Heitor também seja morto em sacrifício. A volição presente no verbo *quaero* dessa ocorrência é marcada pela incerteza epistêmica presente na possibilidade de o evento volitivo se concretizar ou não se concretizar. Essa incerteza está relacionada ao traço de futuridade presente no verbo e, conseqüentemente, à noção de *irrealis*.

Ocorrência 20:

Texto em latim	Tradução
<p><i>CHORUS [...] Post mortem nihil est ipsaque mors nihil, uelocis spatii meta nouissima; spem ponant auidi, solliciti metum: tempus nos auidum deuorat et chaos. mors indiuidua est, noxia corpori nec parcens animae: Taenara et aspero regnum sub domino limen et obsidens custos non facili Cerberus ostio rumores uacui uerbaque inania et par sollicito fabula somnio. [20] quaeris quo iaceas post obitum loco? quo non nata iacent. (v. 397-408)</i></p>	<p>CORO [...] Depois da morte nada mais existe e nada é a própria morte, a meta suprema de uma corrida veloz. Que os gananciosos aí deixem a esperança; os tímidos, o medo. O tempo guloso nos devora e também o caos. A morte é indivisível: destrói o corpo e não poupa a alma. O Tênaros, reino sob um senhor inflexível, e Cérbero, guardião que bloqueia o limiar de uma entrada não fácil, são sons vazios e palavras inofensivas, miragens iguais às do sonho agitado. [20] Queres saber em que lugar jazerás após a morte? No lugar em que jazem os que não nasceram.</p>

O contexto discursivo do excerto acima apresenta o Coro de troianas, que, após a descrição de Calcante sobre sua visão na praia e a declaração de que o jovem Astíanax, assim como Políxena, deveria ser morto, faz uma reflexão sobre a morte. Elas começam questionando se é verdade que as almas vivem depois de enterrados os corpos. Segundo elas, depois da morte, nada mais existiria e nada é a própria morte, fim do qual ninguém escapa. Ao final, apresentam uma pergunta: “queres saber em que lugar jazerás após a morte?” e respondem que é no lugar em que jazem os que não nasceram. Nesse contexto, a volição pode ser percebida na cena de forma geral, pois o Coro quer fazer uma reflexão sobre a morte e quer encontrar respostas para essas questões.

A parte formal dessa ocorrência apresenta o verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 2ª pessoa do singular (*quaeris*), tendo um complemento oracional, uma oração subordinada substantiva interrogativa indireta (*quo iaceas post*

obitum loco). Apresenta sujeito implícito, o interlocutor (*tu*), com característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a presença da volição em um sentido amplo, pois o Coro quer promover uma reflexão sobre a morte e também em um sentido estrito, na ocorrência de *quaero*, que tem o sentido de “querer saber”. Mais uma vez, verifica-se a presença da volição relacionada a uma ação: refletir, questionar.

Ocorrência 21:

Texto em latim	Tradução
<p><i>Andrômaca - [...] Iuuat tamen uidisse. tum quassans caput: 'dispelle somnos' inquit 'et natum eripe, o fida coniunx: lateat, haec una est salus. omitte fletus – Troia quod cecidit gemis? utinam iaceret tota. festina, amoue quocumque nostrae paruulam stirpem domus.' mihi gelidus horror ac tremor somnum excutit, oculosque nunc huc pauida, nunc illuc ferens oblita nati misera [21] quaesiui Hectorem: fallax per ipsos umbra complexus abit. (v, 451-460)</i></p>	<p>ANDRÔMACA - [...] Alegro-me, contudo, por tê-lo visto. Então, sacudindo a cabeça, ele me disse: - “Dissipa teu sono, esposa fiel, e toma o teu filho. É preciso que ele se esconda. Há apenas um meio de salvação: para de chorar. Choras porque Troia caiu? Oxalá toda ela estivesse por terra! Apressa-te, porém. Oculta, em qualquer lugar que seja, a pequenina estirpe de nossa casa”. Um gélido arrepio e um violento tremor sacudiram-me o sono. Amedrontada, olhando para todos os lados, esquecida de meu filho e infeliz, [21] procurei Heitor: a sombra falaz desvaneceu-se através de meus abraços. [...]</p>

No contexto discursivo do excerto acima, Andrômaca relata ao ancião, seu confidente e conselheiro, o sonho que tivera com seu falecido marido, Heitor. No sonho, Andrômaca viu Heitor, mas ela diz que ele não apresentava um semblante ardente, tal como quando estava em batalha. Seu semblante, ao contrário, parecia cansado e vencido, abatido pelo choro. No entanto, ainda assim, ela alegrou-se em vê-lo. Heitor lhe tinha dito para esconder Astíanax, filho do casal. Em seguida, Andrômaca despertou e o procurou por todo lado, sem sucesso, pois sua sombra se desfez e ele desapareceu. Nesse sentido, podemos perceber nessa cena o sentido de volição presente através do desejo de Andrômaca encontrar o marido.

A parte formal dessa ocorrência contém o verbo *quaero* conjugado no pretérito perfeito do indicativo (*quaesivi*), tendo como complemento um acusativo (*Hectorem*) e sujeito implícito (*ego*) com característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a volição presente no fragmento, na medida em que Andrômaca procurava o marido porque queria encontrá-lo. Nessa ocorrência, o sujeito apresenta característica humana, o que contribui para a interpretação da volição no verbo, uma vez que tal sujeito tem a capacidade de agir em direção à concretização do desejo. O sentido de *quaero* como “procurar”, “buscar”, marca a volição, na medida em que quem procura, quem busca o faz com o intuito de encontrar o que se procura ou busca. É preciso destacar ainda que essa procura não garante a concretização do evento volitivo, marcando a incerteza epistêmica presente no contexto, por ser uma projeção futura, pertencendo ao campo do *irrealis*. Mais uma vez, temos a presença da volição relacionada a uma ação, pois, para encontrar Heitor, Andrômaca precisaria mover-se, deslocando-se no espaço.

Ocorrência 22:

Texto em latim	Tradução
<p>{SEM.} <i>Haec causa multos una ab interitu arcuit credi perisse.</i> {AN.} <i>Vix spei quicquam est super: graue pondus illum magna nobilitas premit; Ne prodat aliquis.</i> {SEN.} <i>Amoue testes doli.</i> {AN.} <i>Si [22] quaeret hostis?</i> {SEN.} <i>Vrbe in euersa perit:</i> (v. 488- 495)</p>	<p>ANCIÃO- Este único motivo salvou a vida de muitos da morte: serem dados por mortos. ANDRÔMACA- Apenas um pouco de esperança subsiste. Um peso imenso oprime: sua grande nobreza. Para que ninguém o traia... ANCIÃO- Afasta as testemunhas de teu ardil. ANDRÔMACA: E se o inimigo [22] exigir? ANCIÃO- Dize que morreu na cidade destruída.</p>

No excerto acima, o contexto discursivo ainda está relacionado ao sonho de Andrômaca com Heitor. Ela, ao desabafar seus medos ao ancião, pergunta-lhe o que fará se o inimigo exigir a presença de Astíanax. Podemos pensar que, o sentido da volição faz-se presente, uma vez que, se o inimigo exigir a presença do filho de Heitor, indicaria que ele busca, que quer encontrá-lo.

A parte formal dessa ocorrência constitui-se do verbo *quaero* conjugado no futuro imperfeito do indicativo (*quaeret*), na 3ª pessoa do singular, tendo um complemento implícito, o filho de Andrômaca, Astíanax. Além disso, possui sujeito explícito (*hostis*), posposto ao verbo e com característica humana.

De acordo com a descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a presença da volição na cena. Os inimigos querem encontrar Astíanax, e Andrômaca deseja, ao contrário, que ele não seja encontrado. No verbo *quaero*, temos a volição presente no sentido de que os inimigos podem vir a exigir, a querer Astíanax. O sentido volitivo é licenciado pela característica humana do sujeito, que contribui para a possível concretização desse desejo. A realização da volição instaurada nesse contexto é incerta, uma vez que é projetada no campo da futuridade, sendo, portanto, relacionada à categoria *irrealis*.

Ocorrências 23 e 24:

Texto em latim	Tradução
<p>{AN.} <i>Vbi Hector? ubi cuncti Phryges? ubi Priamus? unum [23] quaeris: ego [24] quaero omnia.</i> {VL.} <i>Coacta dices sponte quod fari abnuis:</i> {AN.} <i>Tuta est, perire quae potest debet cupit.</i> {VL.} <i>Magnifica uerba mors prope admota excutit. (v. 572-575)</i></p>	<p>ANDRÔMACA – Onde está Heitor? Onde estão todos os frígios? Onde está Príamo? Tu [23] procuras um; eu [24] procuro todos. ULISSES – Falarás obrigada o que te negas a falar espontaneamente. ANDRÔMACA – Quem pode, deve e deseja morrer está em segurança. ULISSES – A morte próxima destrói palavras grandiosas.</p>

No excerto acima, temos como contexto discursivo o momento em que Ulisses vai até Andrômaca para dizer-lhe que ele precisa capturar Astíanax. Ao abordar esse assunto, Ulisses se justifica dizendo que a mensagem que ele traz, ainda que saia de sua boca, não é formada por palavras suas. Diz ainda que enquanto o descendente de Heitor estiver vivo, o povo grego não poderá regressar em paz a sua terra. Andrômaca, que escondera seu filho no túmulo de Heitor, diz que não sabe de seu paradeiro, e que, caso o soubesse, não o entregaria, não abandonaria, dessa forma, seus deveres maternos. Ulisses diz a ela que pare de falar palavras fingidas, pois elas não conseguiriam enganá-lo. Então ela pergunta: “Onde está Heitor: Onde estão os frígios? Onde está Príamo? Tu procuras um; eu procuro todos”. Essas perguntas

fazem parte de seu discurso para dizer que, assim como não sabe onde eles estão, não sabe onde está seu filho, ainda que ela desejasse encontrá-los.

A parte formal dessas ocorrências apresenta, em [23], o verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 2ª pessoa do singular (*quaeris*), tendo como complemento um acusativo (*unum*) e sujeito implícito (*tu*) com característica humana, e em [24], o verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 1ª pessoa do singular (*quaero*), tendo como complemento um acusativo (*omnia*) e sujeito explícito (*ego*), anteposto ao verbo e com característica humana.

De acordo com a descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a presença da volição na cena, na medida em que há um desejo amplo pela parte de Ulisses de encontrar Astíanax. Além disso, Andrômaca está, por intermédio de perguntas, simulando um desejo, o de encontrar seu filho, cujo paradeiro, contudo, ela já conhece. Além disso, nas ocorrências verbais, a volição está presente, pois a ação de procurar tem como fonte querer encontrar algo. Assim, a volição é justificada através da intenção do sujeito em concretizar seu desejo, encontrando o que se procura. Do mesmo modo, a característica humana dos sujeitos contribui para a interpretação do contexto como sendo volitivo.

Ocorrência 25:

Texto em latim	Tradução
<p>{VL.} <i>Intremuit: hac, hac parte [25] quaerenda est mihi; matrem timor detexit: iterabo metum. ite, ite celeres, fraude materna abditum hostem, Pelasgi nominis pestem ultimam, ubicumque latitat, erutam in medium date. bene est: tenetur. perge, festina, attrahe quid respicis trepidasque? iam certe perit. (v. 625-63)</i></p>	<p>ULISSES – Ela estremeceu! É por aqui, por este ponto que [25] deve ser questionada. O temor denuncia a mãe. Reativarei seu medo. Ide, ide, céleres. Trazei à força, para junto de nós, o inimigo escondido pelo amor materno, o último flagelo do nome pelasgo, onde quer que ele esteja. Ótimo! Já foi descoberto! Anda, apressa-te, traze-o. Por que olhas e tremes? Ele certamente já está morto.</p>

No excerto acima, o contexto discursivo retrata ainda o momento em que Ulisses pressiona Andrômaca para que ela entregue seu filho. Andrômaca acaba dizendo que seu filho já está morto e que está no túmulo de seu pai. Ulisses percebe

que a mãe começa a ficar mais nervosa, mais agitada e continua pressionando-a. Assim, ele afirma ser esse o caminho para conseguir extrair dela a informação que deseja e diz que é “por este ponto que deve questionada.”.

No que diz respeito à forma, temos o verbo *quaero* em no gerundivo, forma nominal do verbo que funciona como um adjetivo, um predicativo do sujeito, e denota ação futura indicando obrigatoriedade ou dever (*quaerenda*). *Quaerenda* está concordando com Andrômaca, que está implícito, uma vez que é por determinado ponto que ela deve ser questionada

Com base na descrição do contexto discursivo e da parte formal da ocorrência, podemos perceber a presença da volição perpassando a cena, uma vez que Ulisses mantém seu desejo de encontrar Astíanax, e Andrômaca quer que o filho não seja encontrado. Voltando-nos para a ocorrência de *quaero*, percebemos a semântica volitiva relacionada a uma ação, a ação de questionar, inquirir. Desse modo, nota-se a presença da volição, projetando o evento para o campo da futuridade, podendo vir a ser realizado, havendo, assim, graus de incerteza que colocam o contexto analisado no domínio do *irrealis*.

Ocorrência 26:

Texto em latim	Tradução
<p>{HEC.} <i>Ite, ite, Danai, petite iam tuti domos; optata uelis maria diffusis secet secura classis: concidit uirgo ac puer; bellum peractum est. quo meas lacrimas feram? ubi hanc anilis expuam leti moram? natam an nepotem, coniugem an patriam fleam? an omnia an me? sola mors uotum meum, infantibus, uiolenta, uirginibus uenis, ubique properas, saeua: me solam times uitasque, gladios inter ac tela et faces [26] quaesita tota nocte, cupientem fugis. non hostis aut ruina, non ignis meos absumpsit artus: quam prope a Priamo steti. (v. 1165-1177)</i></p>	<p>HECUBA - Ide-vos, ide-vos, dânaos. Dirigi-vos, com segurança, a vossos lares. A armada sangrará tranquila os mares almeçados, com as velas infladas: a virgem e o menino morreram; a guerra terminou. Para onde levarei as minhas lágrimas? Onde rejeitarei o adiamento da morte desta anciã? Chorarei minha filha ou meu neto? Meu esposo ou minha pátria? Tudo isso ou a mim? Ó morte, que és meu único desejo, vens violenta para as crianças e para as virgens, apressa-te cruel por toda parte. Temes apenas a mim, evita-me. [26] Tendo te procurado durante toda noite, entre as espadas, as armas e as flechas ardentes, tu fugiste de quem te desejava, nem o inimigo, nem o desmoronamento, nem o fogo destruiu meus membros: e eu estava tão perto de Príamo!</p>

O contexto discursivo do excerto acima faz parte do êxodo da peça. Nessa cena, o mensageiro, que tem como função relatar os pormenores da catástrofe, leva as informações até as mães: Hécuba e Andrômaca, que perderam seus filhos, Políxena e Astíanax. O mensageiro relata como ocorreram as mortes dos jovens, ressaltando como ambos agiram de forma corajosa, não demonstrando medo da morte até o fim. Após ouvir o relato, Hécuba fala, expondo o que deseja, para os gregos partirem, pois agora não há mais nada que os mantenham ali. Ela continua fazendo questionamentos, pois há tantos motivos para chorar. Assim, ela direciona seu discurso à morte, dizendo que ela é seu único desejo, diz ainda que ela vem apressadamente para as crianças e para as virgens, mas teme a ela, foge dela. Hécuba diz-lhe que a procurou por toda noite, mas que ela fugia de quem mais a desejava. Podemos perceber que o sentido de volição está presente nessa cena, uma vez que Hécuba queria que a morte a levasse, queria encontrar a morte, mas essa sempre fugia. Hécuba a procurou, o fez porque queria encontrá-la, mas não obteve sucesso.

A parte formal dessa ocorrência apresenta o verbo *quaero* em uma forma nominal, um particípio passado passivo, declinado no ablativo (*quaesita*), tendo como complemento o acusativo implícito *mortem* e como sujeito implícito ela própria, Hécuba, portanto, com característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a presença da volição de forma ampla no contexto, na medida em que Hécuba deseja morrer, afinal, nada lhe resta. Ela conversa com a morte e diz a ela que lhe procurou por toda uma noite, mas que ela sempre foge. Mais uma vez percebemos a incerteza presente no desejo de encontrar a morte, pois toda busca é sempre uma promessa e não uma certeza de sucesso. A volição está, novamente, relacionada a um agir, pois quem procura algo que deseja encontrar precisa agir para realizar seu desejo

3.1.4. Medeia

Ocorrência 27:

Texto em latim	Tradução
<p><i>Medea – [...] Per uiscera ipsa [27] quaere supplicio uiam, si uiuis, anime, si quid antiqui tibi remanet uigoris; pelle femineos metus et inhospitalem Caucasum mente indue. quodcumque uidit Phasis aut Pontus nefas, uidebit Isthmos. effera ignota horrida, tremenda caelo pariter ac terris mala mens intus agitat: uulnera et caedem et uagum funus per artus++leuia memorauit nimis: haec uirgo feci; grauior exurgat dolor: maiora iam me scelera post partus decent. accingere ira teque in exitium para furore toto. paria narrentur tua repudia thalamis: quo uirum linques modo? hoc quo secuta es. rumpe iam segnes moras: quae scelere parta est, scelere linquenda est domus. (v. 40-55)</i></p>	<p>Medéia – [...] Nas vísceras mesmas, [27] quer encontrar um meio de tortura, se ainda vives, espírito meu. Se te resta algo do antigo vigor, repele os temores femininos e inculca na mente o Cáucaso hostil. Tudo que de nefasto o Fásis viu, ou o Ponto, o Istmo verá. Ferozes, inauditos, horrendos males que fazem tremer juntos céus e terras agitam-se nesta mente. Chagas e massacre e um funeral disperso, em pedaços. É leve demais o que recordei. Fiz isto ainda virgem. Que o meu rancor ressurgja mais grave. Já me cabem crimes maiores depois que dei à luz. Arma-te da ira e prepara-te para a destruição com furor total. Que se fale da tua separação como do teu enlace. Como deixarás o marido? Como o seguiste. Põe fim já a protelações. Lar concebido no crime, no crime há que deixá-lo.</p>

O contexto discursivo do excerto acima gira em torno do momento em que Medeia avança da invocação dos deuses ao desejo de agir. Toda a situação discursiva é perpassada pela volição. A feiticeira quer vingar-se do marido que a abandonou para desposar a filha do rei. Ela relembra crimes que cometera e todos lhe parecem pequenos: quer algo mais impactante. Ela quer que todo o universo sinta a dor que ela sente, ela quer o poder do Sol. Medeia, frequentemente, dirige sua fala a si mesma, nessa passagem, logo no início, fala para seu próprio espírito procurar um meio de tortura nas vísceras das vítimas que pode vir a sacrificar em altares sagrados. Desse modo, percebemos que, para encontrar esse meio de tortura, ela, ou seu

espírito, precisa querer. Assim, podemos perceber que o sentido de volição se faz presente no verbo *quaero*, a partir do sentido geral de volição do enquadre comunicativo.

No que diz respeito à forma, temos o verbo *quaero* conjugado no imperativo presente, na 2ª pessoa do singular, (*quaere*), tendo como complemento um acusativo (*uiam*). Apresenta sujeito implícito (*tu*), com característica animada (se refere à própria Medeia, em seu discurso consigo mesma, um solilóquio).

De acordo com as descrições dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a presença da volição em toda a cena bem como mais pontualmente na ocorrência verbal de *quaero*. Conforme vimos acerca de outras ocorrências, *quaero* com o sentido de “procurar” subentende também uma semântica volitiva, uma vez que quem procura deseja encontrar algo. Essa procura, no entanto, é incerta, pois pode ser que o desejo não seja concretizado. Conforme também vimos acerca de outras passagens, novamente a característica humana do sujeito contribui para a interpretação do verbo como volitivo, uma vez que temos um sujeito capaz de fazer concretizar seu desejo, que, enquanto não for realizado, encontra-se no domínio do *irrealis*. Mais uma vez, percebe-se o sentido de volição relacionado a uma ação, pois como Medeia quer encontrar um meio de tortura, ela precisa refletir, investigar, pensar como precisará agir para concretizar seu desejo.

Ocorrência 28:

Texto em latim	Tradução
<i>CHORUS – [...] Quod fuit huius pretium cursus? aurea pellis maiusque mari Medea malum, merces prima digna carina. Nunc iam cessit pontus et omnes patitur leges: non Palladia compacta manu regum referens inclita remos [28] quaeritur Argo++ quaelibet altum cumba pererrat. Terminus omnis motus et urbes muros terra posuere noua, nil qua fuerat sede reliquit peruius orbis: Indus gelidum potat Araxen, Albin Persae Rhenumque bibunt++ uenient annis saecula seris, quibus Oceanus uincula rerum laxet et ingens pateat tellus Tethysque novos detegat orbis nec sit terris ultima Thule. (v. 360-379)</i>	<p>Coro – [...] Quanto valeu esse percurso? O velo de ouro e Medeia, mal maior que o mar: mérito digno do primeiro barco. Agora o oceano já cedeu e todas as leis aceita. Não se [28] busca a Argo, famosa por levar remos da realeza, feita pela mão de Palas. Qualquer canoa vaga pelo alto mar. Cada marco de fronteira foi movido, cidades subiram muros em terra nova. Nada ficou no lugar de antes nesse mundo acessível: o indiano bebe do gélido Aras, persas bebem do Elba e do Reno. Haverá um tempo, em anos futuros, em que o Oceano solte suas amarras e extenso território se abra, Tétis revele novos mundos e o extremo da terra não seja Tule.</p>

No excerto acima, sobre o contexto discursivo, temos o Coro fazendo uma espécie de avaliação sobre o desenrolar das ações da peça. Conforme pontua Freitas (2015, p. 96), o Coro, que não participa da ação desenvolvida na peça, nessa passagem, se refere à travessia inaugural da Argo como uma alegoria daquilo que se passa com Medeia: transgredindo os limites entre mar e terra, a nau rompe o equilíbrio de um mundo bem delimitado pela natureza. Medeia, participando de todos os elementos naturais, parece transitar entre o terreno e o divino. De acordo com Freitas, o transbordamento de suas paixões (a desmedida de sua ira) assim como a desmedida dos argonautas, sua *húbris* – abala a razão universal, na visão estoica, mantenedora da harmonia do mundo. Dentre os elementos levantados, temos o verbo *quaero* usado para indicar a (não) possibilidade de encontrar a Argo.

No que diz respeito à forma, temos o verbo *quaero*, conjugado no presente passivo do indicativo, na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito sintático *Argo*, um nominativo, que, semanticamente é complemento de *quaero*. O sujeito é indeterminado, como se “ninguém” buscasse a Argo.

De acordo com as descrições dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber que, diferentemente das demais ocorrências de *quaero*, não há nessa passagem um sentido de volição geral. Há, por outro lado, mais uma presença de uma semântica de possibilidade/impossibilidade. A ideia de encontrar pressupõe, apenas indiretamente, o sentido volitivo. De todas as ocorrências, essa parece ser a menos volitiva. Ademais, a fraca presença do sentido volitivo pode ser associada ao tipo de sujeito, um sujeito indeterminado.

Ocorrência 29:

Texto em latim	Tradução
<i>Medea Si [29] quaeris odio, misera, quem statuas modum, imitare amorem. regias egone ut faces inulta patiar? segnis hic ibit dies, tanto petitus ambitu, tanto datus? (v. 397-400)</i>	MEDEIA Se [29] queres saber , mísera, qual limite impor ao ódio, imita teu amor. Sem vingança, devo eu aceitar os fachos régios? Passará ocioso este dia cobrado com tanto discurso e concedido com tanto?

O excerto acima tem como contexto discursivo a fala de Medeia, a qual ocorre após a Ama descrever a ira da feiticeira e se encher de temor. Depois da fala da Ama, Medeia promete executar atos terríveis, apesar de que com Jasão ainda se mostra fraca. No entanto, ele não cede a suas súplicas, e ao final da cena desse episódio, Medeia está decidida a cometer o crime e pede auxílio à Ama para a execução da primeira parte de seu plano. Na passagem, Medeia dirige-se a si mesma como “mísera” (*misera*), perguntando-lhe se quer saber qual limite impor ao ódio, respondendo que seria o mesmo limite do amor que sente.

A parte formal dessa ocorrência apresenta o verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 2ª pessoa do singular (*quaeris*), tendo complemento oracional, uma oração completiva (*odio [...] quem statuas modum*). Apresenta sujeito implícito (a própria Medeia), posposto ao verbo e com característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos verificar a presença da volição presente em *quaero*, uma vez que quem quer saber, tem o desejo, a vontade de obter uma informação, no caso do excerto, o limite a ser imposto ao ódio. Esse querer saber se relaciona com a ação de refletir, investigar. A

volição, como ocorre nas demais ocorrências de *quaero* analisadas, é colocada no campo da futuridade, de modo que sua realização depende da atitude do interlocutor, no caso específico, a própria Medeia, em querer saber e, assim, refletir para chegar a uma conclusão.

Ocorrência 30:

Texto em latim	Tradução
<p><i>MEDEA – [...] ingratum caput, reuoluat animus igneos tauri halitus interque saeuos gentis indomitae metus armifero in aruo flammeum Aeetae pecus, hostisque subiti tela, cum iussu meo terrigena miles mutua caede occidit; adice expetita spolia Phrixei arietis somnoque iussum lumina ignoto dare insomne monstrum, traditum fratrem neci et scelere in uno non semel factum scelus, ausasque natas fraude deceptas mea secare membra non reuicturi senis: [aliena [30] quaerens regna, deserui mea] (v. 465-477)</i></p>	<p>MEDEIA [...] Criatura ingrata, que teu espírito reviva o bafo ardente do touro e, entre os cruéis perigos da raça indômita, o gado flamejante de Eeta no campo onde brotam homens armados e os dardos desse súbito inimigo, quando, sob meu comando, cada soldado brotado da terra tombou em mútua carnificina. Soma o ansiado espólio do carneiro de Frixo e o monstro insone que fiz render os olhos a um sono inédito. Meu irmão atraído para a morte, e, num só crime, o crime repetidamente cometido. E as filhas que, enganadas pelo meu ardil, ousaram mutilar um velho que não iria reviver. [30] desejando reinos estrangeiros, desertei do meu.</p>

O contexto discursivo do excerto acima representa o momento em que Medeia, ao falar com Jasão, elenca seus feitos e crimes: ajudou Jasão a vencer touros que bafejam fogo, soldados que nascem da terra, o dragão insone que protege o velo de ouro; esquartejou o irmão para retardar o pai que recolhia os membros no mar e levou as filhas de Pélias a esquartejar o próprio pai na expectativa de rejuvenescê-lo. Ela termina toda essa exposição, dizendo que “querendo reinos estrangeiros, desertou o seu”. Podemos perceber o sentido volitivo no desejo de Medeia de conquistar outros

reinos, o que teve por consequência ela se sentir sempre exilada, pois não pertence a lugar nenhum mais.

No que diz respeito à forma, temos o verbo *quaero* em uma forma nominal, o particípio presente (*quaerens*), declinado no nominativo singular, tendo complemento em acusativo (*regna aliena*) e sujeito implícito (*ego*), com característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a volição presente no verbo *quaero*. A característica humana do sujeito contribui para a interpretação da volição nessa ocorrência, pois o sujeito é capaz de agir para obter a concretização daquilo que deseja. De modo geral, há na cena a presença da volição, visto que o que Medeia mais deseja nesse momento é vingar-se de Jasão. Voltando-se para a ocorrência de *quaero*, percebe-se a volição, na medida em que Medeia desejou conquistar outros reinos e, conseqüentemente, abandonou o seu próprio, ficando, ao final, sem nenhum reino. Essa volição nos parece diferente do sentido encontrado na maior parte das ocorrências, o qual relaciona-se diretamente a uma ação. Desejar reinos estrangeiros pode ser apenas um estado, uma experiência, e não determina uma ação direta para sua realização, nesse sentido, encontramos nesta passagem uma ocorrência que exemplificaria uma semântica volitiva mais plena, mais próxima do sentido atribuído ao verbo *uolo*.

Ocorrência 31:

Texto em latim	Tradução
<p><i>Nutrix - et triste laeua comparans sacrum manu pestes uocat quascumque feruentis creat harena Libyae quasque perpetua niue Taurus coeracet frigore Arctoo rigens, et omne monstrum. tracta magicis cantibus squamifera latebris turba desertis adest. hic saeua serpens corpus immensum trahit trifidamque linguam exertat et [31] quaerit quibus mortifera ueniat: carmine audito stupet tumidumque nodis corpus aggestis plicat cogitque in orbis. (v. 680-689)</i></p>	<p>AMA [...] Usando no pesaroso ritual a mão esquerda, chama as pragas que a areia escaldante da Líbia gera, também as que conserva o eternamente nevado Tauro, enrijecido pelo frio ártico, e tudo quanto é monstruosidade. Atraído com encantos mágicos, dos covis desertos, um elenco de escamados advém. Aqui, a cruel serpente arrasta o imenso corpo, exibe a trífida língua e [31] busca a quem possa ser mortífera: ouvindo o encantamento, paralisa, e o túmido corpo, acumulando voltas, enrola.</p>

O excerto acima tem como contexto discursivo a Ama, em seu monólogo, descrevendo a feiticeira entregue à feitiçaria, mostrando como Medeia age, além de rememorar antigos feitos. Ao falar da serpente, a Ama diz que ela, busca a quem possa ser mortífera, ou seja, a serpente quer encontrar alguém para matar. Podemos perceber o sentido volitivo presente no verbo *quaero*, demonstrando a vontade da serpente em encontrar uma presa.

A parte formal dessa ocorrência apresenta o verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular (*quaerit*), tendo como complemento uma oração interrogativa indireta (*quibus mortifera ueniat*). Apresenta sujeito explícito (*saeua serpens*), anteposto ao verbo, com característica animada, ainda que não humana. Esse sujeito não humano parece ser usado dentro de uma figura de linguagem, a prosopopeia, uma vez que é possível atribuir, nesse contexto discursivo, sentidos semelhantes àqueles possíveis de serem atribuídos aos humanos. Assim, embora o termo não seja humano, pode-se semanticamente considerá-lo.

De acordo com a descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a volição presente na ocorrência do verbo *quaero*. O sujeito, ainda que não humano, apresenta característica de animacidade, o que permite pensarmos que a serpente seria capaz de agir para concretizar a volição, isto é, ela seria capaz de buscar a presa que queria encontrar. Essa busca é marcada pela incerteza epistêmica característica da volição, uma vez que não há garantia de que o desejo se concretize. A volição projeta o evento volitivo para o campo da futuridade, característica relacionada à categoria *irrealis*, uma vez que o desejo pode nem ser realizado.

Ocorrência 32:

Texto em latim	Tradução
<p><i>Medea – Comprecor uulguis silentum uosque ferales deos et Chaos caecum atque opacam Ditis umbrosi domum, Tartari ripis ligatos squalidae Mortis specus. supplicis, animae, remissis currite ad thalamos novos: rota resistat membra torquens, tangat Ixion humum, Tantalus securus undas hauriat Pirenidam, [gravior uni poena sedeat coniugis socero mei] lubricus per saxa retro Sisyphum soluat lapis. uos quoque, urnis quas foratis inritus ludit labor, Danaides, coite: uestras hic dies [32] quaerit manus. nunc meis uocata sacris, noctium sidus, ueni pessimos induta uultus, fronte non una minax. (v. 740-751)</i></p>	<p>MEDEIA Invoco a multidão silente e vós, deuses dos mortos, e o cego Caos e a opaca morada do sombrio Plutão, antros da esqualida Morte nas ribanceiras do Tártaro. Poupadas de suplícios, almas, acorrei ao novo enlace. Que a roda da tortura desacelere e Íxion toque o solo. Tântalo, sem receio, sorva as águas de Pirene. Só ao sogro do meu marido caiba castigo maior: que a lisa rocha faça Sísifo revolver sobre as pedras. Vós, que o vão esforço ilude com urnas furadas, Danaides, vinde: este dia [32] exige vossas mãos. Agora, atraído por meus ritos, astro noturno, chega, ameaçando com tuas piores faces, não com uma só.</p>

No excerto acima, o contexto discursivo relaciona-se ao momento em que Medeia começa a invocar os feitiços que está preparando. Ao se referir às Danaides, que passaram suas vidas enchendo jarros furados com água, como punição por terem matado seus maridos, Medeia diz que o trabalho que está preparando “exige” o

concurso de suas mãos. Podemos perceber a volição presente no desejo que Medeia tem de obter a ajuda das Danaides, pois aquele dia, aquela circunstância requeria mãos hábeis como as delas.

A parte formal dessa ocorrência é constituída pelo verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular (*quaerit*), tendo como complemento um acusativo (*manus*) e apresentando sujeito explícito (*hic dies*), anteposto ao verbo, com característica não humana e não animada.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber a presença da volição na cena como um todo, pois Medeia está agindo para realizar o desejo que lhe move: vingar-se. Além disso, detendo-se ao verbo *quaero*, percebe-se que ele tem a semântica volitiva, pois as circunstâncias pelas quais passa Medeia, aquele dia em específico, exige, mãos habilidosas como as das Danaides. Mais uma vez, nos deparamos com um sentido volitivo mais atenuado, relacionado a uma ação, uma vez que aquele dia, aquela circunstância, exigia, ou seja, “precisava, queria possuir” mãos habilidosas para a realização do plano de Medeia. Diferentemente do que encontramos até aqui, o sujeito de *quaero* nessa passagem não tem característica humana nem animada, no entanto, é possível pensar em uma atribuição de característica humana para “o dia” dentro do contexto da peça.

Ocorrências 33 e 34:

Texto em latim	Tradução
<p><i>Medea - Egone ut recedam? si profugissem prius, ad hoc redirem. nuptias specto nouas. quid, anime, cessas? sequere felicem impetum. pars ultionis ista, qua gaudes, quota est? amas adhuc, furiose, si satis est tibi caelebs Iason. [33] quaere poenarum genus haut usitatum iamque sic temet para: fas omne cedat, abeat expulsus pudor; uindicta leuis est quam ferunt purae manus. incumbe in iras teque languentem excita</i></p>	<p>MEDEIA - Logo eu, retroceder? Se tivesse fugido antes, voltaria só pra isto: assisto a núpcias inéditas. Por que paras? Persegue teu ditoso ímpeto, espírito meu. Só parte da vingança já te alegra? Ainda amas, tresloucada, se a ti basta Jasão estar solteiro. [33] Busca um tipo inusitado de castigo e prepara a ti mesma, já, assim: abandona o sagrado e repele qualquer pudor. Mãos puras só suportam uma desforra leve.</p>

<p><i>penitusque ueteres pectore ex imo impetus uiolentus hauri. quidquid admissum est adhuc, pietas uocetur. hoc age! en faxo sciunt quam leuia fuerint quamque uulgaris notae quae commodauit scelera. prolusit dolor per ista noster: quid manus poterant rudes audere magnum, quid puellaris furor? Medea nunc sum; creuit ingenium malis: iuuat, iuuat rapuisse fraternum caput, artus iuuat secuisse et arcano patrem spoliasse sacro, iuuat in exitium senis armasse natus. [34] quaere materiam, dolor: ad omne facinus non rudem dextram afferes.</i></p> <p><i>Quo te igitur, ira, mittis, aut quae perfido intendis hosti tela? nescioquid ferox decreuit animus intus et nondum sibi audet fateri. (v. 893-919)</i></p>	<p>Debruça-te sobre a ira, desperta desse langor e restaura do fundo do peito velhos ímpetos, com toda força. O que se cometeu até aqui, chame-se a isso “pietas”. Reage, e os farei ver</p> <p>quão leves e comuns foram os crimes que cometi para agradar. Do meu rancor, só um prelúdio. Quanto podiam ousar mãos ainda inábeis? Ou o furor de uma menina? Agora sou Medeia! Males nutriram meu talento.</p> <p>Cortei a cabeça do meu irmão e fico feliz, feliz.</p> <p>Fico feliz porque o dilacerei e despojei meu pai da relíquia secreta. Fico feliz de ter armado filhas para dar fim a um velho. [34] Busca assunto, rancor: já não é inculta a destra que levarás a cada delito.</p> <p>Para onde te voltas, ira? Que armas apontas para o pérfido inimigo? Meu espírito decidi não sei que selvageria que ainda não ousa a si mesmo confessar.</p>
---	--

No excerto acima, o contexto discursivo constitui-se de Medeia respondendo a sua Ama, que lhe disse para deixar rapidamente o Peloponeso, para buscar qualquer outra terra. Antes da fala da Ama, o Mensageiro conta ao Coro que o palácio do rei está em chamas, o rei e a filha estão mortos, e que o crime é sobrenatural, pois a água não apaga as chamas, mas aviva o fogo. Medeia não admite fugir; ela, ao contrário, quer atingir mais gravemente Jasão. Ao lembrar antigos crimes, ela os considera como sendo crimes bobos, infantis, uma vez que agora ela é Medeia, capaz de crimes muito maiores. Podemos perceber o sentido volitivo presente em toda a cena. Na ocorrência [33], Medeia, falando consigo mesma, fala para ela buscar um tipo inusitado de castigo, ou seja, quer encontrar algo diferente para servir de punição a Jasão. Na ocorrência [34], ela, novamente, dirigindo-se a si mesma, como *dolor*, um vocativo, busca o assunto a ser tratado.

A parte formal dessa ocorrência constitui-se em [33] do verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 2ª pessoa do singular (*quaeris*), tendo como complemento um acusativo (*genus*) e sujeito implícito (*tu*), com característica humana, em [34], temos o verbo *quaero* conjugado no imperativo presente, na 2ª pessoa do singular (*quaere*), tendo como complemento um acusativo (*materiam*) e sujeito implícito (*tu*).

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos verificar a presença da volição de forma ampla no excerto, uma vez que Medeia quer se vingar de Jasão, é esse seu desejo. Os sujeitos dos verbos analisados licenciam a semântica volitiva, uma vez que têm característica humana, permitindo que eles ajam em direção à realização do desejo. As buscas, tanto em [33] quanto em [34], são marcadas pela incerteza de sua realização, projetando o evento volitivo para o campo da futuridade e relacionando-o com a categoria *irrealis*, o que contribui para a leitura da cena como volitiva.

Ocorrência 35:

Texto em latim	Tradução
<p><i>Medea – [...] Quonam ista tendit turba Furiarum impotens? quem [35] quaerit aut quo flammeos ictus parat, aut cui cruentas agmen infernum faces intentat? ingens anguis excusso sonat tortus flagello. quem trabe infesta petit Megaera? cuius umbra dispersis uenit incerta membris? frater est, poenas petit: dabimus, sed omnes. fige luminibus faces, lania, perure, pectus en Furiis patet. (v. 958-966)</i></p>	<p>MEDEIA [...] Para onde vai essa exaltada horda de Fúrias? [35] Busca quem? Aonde mira o ataque de fogo? A quem o bando infernal direciona as tochas cruentas? Vibra o açoite, e a enorme serpente retorcida dá um silvo. Quem é que Megera, com archote hostil, quer? De quem é a sombra confusa, mutilada? É meu irmão, e quer revide. Darei, total. Crava nos meus olhos tuas tochas, rasga, queima! Eis meu peito aberto às Fúrias.</p>

No excerto acima, o contexto discursivo faz parte da fala de Medeia enquanto ela está executando seu plano; logo após essa fala, ela mata o primeiro filho e chama

o segundo para acompanhá-la até o telhado da casa, levando o corpo do outro filho. No início de sua fala, ela pergunta para onde vai a exaltada horda de Fúrias (personificações da vingança que puniam os mortais), pergunta quem ela busca, ou seja, quem essa horda quer encontrar. A volição está presente no desejo de encontrar algo, assim como nos parece que todo o contexto tem subjacente o grande desejo de Medeia: vingar-se.

A parte formal dessa ocorrência é formada pelo verbo *quaero* conjugado no presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular (*quaerit*), tendo como complemento um acusativo (*quem*). Apresenta sujeito implícito (*turba*), com característica humana.

Com base na descrição dos contextos discursivo e linguístico, podemos perceber, mais uma vez, a volição presente de modo geral na cena, uma vez que Medeia alimenta seu desejo de vingança, chegando a executá-lo. A característica humana do sujeito licencia a semântica volitiva do verbo, na medida em que esse sujeito é capaz de agir a fim de realizar o que se deseja: encontrar alguém. O resultado dessa busca é marcado pela incerteza, uma vez que o evento ocorre no campo da futuridade e, por consequência, se relacionada com a categoria *irrealis*, contribuindo para a leitura da cena como volitiva. Mais uma vez, percebe-se o sentido volitivo relacionado a uma ação, a ação de procurar, de buscar, para encontrar o que se deseja.

3.2. Considerações sobre as análises

Com base na descrição dos excertos em que se encontram as ocorrências do verbo *quaero* nas obras que compõem nossos *corpora*, os dados parecem apontar para a presença de volição na semântica de *quaero*, ainda que, nas ocorrências, o sentido da volição tenha variações, como se atesta, inclusive nas traduções para o português (“querer”, “desejar”, “querer saber”, “querer encontrar”, “procurar”, “buscar”, “requerer”, “exigir”). Nas ocorrências analisadas, foi possível perceber a semântica de volição expressada mais fortemente (contextos em que foi possível traduzir o verbo *quaero* simplesmente para “querer” ou “desejar”), passando por ocorrências intermediárias, nas quais o sentido volitivo associava-se a uma ação (“querer encontrar”, i.e. “buscar, procurar”; “querer saber”, i.e. “perguntar, interrogar”; “querer possuir”, i.e. “exigir, requerer”), até contextos, em menor número, nos quais a

semântica volitiva não estava propriamente presente (como no exemplo [28], quando encontramos o sentido de “buscar” associado a uma semântica da possibilidade, com sujeito indeterminado e, portanto, incapaz de licenciar sentido volitivo).

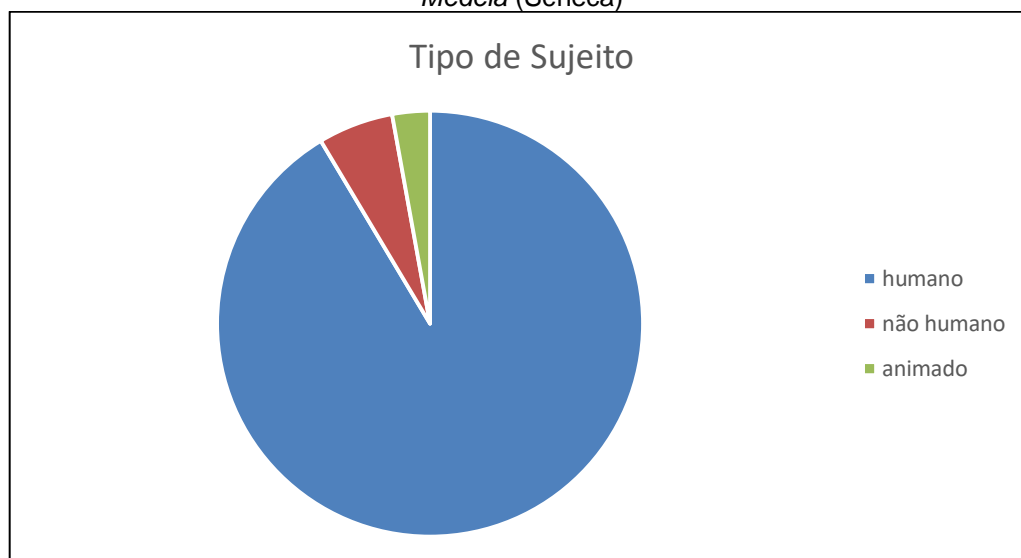
Portanto, percebe-se, através das análises, que a volição se apresenta nos dados analisados de duas formas: a que chamamos de volição plena (não diretamente ligada a outro sentido verbal, frequentemente associado a ação) e a volição + outro sentido verbal (i.e. “querer saber”, “querer encontrar”, “querer possuir”, frequentemente correlacionado a uma ação, “ir em busca de”, “perguntar”, “exigir”). Finalmente, vimos ainda uma única ocorrência em que o sentido volitivo não está presente, o exemplo [28], ocorrência em que a ausência de volição parece justificar-se pela característica sintática do sujeito, um sujeito indeterminado, e pela prevalência de um sentido de impossibilidade. Organizamos, abaixo, as ocorrências em que se percebe a semântica volitiva naqueles dois grupos:

Quadro 4 – Sentidos volitivos de *quaero* em *Estico* e *Anfitrião* (Plauto) e *As Troianas* e *Medeia* (Sêneca)

Volição plena ▪ (“querer”, “desejar”)	Volição + outro sentido verbal, frequentemente associado a ação ▪ “querer encontrar” (i.e., “buscar”, “procurar”) ▪ “querer saber” (i.e., “perguntar”, “interrogar”) ▪ “querer possuir” (i.e., “exigir”, “requerer”)
[3] (sujeito humano); [5] (sujeito humano); [6] (sujeito humano); [19] (sujeito humano); [30] (sujeito humano); [32] (sujeito não humano)	[1] (sujeito humano); [2] (sujeito humano); [4] (sujeito humano); [7] (sujeito humano); [8] (sujeito humano); [9] sujeito humano; [10] (sujeito humano); [11] (sujeito semântico humano); [12] (sujeito humano); [13] (sujeito humano); [14] (sujeito humano); [15] (sujeito humano); [16] (sujeito humano); [17] (sujeito humano); [18] (sujeito não humano); [20] (sujeito humano); [21] (sujeito humano); [22] (sujeito humano); [23] (sujeito humano); [24] (sujeito humano); [25] (sujeito humano); [26] (sujeito humano); [27] (sujeito humano); [29] (sujeito humano); [31] (sujeito animado); [33] (sujeito humano); [34] (sujeito humano); [35] (sujeito humano).

É preciso considerar que da ocorrência [1] a [16], estamos nas obras de Plauto, e da ocorrência [17] a [35], nas obras de Sêneca. Desse modo, conforme nos mostra a tabela, não percebemos diferença significativa de concentração de um tipo de volição em detrimento do outro nas obras consultadas. De fato, nas ocorrências analisadas, as ocorrências em que encontramos o sentido volitivo associado a outra nuance verbal foram predominantes, seja em Plauto, seja em Sêneca. Ao olharmos para as ocorrências de *quaero*, identificamos a predominância de sujeitos humanos, o que, conforme destaca Cezário (2001), é característica do sujeito de verbos volitivos, o qual, acrescentado ao sentido de volição, apresenta a noção de manipulação. Assim, verificamos ainda que tipo de sujeito capaz de licenciar esse traço semântico é majoritariamente humano – ainda que sujeitos “não humano” e “não animado”, como “destino”, “serpente”, “cavalo”, “dia”, possam, devido à força do gênero em que se inserem, um gênero literário, o drama latino, ser compreendidos como “humano”, na medida em que são expressos através de um recurso literário, que transfere a característica humana a seres não humanos – como podemos visualizar no gráfico abaixo:

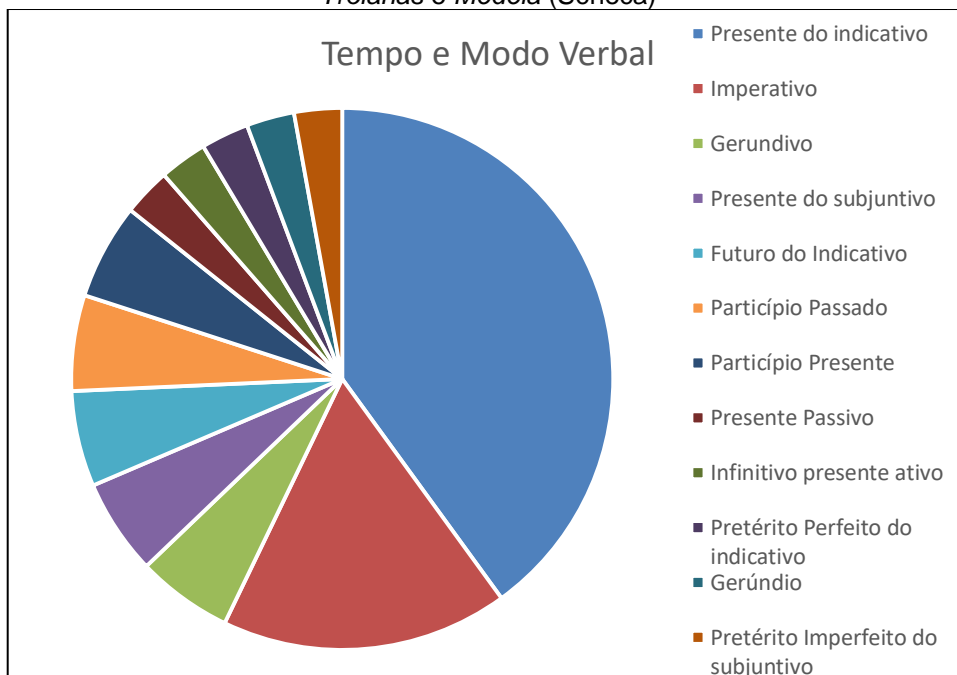
Figura 1 – Tipo de sujeito nas ocorrências de *quaero* em *Estico* e *Anfitrião* (Plauto) e *As Troianas* e *Medeia* (Sêneca)



Com relação ao tempo e modo verbais, ainda que a presença do subjuntivo favoreça o sentido de volição, ela não se mostrou como uma condição necessária,

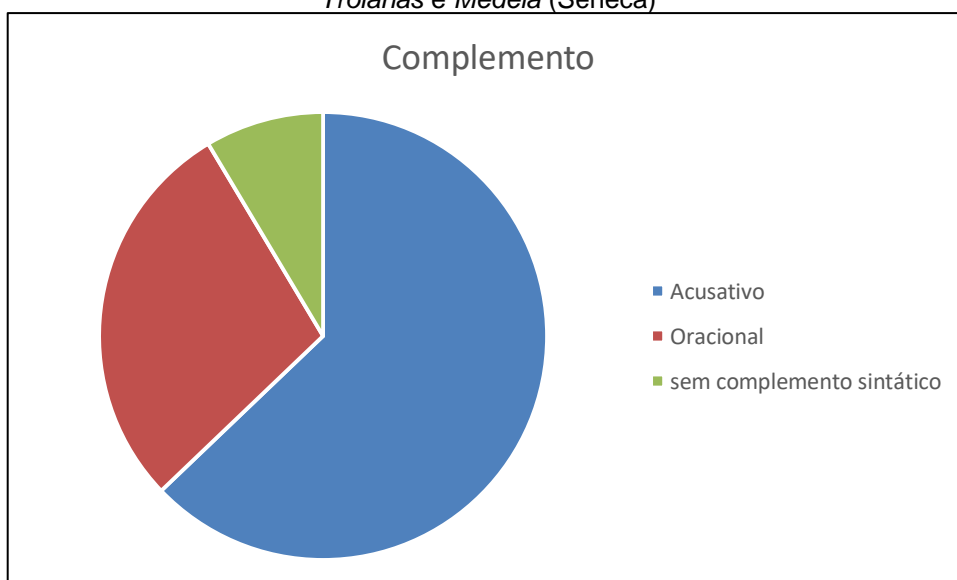
uma vez que, na maioria das ocorrências dentro dos nossos dados, encontramos o verbo no modo indicativo, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Figura 2 – Tempo e Modo Verbal nas ocorrências de *quaero* em *Estico e Anfirião* (Plauto) e *As Troianas e Medeia* (Sêneca)



Com relação às construções sintáticas, *quaero*, nos dados analisados, apresenta como complemento nomes (acusativo) e orações (interrogativa indireta e completiva), sendo os primeiros os mais comuns. Conforme o gráfico abaixo ilustra:

Figura 3 – Complemento verbal das ocorrências de *quaero* em *Estico e Anfirião* (Plauto) e *As Troianas e Medeia* (Sêneca)



Com base na descrição linguística das ocorrências, nas obras analisadas, não foram encontradas diferenças significativas, pois, nas quatro obras, o modo predominante foi o indicativo, com sujeito humano e com complemento em acusativo.

Ao olharmos para o enquadre discursivo, quando analisados os propósitos comunicativos de cada contexto, nota-se a presença da volição permeando toda a cena na maior parte das ocorrências. Embora não se possa propor uma generalização, tendo em vista a limitação dos dados encontrados – tarefa que exigiria uma ampliação significativa dos *corpora*, a semântica de volição presente nos contextos discursivos é indício de um uso volitivo do verbo empregado e da eleição de *quaero* como item lexical que possibilite tal sentido no rol das palavras latinas. Assim, de forma ampla, com base nas obras analisadas, parece-nos possível, de fato, tratar o verbo *quaero* como um verbo volitivo, ainda que não apresente, na maior parte de suas ocorrências, sentido volitivo pleno, tal qual *uolo*; mas, de todo modo, possibilita que o pensemos como originariamente volitivo, o que poderia explicar sua permanência como volitivo pleno prototípico em algumas das línguas românicas, como o português e o espanhol.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo investigar a presença da semântica volitiva no verbo *quaero*. Para realização de tal tarefa, foram analisadas ocorrências de *quaero* em duas peças de Plauto, *Estico* e *Anfitrião*, e em duas peças de Sêneca, *As Troianas* e *Medeia*, a fim de dispormos de dois momentos históricos distintos e verificar se esse fator interferiria nas ocorrências desse verbo.

O objeto estudado, o verbo *quaero*, foi analisado através de uma perspectiva linguística, a funcionalista, que percebe a língua como codependente da situação discursiva em que ocorre. Dentro dessa visão de linguagem, a forma linguística é motivada pelas exigências comunicativas. Portanto, buscamos analisar paralelamente aspectos formais (morfossintáticos) e contextuais (associados ao enquadre comunicativo, discursivo, ao gênero literário e às “intenções comunicativas” das personagens), pois, conforme pontua Furtado da Cunha (2001), sendo a função mais importante da língua a interação contínua entre as pessoas, essa função deve, em alguma medida, condicionar a forma do código linguístico.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida lançou mão de textos literários escritos em latim como materiais empíricos de análise, partindo-se do pressuposto de que esses textos revelam efetivos usos linguísticos de usuários da língua latina pertencentes a dois momentos temporais distintos, o século III-II a.C., com o latim plautino; e o século I d.C., com o latim senequiano. Conforme apontamos anteriormente, a limitação de ocorrências e a relativamente restrita extensão dos *corpora* não favorecem uma pesquisa quantitativa, mas permitem uma análise amostral do uso de *quaero*, em Plauto e em Sêneca, demonstrando indícios de usos linguísticos oriundos das épocas dos dois autores.

A partir das análises das ocorrências de *quaero* nas obras selecionadas, foi identificada a presença da semântica volitiva, primeiramente, de modo geral, permeando o contexto discursivo da cena. Ainda que não se possa fazer generalizações, devido à limitação dos dados encontrados, essa semântica volitiva ampla presente nas cenas contribui para o uso volitivo do verbo *quaero*. Nas ocorrências de *quaero* analisadas, os sujeitos com característica humana foram preponderantes, fator que vai ao encontro do que pontua Cezário (2001, p. 10) sobre os verbos volitivos que requerem sujeitos humanos capazes de licenciar a semântica

de um sujeito capaz de vir a agir em relação a um propósito volitivo. As análises apontaram, com relação aos *corpora* selecionados, para uma semântica volitiva de *quaero*, em sua maioria, relacionada a uma ação (buscar, procurar, interrogar etc.), o que difere de Cunha e Souza (2007, p. 47) sobre o verbo “querer”, que, quando funcionada como verbo pleno, está semanticamente mais próximo de um estado do que de uma ação. Esse valor de “estado” relacionado ao verbo “querer” foi encontrado em *quaero* em algumas poucas ocorrências analisadas, nas quais ele poderia ser traduzido simplesmente por “querer” ou “desejar”. A volição encontrada no verbo *quaero*, dentro do limite dos nossos dados, marca a possibilidade de realização do desejo do sujeito, seja de “querer, desejar algo”, “querer saber alguma informação”, “querer encontrar algo ou alguém”. Sendo a volição marcada por uma possibilidade, ela projeta o evento volitivo para o campo da futuridade que se relaciona com a categoria *irrealis*.

Desse modo, embora não possam ser feitas generalizações acerca da semântica volitiva de *quaero*, a semântica volitiva presente nos contextos discursivos analisados aponta para um uso de *quaero* como volitivo. Assim, com base nas obras analisadas, parece-nos possível conferir ao verbo *quaero* o tratamento de verbo volitivo, o que contribuiria para a compreensão da permanência de seu sentido volitivo, representando a forma verbal volitiva prototípica, de algumas línguas românicas, como o português e o espanhol.

Acreditamos que o trabalho realizado será relevante aos estudos que focalizam a língua em uso, contribuindo para que o estudo de línguas antigas ganhe espaço no âmbito dos estudos linguísticos. Ademais, este trabalho também proporciona, ainda que de maneira amostral, uma nova interpretação semântica para o verbo *quaero*.

Contudo, reconhecemos as limitações de nossa pesquisa, bem como a necessidade de continuidade do trabalho a fim de encontrar novas evidências acerca da semântica volitiva do verbo *quaero*.

A partir deste trabalho, questionamentos são colocados para trabalhos futuros, como a possibilidade de, em algum momento da história do verbo *quaero*, ele ter competido pela expressão da volição com o verbo volitivo prototípico do latim, *uolo*. Nesse sentido, a partir deste trabalho que demonstra usos do verbo *quaero* como volitivo dentro dos *corpora* analisados, trabalhos futuros são vislumbrados, os quais podem contribuir para o entendimento da semântica do verbo *quaero*, além de proporcionar reflexões sobre o estudo das modalidades na língua latina.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Latina*. 30. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.
- ANGUITA JAÉN, J. M. Acercamiento etimológico al cast. (gall.-port.) buscar: lat. poscere. *Cuadernos de Filología Clásica*. Estudios Latinos. 2007, 27, núm. 2. Pp. 197-216.
- ANGUITA JAÉN, J. M. La desaparición de uolo-uelle ‘querer’ y su sustitución por quaero-quaerere ‘buscar’ en gallego, portugués y castellano. *VERBA* 2010, v. 37, p. 331-344.
- BASSO, R. M. GONÇALVES, R. T. *História concisa da língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BYBEE, J. L.; *Língua, uso e cognição*; tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar. Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CARDOSO, I. T. *Estico de Plauto*: introdução, tradução e notas. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- CARDOSO, I. T. Aspectos da liberdade em As Troianas de Sêneca. In: *Letras Clássicas*, n. 3, p. 229-256, 1999.
- CARDOSO, Z. A. *As Troianas*. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.
- CARDOSO, Z. A. O Anfitrião, de Plauto: uma tragicomédia? In: *Itinerários*, Araraquara, n. 26, 15-34, 2008.
- CARVALHO, L. L.; SOUSA, F. C. Quaero e a expressão da volição. *Rónai: Revista de estudos clássicos e tradutórios*, v. 4, p. 127-138, 2016.
- CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2007.
- CASTILHO, A. T. de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106
- CEZARIO, M. M. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- CLIMENT, Mariano Bassols de. *Sintaxis Latina I*. Madrid 1973.
- CODOÑER, C. *Historia de la Literatura Latina*. Ed., Madrid, Cátedra, 1997.

- COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- COSTA, L. N. da. *Anfitrião de Plauto*. Introdução, tradução e notas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. de. *Transitividade e seus contextos de usos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire de mots*. Paris: Klincksieck, 1951.
- FORTES, F. S. Marcadores discursivos em Stichus: oralidade e estilização na linguagem plautina. *Scripta Philologica*, v. 4, p. 246-262, 2008.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6.ed. Rio de Janeiro, FAE, 1992.
- FARIA, E. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FREITAS, R. C. *Cuncta quantiam – Medeia abala estruturas*. O teatro de Sêneca e sua permanência na cena contemporânea: tradução e estudo da recepção. São Paulo, 2015.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (orgs.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. In: *Revista Delta*. São Paulo, v.17, n.1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100001>. Acesso em 30 de dezembro de 2017.
- GELLIUS, A. *Les nuits attiques*. Paris: Garnier, 1934.
- GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: Benjamins, 1985,
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological Introduction*. Philadelphia: John Benjamins, 1984.
- GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. *História da Língua*. Florianópolis: LLV/CCE?UFSC, 2010.

HENDERSON, J. *Pliny's Letters: A Portrait of the Artist as a Figure of Style*, Omnibus 4: 31–2, 1982.

HOFMANN, J. B. *Lateinische Umgangssprache*. Heldeberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1951.

LINDSAY, W. M. *Syntax of Plautus*. New York, G. E. Stechert & Co., 1936.

Marco Maggiore. *Note di etimologia romanza a margine dell'articolo */'kur-e-/ (quaerre) del Dictionnaire Etymologique Roman*. Communication sans actes au 10e colloque latin vulgaire - latin tardif" (Bergame, 4-9 septembre 2012) p. 6-7.

MAURER Jr., T. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris Editions Klincksieck, 1977

NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico Resumido*. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura. 1966.

NEVES, G. A história do verbo querer. 2014. In: *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte.iul.pt/consultorio/perguntas/a-historia-do-verbo-querer/33157>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

NOVAK, M. G. Medéia de Sêneca. In: *Letras Clássicas*, n. 3, p. 147-162, 1999.

OLIVEIRA, N. F. de. *O desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa: uma abordagem construcional*. Tese de doutorado em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

OXFORD. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford, Clarendon Press, 1968.

PALMER, L. R. *The Latin Language*. London, Faber & faber Limited, 1977.

PIMPÃO, T. S. Modo subjuntivo - complexidade superior à idealização da tradição gramatical. In: *XVI Jornada de Estudos Linguísticos*, 1999, Fortaleza. *Anais da XVI Jornada de Estudos Linguísticos*, 1999. v. II. p. 578-582.

POCCETTI et al. *Una storia della lingua latina*. Formazione, usi, comunicazione. Paolo Poccetti, Diego Poli, Carlo Santini, Carocci editore, 2006.

REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. v. 5. Trad. Henrique C. Lima Vaz & Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.

RUBIO FERNÁNDEZ, L. et al. *Nueva Gramática Latina*. Madrid: Editorial Colóquio, 1985.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12a ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SOUSA, F. C. *Volição, futuridade, irrealis*: gramaticalização nas construções com verbo “querer”. Tese de doutorado em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português*. Tese de doutorado. Campinas: IEL / UNICAMP, 1991.

_____. *Gramaticalização de verbos*: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Relatório de Pós-doutorado em Linguística, 2002, 131ps.

_____. *O aspecto verbal no português*: a categoria e sua expressão. 4 ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TOLEDO, C. R. de. O teatro do engano. In: *Revista FAPESP*. São Paulo: Ed. 216. 2014. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/02/12/o-teatro-engano/>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2017.

_____. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. O. B.; MARQUESI, S. C. (org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino*. v. 2. São Paulo: EDUC, 2007.

VASCONCELLOS, P. S. de. *Sintaxe do período subordinado latino*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2013.

Anexo

Ocorrências Estico				
	Texto em latim	Tradução	Subcategorias	Tradução Proposta
1	<p>{PAN.} <i>Placet; táceo.</i> {SOR.} <i>At meminervis fácito.</i> [{PAN.}] <i>Nolo égo, soror, me credi esse immemorem viri, neque ille éos honores, mihi quos habuit, perdidit; nam pol mihi grata acceptaque eiust benignitas. et me quidem haec condicio nunc non paenitet, neque est cur [non] studeam has nuptias mutarier; verum postremo in patris potestate est situm: faciendum id nobis quod parentes imperant.</i> {SOR.} <i>Scio, atque in cogitando maerore augeor, nam propemodum iam ostendit suam sententiam.</i> {PAN.} <i>Igitur [1] quaeramus, nobis quid facto usus sit.] (v. 48-57)</i></p>	<p>PANE - Está bem: eu me calo. PÂNFI- Mas trate de se lembrar disso! PANE: Não quero, irmã, que pensem ter eu me esquecido de meu marido, e a consideração que ele tinha por mim não foi em vão; pois, por Pólux, agradeço e reconheço o bem que ele me fez. E, no fundo, não me arrependo deste casamento, e nem há razão, não, para que eu queira trocar de marido. Mas, em última instância, isso depende da determinação de nosso pai: é nosso dever fazer o que os pais ordenam. PÂNFI – Sei e só de pensar sofro de tristeza, pois ele já mostrou muito bem qual é sua decisão. PANE - Então [1] vamos querer saber de nós mesmas o que é que devemos fazer.</p>	<p>1. <i>quaeramus</i> Morfologia: Tempo: Presente Pessoa: 1ª plural Modo: Subjuntivo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: oracional (Interrogativa Indireta) (<i>nobis quid facto usus sit</i>) Sujeito: implícito* [humano] Posição:</p>	1. querer saber
2	<p>{ANT.} <i>Vostrum animum adhiberi volo;</i> <i>nám ego ad vos nunc imperitus rerum et morum mulierum,</i></p>	<p>ANTI- Quero que vocês prestem atenção. É que, agora, eu é que venho até vocês inexperiente quanto aos assuntos e</p>	<p>2. <i>éxquaesitum</i> (exquisitum) Morfologia: Forma nominal: Particípio Passado nominativo neutro singular</p>	2. querer saber

<p>3</p>	<p><i>discipulus venio ad magistras: quibus matronas moribus, quae optumae sunt, esse oportet? sed utraque ut dicat mihi.</i> {SOR.} <i>Quid istuc est quod huc [2] éxquaesítum mulierum mores venis?</i> {ANT.} <i>Pol ego uxorem [3] quaero, postquam vostra mater mortuast.</i> {SOR.} <i>Facile invenies et peiorem et peius moratam, pater, quam illa fuit: meliorem neque tu reperies neque sol videt.</i> {ANT.} <i>At ego ex te [4] éxquaero atque ex istac tua sorore.</i> {SOR.} <i>Edepol pater, scio ut oportet esse: si sint – ita ut ego aequom censeo. (v. 103-113)</i></p>	<p>costumes femininos, como um aluno vai às professoras. Que maneiras as melhores esposas devem ter? Respondam-me, tanto uma quanto a outra. PÂNFI- Mas o que deu em você para vir até aqui [2] querendo saber “maneiras femininas”? ANTI- Por Pólux! Eu [3] quero uma esposa, já que a mãe de vocês está morta. PÂNFI- Fácil vai ser você encontrar uma não só pior do que ela foi como também com maneiras muito piores, pai. Melhor nem você vai descobrir nem o próprio sol vê. ANTI- Mas é de você de sua irmã que eu [4] quero saber essas coisas. PÂNFI- Por Pólux, pai! Eu sei como uma mulher deveria se portar, se é que é possível existirem mulheres do jeito que julgo correto.</p>	<p>Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>mores</i>) Sujeito: implícito* [humano] Posição: 3. quaero Morfologia: Tempo: Presente Pessoa: 1ª singular Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>uxorem</i>) Sujeito: explícito (<i>ego</i>) [humano] Posição: anterior ao verbo 4. exquaero Morfologia: Tempo: Presente Pessoa: 1ª singular Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (implícito) Sujeito: explícito (<i>ego</i>) [humano] Posição: anterior ao verbo</p>	<p>3. querer</p> <p>4. querer saber</p>
<p>5</p>	<p><i>Gelasimus – [...] <atque> auditavi saepe hoc volgo dicier, solere elephantum gravidam perpetuos decem esse annos; eius ex sémine haec certost fames,</i></p>	<p>Gelásimo – [...] Muitas vezes eu ouvi o povo falar assim: em geral uma elefanta fica grávida por dez infindáveis anos. Certamente essa fome vem de um sêmen dessa espécie. Pois já</p>	<p>5. quaerat Morfologia: Tempo: Presente Pessoa: 3ª singular Modo: Subjuntivo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo</p>	<p>5. querer</p>

6	<p><i>nam iam complures annos utero haeret meo. nunc si ridiculum hominem [5] quaerat quispiam, venalis ego sum cum ornamentis omnibus; inanimentis explementum [6] quaerito. quia inde iam a pausillo puero ridiculus fui. [...]</i> (v. 167-174)</p>	<p>grudou no meu ventre há muitos e muitos anos. Agora, se alguém aí [5] quiser uma pessoa engraçada, estou à venda com todos os apetrechos. Estou [6] querendo um enchimento para a minha inanição. [...]</p>	<p>(<i>hominem ridiculum</i>) Sujeito: explícito (<i>quispiam</i>) [humano] Posição: posterior ao verbo</p> <p>6. quaerito (freq. de quaero) Morfologia: Tempo: Presente Pessoa: 1ª singular Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (explementum) Sujeito: implícito [+animado] Posição:</p>	6. querer
7	<p>G.} <i>Lubente me hercle facies. {E.} Idem ego istuc scio. quando usus veniet, fiet. {GEL.} Nunc ergo usus est. {EPIG.} Non edepol possum. {GEL.} Quid gravare? censeas. nescio quid vero hábeo in mundo. {EPIG.} I modo, alium convivam [7] quaerito tibi in hunc diem. {GEL.} Quin tu promittis? {EPIG.} Non graver, si possiem.</i> (v. 472-479)</p>	<p>Gel – Por Hércules, você me fará muito feliz... Epi – Disso eu sei muito bem. Assim que houver a oportunidade, será feito. Gel – Mas a oportunidade é agora EPI – Não, por Pólux, não posso. GEL. – Por que recusar? Pense bem: tenho uma coisinha pronta para servir. EPI- Ande, então! [7] Procure outro convidado a sua casa hoje Gel. – Por que você não promete ir? EPI: Eu não recusaria se pudesse. [...]</p>	<p>7. quaerito Morfologia: Tempo: Futuro Pessoa: 2ª singular Modo: Imperativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>alium conuiam</i>) Sujeito: implícito [humano] Posição:</p>	7. procurar
Ocorrências Anfitrião				
8	<p>MERCVRIVS – [...] <i>ego servi</i></p>	<p>MERCÚRIO – [...] Já eu assumi para mim</p>	<p>8. quaerent Morfologia:</p>	8. querer saber

9	<p><i>sumpsi Sosiae mi imaginem, qui cum Amphitruone abiit hinc in exercitum, ut praeservire amanti meo possem patri atque ut ne, qui essem, familiares [8] quaerent, versari crebro hic cum viderent me domi; nunc, cum esse credent servom et conservom suom, haud quisquam [9] quaeret qui siem aut quid venerim. [...] (v. 124-130)</i></p>	<p>a feição do escravo Sósia, que partiu daqui rumo ao exército com Anfitrião, para que eu pudesse servir ao meu apaixonado pai, e para que os escravos não ficassem [8] querendo saber quem eu era, ao me verem perambulando com tanta frequência aqui em casa. Agora, como eles creem que eu sou um escravo e que sou um companheiro de escravidão deles, pessoa alguma [9] irá querer saber quem eu sou, ou por que vim.</p>	<p>Pessoa: 3ª plural Tempo: Pretérito Imperfeito Modo: Subjuntivo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: oracional (interrogativa indireta) (<i>qui essem</i>) Sujeito: explícito (<i>familiares</i>) [humano] Posição: anterior ao verbo</p> <p>9. quaeret Morfologia: Pessoa: 3ª singular Tempo: Futuro Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: oracional (interrogativa indireta) (<i>qui siem</i>) Sujeito: explícito (<i>quispiam</i>) [humano] Posição: anterior ao verbo</p>	9. querer saber
10	<p>{MERC.} Quo ambulas tu, qui Volcanum in cornu conclusum geris? {SOS.} Quid id [10] exquiris tu, qui pugnīs os exossas hominibus? {MERC.} Servosne <es> an liber? {SOS.} Vt cumque animo conlibitum est meo. {MERC.} Ain vero? {SOS.} Aio</p>	<p>MERCÚRIO – Para onde você vai, que traz Vulcano encerrado no chifre? SÓSIA- Por que você, que desossa os rostos dos homens com os punhos, [10] quer saber isso? MERCÚRIO - <Você é> um escravo ou um homem livre? SÓSIA – Pois digo a verdade! MERCÚRIO – Verme açoítável!</p>	<p>10. exquiris Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>id</i>) Sujeito: explícito (<i>tu</i>) [humano] Posição: posterior ao verbo</p>	10. querer saber

	<p><i>enim vero. {M.} Verbero.</i> <i>{S.} Mentiris nunc.</i> <i>{MERC.} At iam faciam ut verum dicas dicere. (v. 336-344)</i></p>	<p>SÓSIA- Agora você está mentindo! MERCÚRIO – Mas já vou fazer com que você diga que eu digo a verdade! [...</p>		
11	<p><i>{SOS.} Egomet mihi non credo, cum illaec autumare illum audio;</i> <i>hic quidem certe quae illic sunt res gestae memorat memoriter.</i> <i>sed quid ais? quid Amphitruoni <doni> a Telobois datum est?</i> <i>{MERC.} Pterela rex qui potitare solitus est patera aurea.</i> <i>{SOS.} Elocutus est. ubi patera nunc est?</i> <i>{MERC.} <Est> in cistula;</i> <i>Amphitruonis obsignata signo est. {SOS.} Signi dic quid est?</i> <i>{MERC.} Cum quadrigis Sol exoriens. quid me captas, carnufex?</i> <i>{SOS.} Argumentis vicit, aliud nomen</i> [11] quaerundum est mihi. <i>nescio unde haec hic spectavit. iam ego hunc decipiam probe;</i> <i>nam quod egomet solus feci, nec quisquam alius affuit,</i></p>	<p>SÓSIA – Eu próprio não acredito em mim quando o escuto afirmando essas coisas! Sem dúvida ele certamente rememora de memória os feitos que se passaram ali! Mas o que você me diz: o que foi dado de presente a Anfítrio pelos teléboas? MERCÚRIO- Uma taça de ouro na qual o rei Ptérelas costumava beberiscar. SÓSIA- Ele disse! Onde está a taça, agora? MERCÚRIO – Em uma cestinha lacrada com o selo de Anfítrio. SÓSIA – Venceu-me com os argumentos! Preciso [11] procurar um outro nome para mim! Não sei onde esse aí viu essas coisas... Já vou tapeá-lo direitinho! Pois o que eu mesmo fiz sozinho, sem ninguém mais na tenda, isso, de fato, ele nunca poderia dizer hoje. Se você é Sósia, enquanto as legiões lutavam com todas as forças, o</p>	<p>11. quaerundum Morfologia: Gerundivo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: sem complemento sintático (semântico: <i>aliud nomen</i>) Sujeito: sintático <i>aliud nomen</i>; semântico <i>ego</i> [humano] Posição:</p>	<p>11. procurar</p>

	<p><i>in tabernaclo, id quidem hodie numquam poterit dicere.</i> <i>si tu Sosia es, legiones cum pugnabant maxume, quid in tabernaclo fecisti? victus sum, si dixeris. (v. 416-428)</i></p>	<p>que você fez na tenda? Estou vencido se você disser. MERCÚRIO – Havia um barril de vinho, com ele completei meu copo. [...]</p>		
12	<p>{AMPH.} <i>Ei mihi, iam tu quoque huius adiuvas insaniam? ain heri nos advenisse huc?</i> {ALC.} <i>Aio, adveniensque ilico me salutavisti, et ego te, et osculum tetuli tibi.</i> {SOS.} <i>Iam illud non placet principium de osculo.</i> {AMPH.} <i>Perge exsequi.</i> {ALC.} <i>Lavisti.</i> {AM.} <i>Quid postquam lavi?</i> {AL.} <i>Accubuisti.</i> {S.} <i>Euge optime. nunc [12] exquire.</i> {AMPH.} <i>Ne interpella. perge porro dicere.</i> {ALC.} <i>Cena adposita est; cenavisti mecum, ego accubui simul. (v. 797-802)</i></p>	<p>ANFITRIÃO – Ai de mim! Agora até você ajuda a insanidade dela? Você está dizendo que nós chegamos aqui ontem? ALCMENA – Estou dizendo e, chegando aqui, você me cumprimentou, e eu e você, e eu beijei você, SÓSIA: Já não me agrada, desde o princípio, essa história de beijo... <anfitrião> - Vá, prossiga. ALCMENA- Você se deitou. SÓSIA – Muito bem, excelente! Agora [12] pergunte! ANFITRIÃO – Não interrompa! Continue a dizer, adiante! ALCMENA – O jantar foi servido. Você jantou comigo, eu me deitei junto com você. [...]</p>	<p>12. exquire Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Ativo Modo: Imperativo Morfofossintaxe: Transitivo Complemento: Implícito (Interrogativa Indireta) Sujeito: implícito (<i>tu</i>) [humano] Posição:</p>	<p>12. perguntar</p>
13	<p>{ALC.} <i>Obsecro ecastor, cur istuc, mi vir, ex ted audio?</i> {AMPH.} <i>Vir ego tuos sim? ne me</i></p>	<p>ALCMENA – Eu imploro, por Cástor, meu marido, por que eu estou ouvindo isso de você?</p>	<p>13. quaeris Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfofossintaxe:</p>	<p>13. querer saber</p>

	<p><i>appella, falsa, falso nomine.</i> {SOS.} <i>Haeret haec res, si quidem haec iam mulier facta est ex viro.</i> {ALC.} <i>Quid ego feci, qua istaec propter dicta dicantur mihi?</i> {AMPH.} <i>Tute edictas facta tua, ex me [13] quaeris quid deliqueris.</i> {ALC.} <i>Quid ego tibi deliqui, si, cui nupta sum, tecum fui? [...]</i> (v. 812-817)</p>	<p>ANFITRIÃO- Seu marido é o que eu sou? Não se dirija a mim com um falso nome, sua falsa! SÓSIA- Esse caso está empacado, certamente, se ele, de marido, virou mulher! ALCMENA- O que foi que eu fiz para que se digam tais palavras contra mim? ANFITRIÃO – Você [13] quer saber de mim em que você errou? Você própria está declarando seus feitos! ALCMENA – Em que errei com você, se estive com você, com que eu sou casada? [...]</p>	<p>Transitivo Complemento: oracional (interrogativa indireta) (<i>quid deliqueris</i>) Sujeito: implícito (<i>tu</i>) [humano] Posição:</p>	
14	<p>{AMPHITRVO} <i>Naúcratem quem cónvenire vólui, in navi nón erat, neque domi neque in urbe invenio quemquam qui illum viderit. nam omnis plateas perreptavi, gymnasia et myrpolia; apud emporium atque in macello, ín palaestra atque in foro, in medicinis, in tonstrinis, apud omnis aedis sacras sum defessus [14] quaeritando: nusquam invenio Naúcratem.</i></p>	<p>ANFITRIÃO – O Náucrates, quem eu queria encontrar, não estava no navio, nem em casa, e não encontro ninguém na cidade que o tenha visto. De fato, já entrei em todas as praças, ginásios e perfumarias; fui ao empório e ao mercado, à academia e a fórum, aos médicos e às barbearias, fui a todos os templos sagrados... estou cansado [14] de ficar procurando, em lugar nenhum encontro o Náucrates! Agora irei para a casa e continuarei a [15]</p>	<p>14. quaeritando Morfologia: Gerúndio Morfossintaxe: Transitivo Complemento: implícito (<i>Naúcratem</i>) Sujeito: implícito (<i>ego</i>) [humano] Posição:</p> <p>15. exquirere (ex + <i>quaero</i>) Morfologia: Infinitivo Presente Ativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: oracional (interrogativa indireta) (<i>quis fuerit quem propter</i></p>	<p>14. procurar</p> <p>15. interrogar</p>

<p>15</p>	<p><i>nunc domum ibo atque ex uxore hánc rem pergám</i> [15] exquirere, <i>quis fuerit quem propter corpus suom stupri compleverit. nam me, quam illam quaestionem inquisitam hodie amittere, mortuom satiust. sed aedis occluserunt. eugepae, pariter hoc fit atque ut alia facta sunt. feriam foris. aperite hoc. heus, ecquis hic est? ecquis hoc aperit ostium? (v. 1009- 1020)</i></p>	<p>interrogar minha esposa sobre esse caso; quero saber quem foi o culpado por ela ter coberto seu corpo de desonra. Pois prefiro morrer hoje a deixar aquela questão sem respostas. Mas fecharam a casa! Maravilha! As coisas se passam aqui da mesma maneira que se passaram em outros lugares! Vou bater à porta. Abram agora! Ei, tem alguém aí? Alguém abre essa porta?</p>	<p><i>corpus suom stupri compleverit)</i> Sujeito: implícito (ego) [humano] Posição:</p>	
<p>16</p>	<p>{AMPH.} <i>At ego te cruce et cruciatu mactabo, mastigia.</i> {(MERC.)} <i>Érus Amphitruo<st> occupatus.</i> {(MERC.)} <i>abiendi nunc tibi etiam occasiost.</i> {(MERC.)} <i>Optimo iure infringatur aula cineris in caput.</i> {(MERC.)} <i>Ne tu postules matulam unam tibi aquae infundi in caput.</i> {(MERC.)} <i>Laruatú's. edepol hominem miserum. medicum [16] quaerita.</i></p>	<p>ANFITRIÃO – Mas eu vou consagrar você aos deuses na cruz e no suplício, saco de pancadas. MERCÚRIO- O meu senhor Anfitrião está ocupado. MERCÚRIO – Seria uma ótima ideia quebrar uma panela de cinzas na sua cabeça! MERCÚRIO- Você está possuído! Por Pólux, pobre homem! [16] Procure um médico! [...]</p>	<p>9. quaerita (freq.. de <i>quaero</i>) Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Modo: Imperativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>medicum</i>) Sujeito: implícito (<i>tu</i>) [humano] Posição:</p>	<p>Procurar</p>
<p>Ocorrências As Troianas</p>				

<p>17</p>	<p>{CHO.} '<i>Felix Priamus' dicimus omnes: secum excedens sua regna tulit. nunc Elysii nemoris tutis errat in umbris interque pias felix animas Hectora [17] quaerit.</i> <i>Felix Priamus: felix quisquis bello moriens omnia secum consumpta tulit (v. 154-162)</i></p>	<p>Coro - “Feliz Príamo!”, dizemos nós todas. Partindo, levou consigo seu reino. Agora, nas sombras tranquilas do bosque do Elísio, vagueia feliz e entre as almas piedosas [17] quer encontrar Heitor. Feliz Príamo! Feliz todo aquele que, morrendo na guerra, vê todas as coisas morrerem consigo.</p>	<p>17. quaerit Morfologia: Pessoa: 3ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>Hectora</i>) Sujeito: explícito (<i>Felix Priamus</i>) [humano] Posição: anterior ao verbo</p>	<p>17. quer encontrar</p>
<p>18</p>	<p><i>Talthybus- [...] Emicuit ingens umbra Thessalici ducis, Threicia qualis arma proludens tuis iam, Troia, fatis strauit aut Neptunium cana nitentem perculit iuuenem coma, aut cum inter acies Marte uiolento furens corporibus amnes clusit et [18] quaerens iter tardus cruento Xanthus errauit uado, aut cum superbo uictor in curru stetit egitque habenas Hectorem et Troiam trahens. [...] (v., 181-189)</i></p>	<p>Taltíbio – [...] Saiu para fora a sombra imensa do chefe tessálico, tal como quando derrubou o jovem filho de Netuno, de alva cabeleira reluzente; ou como quando, enfurecido na batalha pela violência de Marte, obstruiu os rios com cadáveres, e o Xanto, [18] procurando uma passagem, uma vez que tinha sido retardado em seu curso, saiu para fora do leito ensanguentado; ou, ainda, como quando vencedor, em pé, no carro soberbo, segurou as rédeas, arrastando Heitor e Tróia. [...]</p>	<p>18. quaerens Morfologia: Particípio Nominativo singular masculino Tempo: Presente Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>iter</i>) Sujeito: explícito (<i>Xanthus</i>) [não humano] Posição: posterior ao verbo</p>	<p>18. procurar</p>

<p>19</p>	<p>{CALCHAS} <i>Dant fata Danais quo solent pretio uiam: mactanda uirgo est Thessali busto ducis; sed quo iugari Thessalae cultu solent Ionidesue uel Mycenaeae nurus, Pyrrhus parenti coniugem tradat suo: sic rite dabitur. Non tamen nostras tenet haec una puppes causa: nobilior tuo, Polyxene, cruore debetur cruor. quem fata [19] quaerunt, turre de summa cadat Priami nepos Hectoreus et letum oppetat. tum mille uelis impleat classis freta. (v. 360-370)</i></p>	<p>Calcante Os fados autorizam a partida dos dânaos pelo preço a que estão acostumados: a virgem deve ser imolada sobre a sepultura do chefe tessálico, mas com o cerimonial com que costumam casar-se as jovens da Tessália, da Jônia ou da Micenas; que Pirro conduza a esposa até seu pai: assim ela será concedida conforme o ritual. Entretanto não é este o único motivo que retém nossos navios. É reclamado, Políxena, um sangue mais nobre que o teu sangue. Quem os destinos [19] desejam que seja atirado da torre mais alta e sofra a morte é o neto de Príamo, o filho de Heitor. Então, que a nossa armada encha o mar com as suas mil velas.</p>	<p>19. quaerunt Morfologia: Pessoa: 3ª plural Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: oracional (<i>turre e summa cada Priami nepos Hectoreus et letum oppetat</i>) Sujeito: explícito (<i>fata</i>) [humano*] Posição: anterior ao verbo</p>	<p>19. desejar</p>
<p>20</p>	<p>CHORUS [...] <i>Post mortem nihil est ipsaque mors nihil, uelocis spatii meta nouissima; spem ponant auidi, solliciti metum: tempus nos auidum deuorat et chaos. mors indiuidua est, noxia corpori</i></p>	<p>CORO [...] Depois da morte nada mais existe e nada é a própria morte, a meta suprema de uma corrida veloz. Que os gananciosos aí deixem a esperança; os tímidos, o medo. O tempo guloso nos devora e também o caos. A morte é indivisível: destrói o corpo e não poupa a alma. O Tênaros,</p>	<p>20. quaeris Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: oracional (interrogativa indireta) (<i>quo iaceas post obitum loco</i>)</p>	<p>20. querer saber</p>

	<p><i>nec parcens animae: Taenara et aspero regnum sub domino limen et obsidens custos non facili Cerberus ostio rumores uacui uerbaque inania et par sollicito fabula somnio.</i> [20] quaeris quo iaceas post obitum loco? quo non nata iacent. (v. 397-408)</p>	<p>reino sob um senhor inflexível, e Cérbero, guardião que bloqueia o limiar de uma entrada não fácil, são sons vazios e palavras inofensivas, miragens iguais às do sonho agitado. [20] Queres saber em que lugar jazerás após a morte? No lugar em que jazem os que não nasceram.</p>	<p>Sujeito: implícito (o interlocutor – <i>tu</i>) [humano] Posição:</p>	
21	<p><i>Andrômaca - [...] luuat tamen uidisse. tum quassans caput: 'dispelle somnos' inquit 'et natum eripe, o fida coniunx: lateat, haec una est salus. omitte fletus – Troia quod cecidit gemis? utinam iaceret tota. festina, amoue quocumque nostrae paruulam stirpem domus.' mihi gelidus horror ac tremor somnum excutit, oculosque nunc huc pauida, nunc illuc ferens oblita nati misera</i> [21] quaesiui Hectorem: fallax per ipsos umbra complexus abit. (v.,. 451-460)</p>	<p>ANDRÔMACA - [...] Alegro-me contudo, por tê-lo visto. Então, sacudindo a cabeça, ele me disse: - “Dissipa teu sono, esposa fiel, e toma o teu filho. É preciso que ele se esconda. Há apenas um meio de salvação: para de chorar. Choras porque Troia caiu? Oxalá toda ela estivesse por terra! Apressa-te, porém. Oculta, em qualquer lugar que seja, a pequenina estirpe de nossa casa”. Um gélido arrepio e um violento tremor sacudiram-se o sono. Amedrontada, olhando para todos os lados, esquecida de meu filho e infeliz, [21] procurei Heitor: a sombra falaz desvaneceu-se através de meus abraços. [...]</p>	<p>21. quaesiui Morfologia: Pessoa: 1ª singular Tempo: Pretérito Perfeito Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>Hectorem</i>) Sujeito: implícito (<i>ego</i>) [humano] Posição:</p>	<p>21. procurar</p>

<p>22</p>	<p>{SEM.} <i>Haec causa multos una ab interitu arcuit credi perisse.</i> {AN.} <i>Vix spei quicquam est super: graue pondus illum magna nobilitas premit; Ne prodat aliquis.</i> {SEN.} <i>Amoue testes doli.</i> {AN.} <i>Si [22] quaeret hostis?</i> {SEN.} <i>Vrbe in euersa perit: (v. 488- 495)</i></p>	<p>ANCIÃO- Este único motivo salvou a vida de muitos da morte: serem dados por mortos. ANDRÔMACA- Apenas um pouco de esperança subsiste. Um peso imenso oprime: sua grande nobreza. Para que ninguém o traia... ANCIÃO- Afasta as testemunhas de teu ardil. ANDRÔMACA: E se o inimigo [22] exigir? ANCIÃO- Dize que morreu na cidade destruída.</p>	<p>22. quaeret Morfologia: Pessoa: 3ª singular Tempo: Futuro Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: implícito Sujeito: explícito (<i>hostis</i>) [humano] Posição: posterior ao verbo</p>	<p>22. exigir</p>
<p>23</p> <p>24</p>	<p>{AN.} <i>Vbi Hector? ubi cuncti Phryges? ubi Priamus? unum [23] quaeris: ego [24] quaero omnia.</i> {VL.} <i>Coacta dices sponte quod fari abnuis: {AN.} Tuta est, perire quae potest debet cupit.</i> {VL.} <i>Magnifica uerba mors prope admota excutit. (v. 572-575)</i></p>	<p>ANDRÔMACA – Onde está Heitor? Onde estão todos os frígios? Onde está Príamo? Tu [23] procuras um; eu [24] procuro todos. ULISSES – Falarás obrigada o que te negas a falar espontaneamente. ANDRÔMACA – Quem pode, deve e deseja morrer está em segurança. ULISSES – A morte próxima destrói palavras grandiosas.</p>	<p>23. quaeris Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>unum</i>) Sujeito: implícito (<i>tu</i>) [humano] Posição:</p> <p>24. quaero Morfologia: Pessoa: 1ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>omnia</i>) Sujeito: explícito (<i>ego</i>) [humano] Posição: anterior ao verbo</p>	<p>23. procurar</p> <p>24. procurar</p>
<p>25</p>	<p>{VL.} <i>Intremuit: hac, hac parte [25] quaerenda est mihi;</i></p>	<p>ULISSES – Ela estremeceu! É por aqui, por este ponto que [25] deve ser</p>	<p>25. quaerenda Morfologia: Gerundivo Morfossintaxe:</p>	<p>25. questionar</p>

	<p><i>matrem timor detexit: iterabo metum.</i> <i>ite, ite celeres, fraude materna abditum hostem, Pelasgi nominis pestem ultimam, ubicumque latitat, erutam in medium date.</i> <i>bene est: tenetur. perge, festina, attrahe quid respicis trepidasque? iam certe perit. (v. 625-63)</i></p>	<p>questionada. O temor denuncia a mãe. Reativarei seu medo. Ide, ide, céleres. Trazei à força, para junto de nós, o inimigo escondido pelo amor materno, o último flagelo do nome pelasgo, onde quer que ele esteja. Ótimo! Já foi descoberto! Anda, apressa-te, traze-o. Por que olhas e tremes? Ele certamente já está morto.</p>	<p>Transitivo Complemento: intransitivo - sem complemento Sujeito: Posição:</p>	
26	<p>{HEC.} <i>Ite, ite, Danai, petite iam tuti domos; optata uelis maria diffusis secet secura classis: concidit uirgo ac puer; bellum peractum est. quo meas lacrimas feram? ubi hanc anilis expuam leti moram? natam an nepotem, coniugem an patriam fleam? an omnia an me? sola mors uotum meum, infantibus, uiolenta, uirginibus uenis, ubique properas, saeua: me solam times uitasque, gladios inter ac tela et faces</i></p>	<p>HECUBA - Ide-vos, ide-vos, dânaos. Dirigi-vos, com segurança, a vossos lares. A armada sangrará tranquila os mares almejados, com as velas infladas: a virgem e o menino morreram; a guerra terminou. Para onde levarei as minhas lágrimas? Onde rejeitarei o adiamento da morte desta anciã? Chorarei minha filha ou meu neto? Meu esposo ou minha pátria? Tudo isso ou a mim? Ó morte, que és meu único desejo, vens violenta para as crianças e para as virgens, apressa-te cruel por toda parte. Temes apenas a mim, evita-me. [26] Tendo te procurado durante toda noite, entre as espadas, as</p>	<p>26. quaesita Morfologia: Particípio Tempo: Passado Ablativo singular (Ablativo absoluto) Morfossintaxe: Transitivo Complemento: implícito (<i>mortem</i>) Sujeito: implícito (<i>Hecuba</i>) [humano] Posição:</p>	<p>26. procurar</p>

	<p>[26] quaesita tota nocte, cupientem fugis. <i>non hostis aut ruina, non ignis meos</i> <i>absumpsit artus: quam prope a Priamo steti.</i> (v. 1165-1177)</p>	<p>armas e as flechas ardentes, tu fugiste de quem te desejava, nem o inimigo, nem o desmoronamento, nem o fogo destruiu meus membros: e eu estava tão perto de Príamo!</p>		
Ocorrências Medeia				
27	<p><i>Medea – [...] Per uiscera ipsa [27] quaere supplicio uiam,</i> <i>si uiuis, anime, si quid antiqui tibi remanet uigoris;</i> <i>pelle femineos metus</i> <i>et inhospitalem Caucasum mente indue.</i> <i>quodcumque uidit Phasis aut Pontus nefas,</i> <i>uidebit Isthmos. effera ignota horrida,</i> <i>tremenda caelo pariter ac terris mala</i> <i>mens intus agitat: uulnera et caedem et uagum funus per artus++leuia</i> <i>memorauit nimis: haec uirgo feci; grauior exurgat dolor:</i> <i>maiora iam me scelera post partus decent.</i> <i>accingere ira teque in exitium para</i> <i>furore toto. paria narrentur tua</i></p>	<p>Medéia – [...] Nas vísceras mesmas, [27] quer encontrar um meio de tortura, se ainda vives, espírito meu. Se te resta algo do antigo vigor, repele os temores femininos e inculca na mente o Cáucaso hostil. Tudo que de nefasto o Fásis viu, ou o Ponto, o Istmo verá. Ferozes, inauditos, horrendos males que fazem tremer juntos céus e terras agitam-se nesta mente. Chagas e massacre e um funeral disperso, em pedaços. É leve demais o que recordei. Fiz isto ainda virgem. Que o meu rancor ressurgja mais grave. Já me cabem crimes maiores depois que dei à luz. Arma-te da ira e prepara-te para a destruição com furor total.</p>	<p>27. quaere Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Modo: Imperativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>uiam</i>) Sujeito: implícito (<i>tu</i>) [humano] Posição:</p>	<p>27. querer encontrar</p>

	<p><i>repudia thalamis: quo uirum linques modo?</i> <i>hoc quo secuta es. rumpe iam segnes moras:</i> <i>quae scelere parta est, scelere linquenda est domus. (v. 40-55)</i></p>	<p>Que se fale da tua separação como do teu enlace. Como deixarás o marido? Como o seguiste. Põe fim já a protelações. Lar concebido no crime, no crime há que deixá-lo.</p>		
28	<p>CHORUS – [...] <i>Quod fuit huius pretium cursus? aurea pellis maiusque mari Medea malum, merces prima digna carina.</i> <i>Nunc iam cessit pontus et omnes patitur leges: non Palladia compacta manu regum referens inclita remos</i> [28] quaeritur <i>Argo++ quaelibet altum cumba pererrat. Terminus omnis motus et urbes muros terra posuere noua, nil qua fuerat sede reliquit peruius orbis: Indus gelidum potat Araxen, Albin Persae Rhenumque bibunt++ uenient annis saecula seris, quibus Oceanus uincula rerum laxet et ingens pateat tellus Tethysque nouos detegat orbis</i></p>	<p>Coro – [...] Quanto valeu esse percurso? O velo de ouro e Medeia, mal maior que o mar: mérito digno do primeiro barco. Agora o oceano já cedeu e todas as leis aceita. Não se [28] busca a Argo, famosa por levar remos da realeza, feita pela mão de Palas. Qualquer canoa vaga pelo alto mar. Cada marco de fronteira foi movido, cidades subiram muros em terra nova. Nada ficou no lugar de antes nesse mundo acessível: o indiano bebe do gélido Aras, persas bebem do Elba e do Reno. Haverá um tempo, em anos futuros, em que o Oceano solte suas amarras e extenso território se abra, Tétis revele novos mundos e o extremo da terra não seja Tule.</p>	<p>28. quaeritur Morfologia: Pessoa: 3ª singular Tempo: Presente Passivo Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: sem complemento sintático; semântico <i>Argo</i>. Sujeito: sintático <i>Argo</i>; semântico indeterminado. Posição:</p>	<p>28. buscar</p>

	<i>nec sit terris ultima Thule. (v. 360-379)</i>			
29	<i>Medea Si [29] quaeris odio, misera, quem statuas modum, imitare amorem. regias egone ut faces inulta patiar? segnis hic ibit dies, tanto petitus ambitu, tanto datus? (v. 397- 400)</i>	MEDEIA Se [29] quieres saber , mísera, qual limite impor ao ódio, imita teu amor. Sem vingança, devo eu aceitar os fachos régios? Passará ocioso este dia cobrado com tanto discurso e concedido com tanto?tanto? (p. 48 pdf)	29. quaeris Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: oracional (completiva) (<i>odio quem statuas modum</i>) Sujeito: implícito (<i>tu</i>) [humano] Posição:	9. querer saber
30	<i>MEDEA – [...] ingratum caput, reuoluat animus igneos tauri halitus interque saeuos gentis indomitae metus armifero in aruo flammeum Aeetae pecus, hostisque subiti tela, cum iussu meo terrigena miles mutua caede occidit; adice expetita spolia Phrixei arietis somnoque iussum lumina ignoto dare insomne monstrum, traditum fratrem neci et scelere in uno non semel factum scelus, ausasque natas fraude deceptas mea</i>	MEDEIA [...] Criatura ingrata, que teu espírito reviva o bafo ardente do touro e, entre os cruéis perigos da raça indômita, o gado flamejante de Eeta no campo onde brotam homens armados e os dardos desse súbito inimigo, quando, sob meu comando, cada soldado brotado da terra tombou em mútua carnificina. Soma o ansiado espólio do carneiro de Frixo e o monstro insone que fiz render os olhos a um sono inédito. Meu irmão atraído para a morte, e, num só crime, o crime repetidamente cometido.	30. quaerens Morfologia: Particípio Presente Ativo Nominativo singular Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>regna aliena</i>) Sujeito: implícito (<i>ego</i>) [humano] Posição:	30. desejar

	<p><i>secare membra non reuicturi senis: [aliena [30] quaerens regna, deserui mea]</i> (v. 465-477)</p>	<p>E as filhas que, enganadas pelo meu ardil, ousaram mutilar um velho que não iria reviver. [30] desejando reinos estrangeiros, desertei do meu.</p>		
31	<p><i>Nutrix - et triste laeua comparans sacrum manu pestes uocat quascumque feruentis creat harena Libyae quasque perpetua niue Taurus coercet frigore Arctoo rigens, et omne monstrum. tracta magicis cantibus squamifera latebris turba desertis adest. hic saeua serpens corpus immensum trahit trifidamque linguam exertat et [31] quaerit quibus mortifera ueniat: carmine audito stupet tumidumque nodis corpus aggestis plicat cogitque in orbes.</i> (v. 680-689)</p>	<p>AMA [...] Usando no pesaroso ritual a mão esquerda, chama as pragas que a areia escaldante da Líbia gera, também as que conserva o eternamente nevado Tauro, enrijecido pelo frio ártico, e tudo quanto é monstruosidade. Atraído com encantos mágicos, dos covis desertos, um elenco de escamados advém. Aqui, a cruel serpente arrasta o imenso corpo, exhibe a trífida língua e [31] busca a quem possa ser mortífera: ouvindo o encantamento, paralisa, e o túmido corpo, acumulando voltas, enrola.</p>	<p>31. quaerit Morfologia: Pessoa: 3ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: oracional (interrogativa indireta) (<i>quibus mortifera ueniat</i>) Sujeito: explícito (<i>saeua serpens</i>) [animado] Posição: anterior ao verbo</p>	<p>31. buscar</p>
32	<p><i>Medea – Comprecor uulgu silentum uosque ferales deos et Chaos caecum atque opacam Ditis umbrosi domum,</i></p>	<p>MEDEIA Invoco a multidão silente e vós, deuses dos mortos, e o cego Caos e a opaca morada do sombrio Plutão,</p>	<p>32. quaerit Morfologia: Pessoa: 3ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo</p>	<p>32. exigir</p>

	<p><i>Tartari ripis ligatos squalidae Mortis specus. supplicis, animae, remissis currite ad thalamos nouos: rota resistat membra torquens, tangat Ixion humum, Tantalus securus undas hauriat Pirenidas, [grauior uni poena sedeat coniugis socero mei] lubricus per saxa retro Sisyphum soluat lapis. uos quoque, urnis quas foratis inritus ludit labor, Danaides, coite: uestras hic dies [32] quaerit manus.++ nunc meis uocata sacris, noctium sidus, ueni pessimos induta uultus, fronte non una minax. (v. 740-751)</i></p>	<p>antros da esquálida Morte nas ribanceiras do Tártaro. Poupadas de suplícios, almas, acorrei ao novo enlace. Que a roda da tortura desacelere e Íxion toque o solo. Tântalo, sem receio, sorva as águas de Pirene. Só ao sogro do meu marido caiba castigo maior: que a lisa rocha faça Sísifo revolver sobre as pedras. Vós, que o vão esforço ilude com urnas furadas, Danaides, vinde: este dia [32] exige vossas mãos. Agora, atraído por meus ritos, astro noturno, chega, ameaçando com tuas piores faces, não com uma só.</p>	<p>Complemento: acusativo (<i>manus</i>) Sujeito: explícito (<i>hic dies</i>) [-animado] Posição: anterior ao verbo</p>	
33	<p><i>Medea - Egone ut recedam? si profugissem prius, ad hoc redirem. nuptias specto nouas. quid, anime, cessas? sequere felicem impetum. pars ultionis ista, qua gaudes, quota est?</i></p>	<p>MEDEIA - Logo eu, retroceder? Se tivesse fugido antes, voltaria só pra isto: assisto a núpcias inéditas. Por que paras? Persegue teu ditoso ímpeto, espírito meu. Só parte da vingança já te alegra?</p>	<p>33. quaere Morfologia: Pessoa: 2ª singular Tempo: Presente Modo: Imperativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>genus</i>) Sujeito: implícito (<i>tu</i>) [humano] Posição:</p>	33. buscar
34	<p><i>amas adhuc, furiose, si satis est tibi</i></p>	<p>Ainda amas, tresloucada, se a ti basta Jasão</p>	<p>34. quaere Morfologia: Pessoa: 2ª singular</p>	34. buscar

<p>caelebs lason. [33] quaere <i>poenarum genus haut usitatum iamque sic temet para: fas omne cedit, abeat expulsus pudor; uindicta leuis est quam ferunt purae manus. incumbe in iras teque languentem excita penitusque ueteres pectore ex imo impetus uolentus hauri. quidquid admissum est adhuc, pietas uocetur. hoc age! en faxo sciant quam leuia fuerint quamque uulgaris notae quae commodauit scelera. prolusit dolor per ista noster: quid manus poterant rudes audere magnum, quid puellaris furor? Medea nunc sum; creuit ingenium malis: iuuat, iuuat rapuisse fratrum caput, artus iuuat secuisse et arcano patrem spoliasse sacro, iuuat in exitium senis</i></p>	<p>estar solteiro. [33] Busca um tipo inusitado de castigo e prepara a ti mesma, já, assim: abandona o sagrado e repele qualquer pudor. Mãos puras só suportam uma desforra leve. Debruça-te sobre a ira, desperta desse langor e restaura do fundo do peito velhos ímpetus, com toda força. O que se cometeu até aqui, chame-se a isso “pietas”. Reage, e os farei ver quão leves e comuns foram os crimes que cometi para agradar. Do meu rancor, só um prelúdio. Quanto podiam ousar mãos ainda inábeis? Ou o furor de uma menina? Agora sou Medeia! Males nutriram meu talento. Cortei a cabeça do meu irmão e fico feliz, feliz. Fico feliz porque o dilacerei e despojei meu pai da relíquia secreta. Fico feliz de ter armado filhas para dar fim a um velho. [34] Busca assunto, rancor:</p>	<p>Tempo: Presente Modo: Imperativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>materiam</i>) Sujeito: implícito (<i>tu</i>) [humano] Posição:</p>	
---	---	--	--

	<p><i>armasse natus.</i> [34] quaere <i>materiam, dolor:</i> <i>ad omne facinus</i> <i>non rudem</i> <i>dextram afferes.</i> <i>Quo te igitur,</i> <i>ira, mittis, aut quae</i> <i>perfidus</i> <i>intendis hosti tela?</i> <i>nescioquid ferox</i> <i>decreuit animus</i> <i>intus et nondum</i> <i>sibi</i> <i>audet fateri. (v.</i> <i>893-919)</i></p>	<p>já não é inculta a destra que levarás a cada delito. Para onde te voltas, ira? Que armas apontas para o pérfido inimigo? Meu espírito decidiu não sei que selvageria que ainda não ousa a si mesmo confessar.</p>		
35	<p><i>Medea – [...]</i> <i>Quonam ista tendit</i> <i>turba Furiarum</i> <i>impotens?</i> <i>quem [35] quaerit</i> <i>aut quo flammeos</i> <i>ictus parat,</i> <i>aut cui cruentas</i> <i>agmen infernum</i> <i>faces</i> <i>intentat? ingens</i> <i>anguis excusso</i> <i>sonat</i> <i>tortus flagello.</i> <i>quem trabe infesta</i> <i>petit</i> <i>Megaera? cuius</i> <i>umbra dispersis</i> <i>uenit</i> <i>incerta membris?</i> <i>frater est, poenas</i> <i>petit:</i> <i>dabimus, sed</i> <i>omnes. fige</i> <i>luminibus faces,</i> <i>lania, perure,</i> <i>pectus en Furiis</i> <i>patet. (v. 958-966)</i></p>	<p>MEDEIA [...] Para onde vai essa exaltada horda de Fúrias? [35] Busca quem? Aonde mira o ataque de fogo? A quem o bando infernado direciona as tochas cruentas? Vibra o açoite, e a enorme serpente retorcida dá um silvo. Quem é que Megera, com archote hostil, quer? De quem é a sombra confusa, mutilada? É meu irmão, e quer revidar. Darei, total. Crava nos meus olhos tuas tochas, rasga, queima! Eis meu peito aberto às Fúrias.</p>	<p>35. quaerit Morfologia: Pessoa: 3ª singular Tempo: Presente Modo: Indicativo Morfossintaxe: Transitivo Complemento: acusativo (<i>quem</i>) Sujeito: implícito (<i>turba</i>) [humano] Posição:</p>	35. buscar